



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

STELA MARIS FURTADO IECK

**USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DO
OLHAR DOS JOVENS**

Rio Grande
2011

STELA MARIS FURTADO IECK

USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DO
OLHAR DOS JOVENS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Martin Gentini

**Rio Grande
2011**

I221u	leck, Stela Maris Furtado
	Uso de drogas na adolescência: a educação ambiental a partir do olhar dos jovens / Stela Maris Furtado leck. – 2011. 179 f. : il.
	Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – Mestrado em Educação Ambiental.
	Orientador: Prof.º Dr.º Alfredo Guillermo Martin Gentini.
	1. Educação ambiental. 2. Drogas. 3. Adolescência. 4. Crack. 5. Sociedade. I. Gentini, Alfredo Guillermo Martin. II. Título
	CDU 504:613.83

Catálogo na fonte: Bibliotecária Simone Tarouco Przybylski CRB-10/1166

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

STELA MARIS FURTADO IECK

USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DO
OLHAR DOS JOVENS

Aprovada em ____/____/____

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini – Orientador
Universidade Federal do Rio Grande**

**Prof. Dr. Jacques Gauthier
Universidade de Paris VIII**

**Profa. Dra. Ivalina Porto
Universidade Federal do Rio Grande**

**Profa. Dra. Ceres Braga Arejano
Prefeitura Municipal do Rio Grande**

Ao meu esposo e filhos por terem me acompanhado nesta jornada, pelo carinho, incentivo e dedicação nos momentos mais difíceis, pelas preocupações que passaram por minha causa, dedico-lhes esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação foi o resultado de uma caminhada que envolveu várias pessoas que contribuíram para a construção do meu conhecimento. Como não posso citá-las todas, agradeço, antecipadamente, a todos aqueles que no decorrer dessa trajetória colaboraram com a minha formação e incentivaram-me a prosseguir fossem quais fossem os obstáculos a serem enfrentados.

Gostaria de agradecer, em específico, aos que cooperaram diretamente na construção deste trabalho.

Ao professor Alfredo Guillermo Martin Gentini, pelo estímulo, pelos conhecimentos teóricos adquiridos que transformaram minha visão de mundo. Por ter sido orientador na construção dessa dissertação e na elaboração do projeto.

Ao professor Claudio Tarouco de Azevedo pelo estímulo e pelos conhecimentos adquiridos nas oficinas de vídeo.

A professora Ludmila Marizykowski que tão gentilmente ministrou aulas de teatro aos participantes desse trabalho.

A professora Simone pelo companheirismo nas horas de aflição, angústia e pela amizade que se constituiu além do espaço da Universidade.

A direção, professores e funcionários da Escola Orientação Profissional Assis Brasil, os quais tão gentilmente cederam espaço para a realização das atividades que resultaram na conclusão deste estudo.

Aos alunos dessa escola, pela atenção e pela participação, as quais foram fundamentais para que esta pesquisa fosse realizada.



CRACK

“A rua está fria
e não há poesia
no ar que envolve
o mascarar destes sorrisos.

A esperança
a ser pavimentada,
em abandono
clama
pela Providência.

Há que se ter prudência
na abordagem do olhar.
Há um crime no clima
que envolve este clamar.

Alguém pode sacar
a arma da palavra
e a depressão do coletivo
pode abalar a bolsa
dos nossos valores

A rua está fria
e o sonho,
mal agasalhado,
é só mais um pedinte
desabrigado de ilusão,
que pulsa por acinte
flagelado no coração”.

Paulo Franco, do livro PAISAGENS DO OLHAR

Foto: alunos da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

RESUMO

Este projeto tematiza os fatores socioambientais que induzem os adolescentes ao uso do crack. A problemática abordada na pesquisa está relacionada às consequências do uso do crack na adolescência. Ao ministrar aulas em uma entidade filantrópica na cidade do Rio Grande que atende a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, percebi a necessidade de desenvolver um trabalho sobre a questão do uso de drogas na adolescência. Diante disso, a justificativa para essa pesquisa está inserida nas estratégias educativas que estão sendo pensadas para conter o avanço do crack. O objetivo principal dessa investigação é a visão que os adolescentes têm sobre o uso dessa substância, pois até o presente momento, nas leituras, as estratégias educativas relacionadas ao uso de drogas, estavam pautadas no olhar dos adultos. Por isso, a partir do olhar dos jovens buscou-se desenvolver um trabalho que possa se constituir num dispositivo de intervenção para alertar outros adolescentes sobre os “riscos” no uso do crack. A análise do corpus teve como base os pressupostos teóricos da Sociopoética, aqui entendida como um “novo método de construção coletiva do conhecimento que preconiza uma abordagem inventiva na análise e produção de dados através das mais variadas formas de expressividade”. A investigação teve como público alvo adolescentes de uma escola da cidade do Rio Grande. A execução do projeto compreende uma abordagem qualitativa que contempla “escolha da pesquisa; escolha do grupo de pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem; estabelecimento de estratégias de entrada em campo”. A parte inicial do trabalho foi realizada junto a biblioteca setorial do CENPRE (Centro Regional de Estudos Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos), onde foi feita uma consulta bibliográfica sobre o uso de substâncias psicoativas na adolescência. Os grupos investigados são adolescentes da faixa etária dos 14 aos 16 anos. ” O instrumento de coleta de dados foi direcionado através da produção de dois vídeos, entrevistas gravadas que foram transcritas e analisadas. Metodologicamente as atividades foram desenvolvidas em 2 (duas) etapas, com dois grupos de jovens. O primeiro elaborou o vídeo ”Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”; o segundo produziu o vídeo “Para além das máscaras”. Nas atividades desenvolvidas, foram aplicadas oficinas de teatro, oficinas de vídeo, oficinas de máscaras e saídas e campo. Os resultados finais desse trabalho comprovam que as consequências do crack na juventude são sempre desastrosas e promovem prejuízos nas mais diversas áreas de funcionamento. As estratégias de prevenção usadas na escola deveriam pensar nos jovens como um dispositivo de intervenção associado a outros órgãos que já atuam no combate ao uso do crack. Ao término dessa pesquisa, considero que as relações sociais e ambientais podem ser favoráveis ao uso do crack. A individualidade, o distanciamento do homem com o mundo natural são o resultado daquilo que estamos vivenciando. Compreendo com essa pesquisa que é preciso reinventar maneiras de ser na escola, no trabalho e em todos os meios sociais. A certeza de perceber o outro pode extinguir o egoísmo, para trilhar a possibilidade de compreensão do todo, sendo que cada um é o todo enquanto tem consciência que faz parte desse todo.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Sociedade. Crack.

ABSTRACT

This research project focuses on Socio-Environmental factors that induce teenagers to crack cocaine abuse and it is inserted on educational strategies to contain crack spread. Until this moment, according to literature, all strategies developed are thought taking into account adults ideas and that is the reason I believe on adolescents' point of view to create a device intervention on youth crack abuse issue. Corpus analysis will be based on theoretical contribution taken from *Sociopoética*, a new method on collective construction of knowledge which advocates an inventive approach on both analysis and production of data through several ways of expressiveness. Target group consists on teenager students in Rio Grande city. Risks produced by a capitalist society and behavior changes through globalization reveal an analytical frame full of controversy as well as confused. Added to this, mental representations elaborated by the "Media World" bring on consumption speed-up and opinion manipulation. In this rupture parenting nets tend to decrease to a minimum level, domestic life is guaranteed by media consumption". Given this, main goal of this study is to analyze social and environmental relations as factors on crack cocaine addiction. Project execution comprehends a qualitative approach which consists in "research definition; research group establishment; sampling criteria choice; strategy to field approach definition. The research starting point was a bibliographic consultation on psychoactive substances abuse in teenagers at CENPRE (Centro Regional de Estudos Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos) sector library. Target students are aged between fourteen and sixteen years old. Data collection tool will be lead on through production of two film videos and recorded interviews which were transcribed and analyzed. The final outcome in this research proves that consequences of crack cocaine abuse during the teen period are always disastrous and cause damages in several body areas. Preventing strategies applied on schools should consider the youth as an intervening tool associated to other governmental development agencies that already work on battling crack abuse. To conclude, I consider that both social and environmental relations could be favorable on crack cocaine avoiding abuse attitudes. Individuality, human bring going apart from natural world results of what we, as society, have been through. I understand with this research project that is in need of reinventing manners of being at school work and every social environment. It is sure that perceiving the "other" can eliminate selfish, in order to lead to a possibilidade of understanding it all, considering everyone as it all while he/she has conscious of acting as part of all.

Key Words: Environment. Society. Crack Cocaine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 QUAIS SÃO OS FATORES QUE INFLUENCIAM NO USO DO CRACK NA ADOLESCÊNCIA?	10
1.1 Os caminhos percorridos pela Educadora Ambiental.....	20
2. A AÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL SOBRE AS SUBSTÂNCIAS PSICOTRÓPICAS	25
2.1 Definições gerais sobre substâncias psicotrópicas	25
2.2 Educação Ambiental: um mecanismo de ação contra o crack.....	28
2.3 O resgate social do indivíduo através da Educação Ambiental.....	36
3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO FATOR DE PREVENÇÃO AO USO DO CRACK	39
4 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES	46
4.1 A Educação Ambiental desconstruindo barreiras entre a família e a adolescência.....	49
4.2 As consequências do uso do crack na juventude.....	52
4.3 A Educação Ambiental como fator de prevenção ao uso do crack	56
4.4 As relações sociais e ambientais podem ser favoráveis ou não ao uso do crack?.....	58
4.5 As relações ambientais na sociedade e o favorecimento ao uso do crack.....	63
5 A CAMINHO PARA UMA ECOLOGIA SOCIAL, MENTAL E AMBIENTAL	66
5.1 A Educação Ambiental nas comunidades e o processo de autogestão dos coletivos.....	70
5.2 A Educação Ambiental e os dispositivos de intervenção na sociedade.....	74
6 A SOCIOPOÉTICA NA PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	76
6.1 As relações socioambientais dos adolescentes.....	80
6.2 O meio ambiente e os conflitos na adolescência.....	86
7 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ELABORAÇÃO DOS DADOS E A SUA APLICAÇÃO	89
7.1 Oficina de vídeo 1.....	94
7.1.1 A Educação Ambiental na simbologia da análise dos dados.....	94
7.1.2 A análise dos temas com base nas cenas do vídeo.....	96
7.1.2.1 Os conflitos gerados na instituição família.....	96
7.1.2.2 Drogas, prostituição.....	98
7.1.2.3 Morte do corpo.....	98
7.2 Análise das entrevistas.....	100
7.3 Oficina de vídeo 2.....	102

7.3.1 Para além das máscaras.....	102
7.3.2 Máscaras... Patrão...	104
CONCLUSÃO.....	109
O ENCONTRO COM A ECOLOGIA SOCIAL, MENTAL E AMBIENTAL.....	109
REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICES.....	117
Fotos do vídeo “Sonhos Desfeitos Adolescência Interrompida”.....	118
Trabalho desenvolvido com o Grupo 2, após a apresentação do documentário “Aquecimento global os sinais da ciência”	119
Autorização de imagem e depoimento.....	120
Questões direcionadas aos educadores que apresentaram o vídeo “Sonhos desfeitos adolescência interrompida”, nas escolas.....	121
ANEXOS.....	122
Texto readaptado para o vídeo.....	123
Roteiro adaptado para o teatro.....	130
Transcrição das entrevistas realizadas com os autores do vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”.....	140
Autorização dos pais para o uso de imagens e de depoimentos dos adolescentes.....	141
Ficha de inscrição do vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”, na 5ª mostra, no Cine Arteestação Cassino.....	149
Escola de Orientação Profissional Assis Brasil, local de abrangência da pesquisa.....	155
Mapa da localização da escola.....	156
Saída de campo (Grupo 2) – Uma análise crítica da realidade.....	157
Jornal elaborado pelo Grupo 2.....	159
Oficina de vídeo “Para além das máscaras” – Grupo 2.....	161
Texto elaborado após a apresentação do vídeo “Os sinais da ciência”	163
Avaliação dos professores sobre a apresentação do vídeo nas escolas.....	164
Depoimento da adolescente sobre a apresentação do vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”.....	168
Artigo sobre o trabalho infantil na cidade do Rio Grande.....	169
Artigo “A Solução “Menos Pior”	170
Artigo sobre a marcha pela liberação de substâncias psicoativas.....	173
Artigo “Usuários consomem crack a céu aberto em Porto Alegre”.....	175
Artigo “Jovem acorrentado pela mãe no RS é internado”.....	176
Artigo “Desconstruindo estereótipos e reconhecendo demandas”	178

INTRODUÇÃO

1 QUAIS SÃO OS FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DO CRACK NA ADOLESCÊNCIA?

Ao escrever esse texto, coloco à disposição da Banca o meu “CORAÇÃO”, a escrita parece simplificada, mas não o foi, pois do pesquisador exige-se imparcialidade, porém, de acordo com Gauthier et al. (2005, p. 6), “[...] a Análise Institucional não acredita na neutralidade do pesquisador acadêmico e, por isso sugere que este analise o lugar social, de onde fala, isto é, a maneira como seus diversos pertencimentos sociais interferem na investigação”.

Dessa forma, os momentos vivenciados junto dos sujeitos dessa investigação, os quais considero “professores do mundo”, foram de fundamental importância para o meu amadurecimento acadêmico. Com eles, aprendi, na prática, que temos a possibilidade de fazer escolhas, mesmo que, as opções sejam incertas, principalmente, quando existem situações nos direcionando para o mais fácil, ou seja, o dinheiro proporcionado pela venda de drogas e limitações impulsionando para o mais difícil, ou seja, a falta de acesso a bens materiais, que nos permitem ter uma vida digna.

Essa pesquisa não é simplesmente um trabalho de conclusão de Curso, mas, sim, de experiência de vida, de aprendizagem. Ao longo de seis meses, convivi com adolescentes que me ensinaram a ver o mundo de outra forma, e a refletir sobre o meu “papel de educadora”. Quando cheguei à escola, a minha visão era de educadora, elaborava as oficinas, planejava o que seria discutido. Depois de certo tempo, observei que apenas direcionava, pois eles opinavam, organizavam, discutiam entre si qual a melhor forma de elaboração dos trabalhos.

As problemáticas que me fizeram desenvolver essa pesquisa estão relacionadas com o meu trabalho de educadora. Ao ministrar aulas em uma entidade filantrópica, que atende a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, percebi a necessidade de fazer uma abordagem sobre a problemática do uso de drogas na adolescência, devido a alguns acontecimentos que esclareço no decorrer dessa investigação. Em um primeiro momento, os questionamentos surgiram através dos adolescentes. No âmbito dessa questão, estão as consequências do uso do crack, na adolescência.

Diante disso, 6 (seis) problemáticas são abordadas no decorrer dessa investigação:

- As consequências do uso do crack na adolescência;
- As estratégias estão sendo pensadas para evitar a proliferação da substância;
- As relações sociais e ambientais são responsáveis pela constituição dos sujeitos que podem ser favoráveis ou não ao uso do crack;
- A busca pela satisfação promove o encontro com o crack;
- Aspectos problemáticos associados ao uso do crack;
- Os questionamentos da adolescência e a busca pela imposição de sua personalidade.

Permeada por estas indagações, formulei algumas hipóteses que podem sustentar cada um desses questionamentos.

As consequências do uso do crack na adolescência promovem prejuízos nas mais diversas áreas de funcionamento. A falta de limites, as amizades e o distanciamento da família podem induzir o adolescente ao consumo do crack.

Na segunda hipótese, considero que os próprios adolescentes poderiam atuar em grupos de intervenção para evitar a proliferação do crack, a escola poderia contribuir na medida em que na ampliasse a rede de ação e de união dos demais órgãos que já atuam no combate ao crack.

Na terceira hipótese suscitada, as relações sociais e ambientais podem ser favoráveis ao uso do crack devido ao contexto atual, uma sociedade que prega o consumo, o prazer, desvaloriza o que é o ser humano pode favorecer o uso da substância.

Na quarta hipótese, a busca pela satisfação associada ao estresse diário a que o homem moderno vive submetido, podem ser fatores de risco relacionados ao uso de crack. Soma-se a essa questão, a curiosidade, obtenção de prazer, relaxamento das tensões psicológicas, facilitação da socialização, influência do grupo, isolamento social.

Na penúltima hipótese, são vários os aspectos problemáticos associados ao uso do crack, porém, pressupõe-se que o maior deles seja o “empobrecimento” das

relações sociais e familiares . O individualismo, o isolamento, a falta de sentido para vida, a “anestesia” para fugir da realidade encontra o caminho do crack.

A última hipótese traz os questionamentos da adolescência e sua busca pela imposição da personalidade. A adolescência é a fase em que o jovem tenta reafirmar sua identidade.

A busca pela temática sobre crack está inserida nas estratégias educativas, que estão sendo pensadas para conter o avanço da substância. Até o presente momento, nas leituras, as estratégias educativas relacionadas ao uso de drogas estavam pautadas no olhar dos adultos, por isso, considero que, a partir do olhar dos jovens, se pode constituir um dispositivo de intervenção sobre a questão do uso do crack, na adolescência.

É importante assinalar que o foco principal dessa investigação é a visão que os adolescentes têm sobre o uso do crack. Considerando que, as relações socioambientais interferem nas relações dos sujeitos, a questão dessa pesquisa consiste em descobrir de que modo esses fatores podem ser contundentes na dependência do crack.

No artigo “Educação Ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária” Loureiro (2005), afirma que a Educação Ambiental:

[...] é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade da vida e da atuação lúcida e responsável de atores sociais, individuais e coletivos no ambiente. [...] Dessa forma para real transformação do quadro da crise estrutural conjuntural em que vivemos, a Educação Ambiental, por definição, é o elemento estratégico na formação da ampla consciência¹ crítica das relações sociais e de produção que situam a inserção humana na natureza (LOUREIRO, 2005, p. 69).

Não se pode tratar as questões ambientais como uma categoria universalizante e única, na solução dos problemas identificados, deve-se pensar o ambiente, como social, algo que se materializa à medida que surgem diversos interesses que agem na sociedade, com implicações sistêmicas (LOUREIRO, 2005, p. 70). Estamos envolvidos com tudo e todos ao nosso redor.

¹ Entendida segundo Loureiro (2005), no sentido proposto por Paulo Freire(1983), em *Pedagogia do Oprimido*, que implica o movimento dialético entre o desvelamento crítico da realidade e a ação social transformadora.

Nesse contexto de relações, surge o uso do crack. Para Bucher, a sensação de esquecimento dos problemas favorece o aumento do consumo que, por sua vez, acarreta danos não só à vida individual como também à vida social. Se as drogas usadas diminuem a sua potência, as dosagens aumentam “[...] trazendo em sua bagagem a decadência física e moral, a violência e a marginalização, a solidão e o suicídio” (1992, p. 29)

Considerando os conhecimentos adquiridos no Curso de pós-graduação *scriptu sensu* em Educação Ambiental, investiguei um aporte teórico que serviu de base para as minhas pesquisas. As reflexões são fruto dos conceitos aprofundados na obra “As Três Ecologias”, proposta pelo filósofo francês Félix Guattari (1998); das principais correntes que integram o Movimento Institucionalista de Baremlitt (2002) e da Abordagem Sociopoética de Gauthier (2005), além de artigos, textos de jornais e revistas, entre outras obras que foram consultadas no decorrer dessa investigação.

O estudo foi realizado nas regiões identificadas como influenciadas pelo comércio do crack. Os participantes da pesquisa, selecionados para a amostra, são jovens na faixa etária dos 14 aos 16 anos do sexo masculino e feminino. O foco da investigação são os fatores sociais e ambientais que influenciam no uso da droga, a qual leva os usuários a apresentarem comportamentos adversos, impossibilitando-os, até mesmo, de um retorno ao convívio social. O objeto principal de minha análise são as estratégias que estão sendo pensadas para evitar a proliferação do crack, tendo em vista que se fazem necessárias políticas públicas não só de prevenção, mas também de reintegração desses sujeitos na sociedade.

Como aportes metodológicos para esse trabalho foram usados a abordagem qualitativa, que contempla, de acordo com Minayo (2006, p. 196) “[...] escolha do espaço da pesquisa; escolha do grupo de pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem; estabelecimento de estratégias de entrada em campo”. Nessa investigação, busquei desenvolver um trabalho que observe o “[...] simbolismo na análise e produção de dados”. A análise do corpus terá como base os pressupostos teóricos da Sociopoética, aqui entendida como afirma Gauthier et al. (2005, p. 01), “[...] novo método de construção coletiva do conhecimento” e preconiza uma abordagem inventiva na análise e produção de dados através das mais variadas formas de expressividade. A parte inicial da investigação foi realizada junto à

biblioteca setorial do CENPRE (Centro Regional de Estudos Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos), onde foi feita uma consulta bibliográfica sobre a dependência de drogas.

Na primeira parte do texto faço um questionamento sobre os fatores que influenciam o uso do crack a adolescência. Na segunda parte, exponho alguns conceitos sobre substâncias psicotrópicas, depois, apresento a Educação Ambiental como fator de prevenção ao uso do crack, a seguir trato do papel da família e o uso de drogas na adolescência. Na quinta parte do trabalho evidencio os três modelos ecosófico proposto por Guattari (1998), apresento os modelos autogestivos propostos por Baremlitt (2002). Na sexta parte do trabalho elaboro apresentação da análise dos dados através do método sociopoético criado por Gauthier (2005). Na sétima parte evidencio a análise dos dados. Na última parte, apresento a conclusão do trabalho.

As atividades foram desenvolvidas em duas etapas, com dois grupos de jovens. O primeiro grupo de adolescentes produziu o vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”; o segundo grupo produziu o vídeo “Para além das máscaras”. O grupo-pesquisador é formado por adolescentes na faixa etária dos 14 aos 16 anos. O local de abrangência da pesquisa é constituído por jovens de comunidades que estudam na Escola de Orientação Profissional Assis Brasil. Após a delimitação do espaço, foi estabelecido um “recorte” na escolha dos grupos para atuar no campo da intervenção.

Nas atividades desenvolvidas, foram aplicadas oficinas de teatro, vídeo, máscaras e saídas de campo. O instrumento de coleta de dados foi direcionado através de “formas simbólicas produzidas pelo grupo-pesquisador”. O vídeo produzido pelos alunos, na primeira parte do trabalho, constitui-se como ferramenta, através da qual, junto com os grupos de discussão co-animados com os próprios jovens, se constituiu em um dispositivo de prevenção. Após a seleção da amostra, foram analisadas as imagens dos vídeos e as entrevistas foram também transcritas e analisadas.

As indagações que me levaram ao estudo sobre o uso de drogas na adolescência estão relacionadas com o meu papel de educadora. A educação vai além dos “muros” da escola, por isso, vejo no campo da intervenção o que Baremlitt (2002, p. 60), chama de “[...] o espaço delimitado para planejar

estratégias, logísticas, táticas, técnicas para operar sobre esse âmbito e transformá-lo”. Nessa questão, foco meu olhar sobre as comunidades da cidade do Rio Grande e as problemáticas vivenciadas por esses grupos, devido ao crescente número de adolescentes envolvidos com essa substância.

Como educadora, busco compreender, por meio dessa pesquisa, de que forma as mudanças ocorridas na pós-modernidade são fatores contundentes no processo de desestabilização dos sujeitos, na perda de referências e, conseqüentemente, na autodestruição. Pode-se, assim, dizer que as conseqüências estão relacionadas com as condicionantes sociais. As marcas do nosso tempo estão ofuscadas pelo mundo imagético, pela efemeridade das coisas e pela banalização da vida. Para Bucher (1992, p. 144) “[...] o individualismo da época moderna, se é baseado em conforto, prazer e segurança material acompanham-se assim de um encastelamento desumanizante da pessoa, vítima de unitarismo e consumismo ao qual aderiu sem se dar conta”. A ênfase consumista do mundo globalizado provocou o desamparo e a solidão que tornaram os sujeitos mais individualistas e cada vez mais afastados das relações sociais.

Durante o ano de 2009, já como discente do Curso de Mestrado em Educação Ambiental, buscava elementos para o meu Projeto de Pesquisa. A pesquisa anterior “Identidades étnicas: as autorrepresentações dos alunos no discurso dos alunos de escola uma escola riograndina”, desenvolvida no Curso de Especialização, me daria suporte teórico para dar continuidade ao trabalho. Todavia, algo me intrigava, constantemente, alguém chegava com uma notícia de um parente, ou uma criança viciada em crack. O fato é que, eu mesma presenciei essa situação na porta da minha casa.

Ele devia ter uns doze anos, queria dinheiro para comprar gás, porque a irmã estava em casa com fome, disse que tinha trabalhado, mas não tinha recebido e pedia que eu fosse com ele até sua casa. Tremia muito, estava agitado, teve crises de choro, tudo isso na frente da minha casa. Então, eu disse que iria ajudá-lo. Entrei em casa, peguei uma bolsa e coloquei vários gêneros alimentícios. O necessário para ele e a irmã, mas ele disse que precisava de dinheiro. Saiu bravo, pouco tempo depois, os vizinhos me informaram que ele era viciado em crack e os pais não tinham mais controle sobre ele que fugia frequentemente de casa.

Como os meus trabalhos sempre foram direcionados ao público jovem, concluí que deveria pensar numa pesquisa que tivesse como foco principal a adolescência. E isso não demorou muito a acontecer, pois logo surgiram algumas problemáticas, que deram suporte para essa pesquisa.

Eu trabalhava na secretaria da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil, e, algumas vezes, durante a semana, ministrava aulas de Língua Portuguesa nessa mesma escola. A professora, que dava aula aos sábados, não pôde cumprir a carga horária, devido a outros compromissos, por isso a direção me perguntou se eu gostaria de lecionar para um grupo de adolescentes.

Este era um trabalho voluntário, pois as aulas de sábado não eram remuneradas. Mas, aceitei o convite, pois já trabalhei muitas vezes como voluntária; além disso, o fato de eu não ter experiência em sala de aula dificultava o acesso a outras escolas, logo esta era uma oportunidade ímpar.

A turma, no início, era de doze alunos, mas quando cheguei à escola, a maioria já estava no final do contrato de dois anos. Fiquei com cinco alunos, os adolescentes dessa turma trabalhavam como Aprendiz de Serviços Bancários, no Banco do Brasil. Além de frequentarem a escola regular, também desenvolviam atividades aos sábados na Escola de Orientação Profissional Assis Brasil. Eles recebiam uma bolsa remunerada e, conforme soube, muitos ganhavam mais que os pais e ainda ajudavam a complementar a renda da família. A primeira impressão que tive, foi de jovens muito maduros para a idade de 14/15 anos. Sempre dispostos a polemizar qualquer temática apresentada para discussão. Outras vezes, os temas eram trazidos por eles, problemas na comunidade, na convivência com outros jovens da mesma faixa etária.

Estávamos desenvolvendo um trabalho há três meses, quando eles apareceram com uma notícia estarrecedora: a tentativa de homicídio praticada contra uma criança de dez anos, por causa de uma dívida de drogas. Naquele dia, senti que isso os tinha afetado, da mesma forma que abalou a mim.

As discussões se aprofundaram sobre o assunto. O tema da aula ficou restrito à questão do uso de drogas na adolescência. Como essas comunidades são muito próximas, as famílias geralmente se conhecem e isso desestrutura os pais que têm filhos e moram na mesma área, onde as drogas são comercializadas, livremente.

Segundo os alunos, os pais dessa criança já haviam tentado de tudo para tirarem a filha do crack, inclusive levado-a para outra cidade, para casa de uma tia, mas ela e a outra irmã sempre voltavam a consumir a drogas.

Voltei para casa, naquele dia, pensativa. De que forma eu, como educadora, poderia interferir nessa questão? Lembrei dos processos de autoanálise e autogestão propostos por Baremlitt (1992, p. 17), deflagrar nas comunidades processos autogestivos, para que elas possam produzir dispositivos que lhes permitam saber a cerca de sua vida.

Comecei a elaborar uma série de vídeos que tratavam sobre a questão do crack, fiz pesquisas, preparei materiais para trabalhar em sala de aula. Conforme os apresentava, explicava para os alunos as consequências do uso do crack, na adolescência. Cabe ressaltar, que, naquele momento, eu tinha três meses de classe com essa turma, por isso, não a conhecia profundamente. Descobri, algum tempo depois, que o conhecimento sobre as drogas não estava tão distante da realidade deles, já que alguns membros da família tinham contato com drogas, e outros eram usuários.

Passamos várias semanas, em círculos de discussão para elaborar uma forma de tratar a questão do crack. Por fim, os alunos decidiram escrever um roteiro de uma peça teatral que abordasse o uso do crack, na adolescência. Ao final de dois meses de trabalho, o roteiro ficou pronto, os personagens adquiriram nomes próprios, família. Fiz algumas leituras do texto, percebi que faltava coerência, organizei-o, mas não tirei a autenticidade do trabalho, o qual foi elaborado pelos alunos.

Os adolescentes pediram que eu entrasse em contato com uma professora de teatro, conhecida dos estudantes. Falei com a direção, e essa alegou que a escola não disponibilizava de verbas para pagar as aulas, mas que garantia o deslocamento da professora. Entrei em contato com ela e fiquei torcendo para que a mesma aceitasse realizar o trabalho conosco. Expliquei a situação, falei sobre os problemas ocorridos naquela localidade; como ela já conhecia a escola e trabalhava com crianças em situação de vulnerabilidade social, aceitou o convite.

Nos meses que se seguiram, traçamos um cronograma das atividades que íamos realizar. Porém, consideramos que, se quiséssemos atingir a todos os jovens, teria que ser algo utilizado de forma mais rápida. Então, surgiu a ideia da produção

de um vídeo baseado no texto dos alunos. A escola não possuía câmera, por isso resolvi que utilizaríamos a minha nas filmagens. Como os alunos não tinham contato com a câmera, considerei que era uma ótima oportunidade para eles se apropriarem da tecnologia.

Na mesma época, o professor Alfredo sugerira um trabalho de intervenção como parte da avaliação da disciplina “As três Ecologias”. Dessa forma, apresentei a ele a proposta de trabalho, que estava sendo desenvolvida na Escola. Diante disso, recebi apoio do professor Claudio Tarouco que se disponibilizou a ministrar aulas de vídeo aos adolescentes. Considerei uma excelente ideia, pois eles teriam a oportunidade de manejar um instrumento, com o qual não tinham tido contato, até o presente momento.

Resolvemos utilizar a filmadora da Universidade, foram três meses de trabalho, entre ensaios e gravações. As aulas, os erros de gravação, as várias cenas repetidas. Ao final do dia, todos estavam cansados. As primeiras cenas foram gravadas na parte externa da escola e em um prédio em ruínas, no mesmo local. As últimas, em uma casa na praia. Levamos muito tempo para a escolha do segundo lugar, onde seriam gravadas as demais cenas, principalmente por causa da cena de prostituição. Pensamos em uma praça, por fim desistimos, pois isso iria atrair curiosos. Então, optamos por uma casa que não tivesse identidade, ou seja, não fosse reconhecida como a casa de alguém.

O tempo não ajudou, chovia muito e fazia bastante frio, mas eles estavam comprometidos com o trabalho. As filmagens na casa da praia foram feitas no inverno em meio a muita chuva. Não podíamos adiá-las, uma vez que, a professora de teatro e o professor Claudio estavam comprometidos com outras atividades e não tinham tempo disponível.

O trabalho foi realizado em três meses, sendo que nos momentos de elaboração das atividades começaram a aparecer os conflitos vivenciados por eles, na própria comunidade. As relações familiares, por vezes, permeada por desentendimentos, a não identificação com jovens do mesmo bairro.

O contexto social desses adolescentes dividia-se entre escola da comunidade, o trabalho no Banco e no próprio bairro, onde moravam. Todavia, eles passavam mais tempo na escola e no trabalho, os momentos com a família restringiam-se aos finais de semana. Alguns recebiam normas pré-estabelecidas

com base na religião, outros a própria família era portadora de conflitos devido ao envolvimento de outros membros com drogas. Nos desabafos, em sala de aula, percebi que eles se comportavam com maturidade diante de determinadas atitudes.

A segunda parte do trabalho foi realizada de março de 2011 a maio do mesmo ano. O grupo de jovens era composto por quatro adolescentes, mas como a escola promovia oficinas de Hip-Hop, os alunos sempre se juntavam a nós, depois das atividades. Falávamos de teatro, música, arte, lanchávamos juntos, eles me levavam para ver os trabalhos produzidos em grafite. Tinha pouco tempo de classe com essa turma, por isso, procurava ganhar a confiança dos adolescentes do grupo Hip-Hop, para que eles também participassem do trabalho. Consegui fazer com que dois alunos do grupo continuassem o trabalho com os outros quatro.

Na saída de campo, os jovens deveriam sair e fotografar os pontos negativos e positivos da comunidade, depois, escrever um pequeno texto sobre o significado das imagens. Assim, eles selecionaram as fotografias, escreveram um texto e produziram o jornal “Um olhar sobre a comunidade”, no qual revelavam todas as dificuldades de suas comunidades. Na segunda oficina, pedi que descrevessem vários sentimentos, surgiram sentimentos de ódio, amor, afeição, solidariedade, tristeza etc. Depois, pedi que escolhessem um desses sentimentos para representá-lo em uma máscara, que seria elaborada por eles. A proposta de trabalho era usar a máscara para representar um adolescente viciado em crack.

Como pesquisadora, creio que os lugares de onde falo, e os meus diversos pertencimentos sociais interferem na investigação. Isso ocorre, porque os valores que habitam em mim acreditam em mudanças e em transformação. A minha subjetividade foi socialmente fabricada, mas, em algum momento, eu descobri um meio de inventar a vida, como diz Gauthier et al. (2005, p. 06), criar devires, instituir saberes, traçar linhas de fugas inesperadas, experimentar desejos instituintes.

1.1 Os caminhos percorridos pela Educadora Ambiental

*E fomos educados para o medo.
Cheiramos flores de medo.
Vestimos panos de medo.
De medo, vermelhos rios
vadeamos.*

Carlos Drummond de Andrade

Aos quarenta anos, descobri que o mundo é bem diferente do que imaginava. A sociedade “administrou” o meu discurso, assim considero as diferentes representações que me constituíram e o modo como fui construída no meio social. Entretanto, sempre lutei contra algumas determinações, as quais considerava inaceitáveis. Concordar passivamente com “certas” imposições, sejam essas familiares ou sociais, implicava ir de encontro a tudo aquilo que eu acreditava, mas muitas vezes fui dominada, vencida, e para evitar aborrecimentos submetia-me às ordens de outrem.

Na família, os discursos que predominavam e moldaram comportamentos impondo poder, foram estruturas oriundas do meio social. As formações ideológicas transmitidas dos pais para os filhos produziam anuência. Combater o que estava instituído seria entrar em confronto com questões ideológicas que, pela ordem, representavam o núcleo do indivíduo: a família que molda e é moldada pelas estruturas sociais.

Em minha memória, ainda estão gravadas cenas tão reais que seria capaz de descrevê-las uma após a outra. A casa antiga de campanha, onde morávamos, eu, meu pai, minha mãe, minha irmã e minha bisavó, foi o “palco” principal de minha infância. A casa não nos pertencia, era destinada aos empregados que trabalhavam na fazenda. Era uma residência simples, com dois quartos e uma cozinha, não tínhamos luxo e os poucos móveis que possuíamos eram confeccionados de forma artesanal, ou seja, bem rústicos.

A bisavó, personagem famosa na família por suas histórias orais, revestia a minha imaginação de sonhos e ensinamentos. Naquela época, o lampião a querosene e as brasas incandescentes do fogão à lenha iluminavam e aqueciam as

noites de inverno. A bisavó ou (Vó Velha) como era carinhosamente chamada, sentava em sua cadeira de balanço próxima ao fogão à lenha, a mãe terminara de lavar a louça do jantar e conversava com o pai junto à mesa da cozinha. Eu e minha irmã nos aproximávamos, discretamente, com nossos banquinhos de madeira e pedíamos, quase implorando, à bisavó que contasse histórias. Aquele ritual acontecia todas as noites, com exceção das vezes em que a mãe zangada nos repreendia para que deixássemos a bisavó descansar. Mas, ela, amável e carinhosa, dizia a nossa mãe que nos deixasse, pois gostávamos de ouvir suas histórias.

Foi assim, que, aos cinco anos de idade, comecei a construir minha representação de mundo. Os relatos da bisavó “povoaram” a minha imaginação durante toda infância e só depois de muito tempo compreendi o quão importantes foram para a minha visão de mundo e para construção do meu conhecimento. Fui alfabetizada aos seis anos, gostava muito de ler e aproveitava todos os livrinhos da escola. Na adolescência, criava histórias, recortava imagens de revistas e dava vida aos personagens. Para minha mãe, os finais de semana eram sagrados. Assim, os dias de semana eram divididos entre a escola e os afazeres domésticos. Aos finais de semana, frequentávamos a igreja católica.

A mãe era católica fervorosa; quando fomos para a cidade, não foi diferente, na adolescência, visitávamos doentes em hospitais, asilos, orfanatos e até presídios, porque, segundo minha mãe, devíamos nos compadecer dos necessitados e perdoar os encarcerados. Muitas vezes, entrávamos em conflito, porque nem sempre eu concordava com certas atitudes.

Mulher extremosa e de difícil entendimento, assim posso definir minha mãe. Na visão dessa, estudávamos, porque tínhamos que aprender a ler e a escrever, pois muitas vezes nos dizia: “mulheres não foram feitas para estudar, mas para o casamento”. A rigidez com que eu e minha irmã éramos tratadas e a preocupação que ela tinha com o nosso “desvio” de comportamento, eram características marcantes de minha mãe, a qual era analfabeta, pois não teve oportunidade de frequentar uma escola. Morou da infância até a juventude no meio rural, onde o acesso à educação era muito difícil, uma vez que, tinha que cuidar dos irmãos mais novos para que os pais pudessem trabalhar na lavoura.

As representações de mundo da matriarca foram a base da minha “catequização”, o poder exercido por ela, sobre toda a família, sempre predominou e não cabia contestação. Não obstante a esse fato, a Escola Tradicional só reafirmou o discurso de minha mãe. Os educadores determinavam normas de comportamento diante das crenças, das atitudes e principalmente diante das palavras, aliás, essas eram raras. Tenho lembranças “traumáticas” dos questionários da aula de História e do estudo da Bíblia nas aulas de religião. A palavra final sempre foi do professor, nós apenas ouvíamos, copiávamos e dificilmente um ou outro se atrevia a questionar. Dessa forma, aprendi a silenciar, falar somente o necessário e a repetir o discurso do outro. Além disso, da escola herdei o medo, a insegurança e o sentimento de fracasso em todos os projetos em que me envolvia.

Diante dessas considerações, os significados envolvidos na minha representação de mundo influíram na posição sujeito que adotei. Paradoxalmente, as imagens que trago do professor da escola tradicional são negativa e contestadora, pois as experiências vivenciadas me fizeram perceber que “calar” o aluno é manter um sistema de “esvaziamento das mentes”, é manter normas de repressão, que há muito tempo têm sido adotadas pela escola tradicional.

Todavia, na época da escola, já me mostrava suscetível a mudanças, não aceitava aquela realidade planejada na educação. Os uniformes padronizados traziam no bolso dos “tapapós”, assim intitulados, a insígnia com as iniciais da escola. Esses uniformes cobriam até os joelhos, mas não cobriam o restante do corpo para enfrentar o frio do inverno. Tenho lembranças dolorosas da geada fria, que cobria os campos do meu trajeto de casa até a escola, no inverno. Essas sensações afetaram-me profundamente, pois, ainda hoje, ao escrever essa dissertação, “choro”, pois sinto que essas lembranças estão vivas dentro de mim, nas crianças e nos jovens com os quais convivo atualmente.

E é nesses que busco a possibilidade de mudanças; o meu papel de educadora não teria sentido sem a prática e é nessa que me apoio para sustentar todo o conhecimento teórico adquirido na academia. Confronto o mundo para desconstruir o instituído, é preciso criar o novo através de ideias, pensamentos, reflexões e principalmente, ações. Sei que, nessa trajetória, enfrento obstáculos, os mesmos que enfrentei durante a minha infância para superar os “medos” que ainda

me perseguem, mas consegui vencê-los e transformá-los em serenidade, verdade e dedicação.

Sempre considerei, tal como a minha bisavó, que podia tornar o mundo um lugar melhor para se viver, mesmo que a minha participação fosse mínima. Não importavam as barreiras a serem enfrentadas. Eu já conhecia o caminho, trilhei-o junto da minha mãe e da bisavó, mas, é claro, de uma forma diferente. Elas apostavam na recompensa divina enquanto praticavam caridade. Eu não conseguia ver como “caridade”, apostava que todos eram suficientemente capazes, bastava que adquirissem conhecimento para saber acerca de sua vida.

As minhas atitudes, diante de determinadas questões, sempre me surpreenderam. Eram sensações que eu nunca consegui explicar, as dificuldades não eram consideradas impedimentos. Não se tratava de situação financeira, pois em nenhum momento visava a alguma recompensa pelos trabalhos realizados nas comunidades. Mas, sempre foi algo muito forte que me estimulava a realizar projetos direcionados à camada mais carente da população. Nunca consegui explicar o que me movia, nem mesmo as críticas desoladoras foram o suficiente para me fazer desistir, ao contrário, elas me tornavam mais persistente diante daquilo que eu perseguia: a vontade de transformar a realidade.

As razões que me levaram a refletir sobre essa questão estão imbricadas em motivos que não se explicam, são sentimentos que somente uma criança, nas suas observações, tenta entender, mas não consegue. As crianças não compreendem o mundo, elas sentem, sofrem com isso, mas não conseguem entender o motivo que as faz diferentes. E isso as torna reclusas, com sentimento de inferioridade, que as afetará durante toda a existência. Essa sensação de “isolamento”, de impotência diante do mundo, ainda hoje, grita dentro de mim.

Na escola, as diferenças acentuavam-se na sala de aula, uma vez que formular juízos críticos de descaracterização pessoal era uma situação comum entre os alunos. Em nenhum momento, na época da escola primária, presenciei algum professor repreendendo um estudante por um fato relacionado à discriminação social ou racial. No entanto, naquela época, a escola era regida pela lógica dominante, permeada por várias práticas autoritárias e excludentes.

A faculdade, ainda que tardia, mais precisamente aos quarenta anos de idade, foi um marco realizado. Nos bancos acadêmicos, descobri que pouco sabia

sobre o mundo. O mais difícil foi me deparar com uma realidade desconhecida. No primeiro ano de graduação, foram decepcionantes as dificuldades nas leituras teóricas, teorias que eu não conseguia compreender, pois, até aquele momento, eu era o “invólucro” do mundo. Entretanto, isso me fez refletir diante daquilo que eu não conseguia compreender e buscar, cada vez mais, o conhecimento. Ao término da graduação, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), continuei meus estudos, nessa mesma instituição, no Curso de Especialização em “Linguagem, Cultura e Educação”, no qual desenvolvi o trabalho intitulado “Identidades étnicas: as autorrepresentações dos alunos afrodescendentes na escola”.

Ao concluir o Curso de Especialização, senti necessidade de buscar mais conhecimentos, me inscrevi no Curso de Mestrado em Educação Ambiental. Entretanto, isso não foi uma decisão casual, já que me chamou atenção as linhas de pesquisa do curso, mais precisamente da Educação Ambiental Não Formal (EANF). Nesse sentido, encontrei uma relação entre os meus trabalhos desenvolvidos nas comunidades e o espaço ambiental de investigação da vida dos sujeitos.

Proveniente de uma família com poucos recursos, fui a única da minha geração a ter um título acadêmico. Todavia, isso não fez de mim uma pessoa orgulhosa; o conhecimento serviu para eu repensar a situação dos vários jovens e crianças que, ainda hoje, se encontram fora da Escola. E esses, provavelmente, não chegarão aos bancos acadêmicos. Essa afirmação não é baseada em dados estatísticos, pois basta observarmos em nosso entorno, para vermos que jovens e crianças de todas as classes sociais “compram a morte” em cada esquina, elevando o número de dependentes químicos.

2 A AÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL SOBRE AS SUBSTÂNCIAS PSICOTRÓPICAS

2.1 Definições gerais sobre substâncias psicotrópicas

Para falarmos sobre substâncias psicotrópicas, considero que é preciso alguns conceitos sobre o assunto. Dessa forma, utilizo alguns teóricos que poderão esclarecer sobre essas questões. As definições a seguir tornarão compreensíveis alguns conceitos utilizados no decorrer desse trabalho.

Segundo estudos realizados pelo CENPRE (Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos)², o uso de drogas não é uma ocorrência atual, mas faz parte de todos os tempos e todos os povos. Em se tratando de uma perspectiva histórica, a droga e os homens sempre trilharam longos caminhos. Porém, foi no século XX que o fenômeno se expandiu, adquirindo graves proporções, e colocando em alerta todos os níveis da sociedade.

Considerados uns dos principais responsáveis pelas mortes ocorridas no mundo, o álcool e o tabaco são as drogas lícitas mais consumidas pelos jovens, em todas as classes sociais.

Para Pulcherio, Bicca e Silva,

[...] os transtornos decorrentes do uso de substâncias psicoativas (SPA), têm sido motivo de atenção pelo menos há 100 anos; de início, o foco eram problemas decorrentes do álcool, reconhecida substância causadora de alterações do comportamento e de ordem física. (2002, p. 3)

No entanto, as preocupações aumentaram quando se verificou que outras substâncias eram consumidas de forma abusiva, dentre essas, destacam-se os medicamentos.

Avanços em áreas como a medicina química, tecnologia, telecomunicações, têm levado à produção de drogas novas ou possibilitado o aumento da manufatura de drogas tornando maior a oferta no mercado (cocaína, heroína, opióides...). A descoberta de novas vias de administração para antigas substâncias contribui para grande oferta de drogas dos tipos, mais variados (SILVA, 2002, p. 6).

² O Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos – CENPRE, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, visa ampliar o âmbito de atuação destes serviços, oferecendo subsídios fundamentados em pesquisas e propondo estratégias adequadas à ação preventcionista sobre drogas psicoativas.

Esses mesmos autores discorrem a respeito de alguns conceitos sobre dependência química, os quais esclarecem as complicações decorrentes do uso dessas práticas. A apresentação e discussão desses conceitos são de extrema relevância para o trabalho, uma vez que irá situar o leitor no decorrer da leitura.

O termo **Substância Psicoativa (SPA)** é designado a toda e qualquer substância que atua no **Sistema Nervoso Central (SNC)**, e provoca alteração de humor, de percepção, e de consciência. Dentre essas, destacam-se as drogas lícitas (como o álcool, cigarro, medicações) e as ilícitas (maconha, cocaína, entre outras). Todas essas provocam alterações no organismo, desencadeando mudanças no humor, dificuldades na aprendizagem e outros sintomas decorrentes do uso abusivo de drogas (PULCHERIO, et al. 2002, p. 7).

O conceito de **Compulsão** está relacionado ao momento que a substância age no organismo e provoca o desejo de satisfação imediata. Nesse caso, o termo “fissura” traduz a palavra inglesa “craving”, que, em português, significa “desejo ardente”. Relacionado a essa questão, utiliza-se o termo “fissura”, para outras drogas (PULCHERIO, op. cit. p. 7).

A **adição** é um termo que está relacionado mais ao aspecto comportamental do que ao fisiológico, pois atribui o valor que uma determinada substância tem na vida do indivíduo, seja pelo uso de álcool ou pelo uso compulsivo do computador. As características da adição incidem também no desejo de obtenção da droga e no uso compulsivo desta. Dessa forma, existe maior probabilidade de recaída, perda de controle e negação. As drogas aditivas são os opióides, cocaína, anfetaminas, álcool e nicotina. Elas acionam o “circuito de recompensa” do cérebro, mantendo o desejo pela droga (PULCHERIO, op. cit. p. 7).

A expressão **Uso nocivo**, conhecida anteriormente por **abuso**, diz respeito ao uso contínuo de uma substância psicotrópica, que provoca prejuízos à saúde do indivíduo. Esses prejuízos podem ser físicos (alterações hepáticas, de gastrite e vômitos), como também mentais (depressão, esquecimentos, alteração da coordenação motora). Ou podem ocasionar outros danos à vida do indivíduo, como desavença familiar, faltas ao trabalho sem justificativa, excesso de bebidas alcoólicas em locais públicos, se tornando inconveniente. Entretanto, segundo os

mesmos autores, a intoxicação não é evidência de dano à saúde, exceto se for contínua (PULCHERIO, op. cit. p. 8).

A chamada **Intoxicação Aguda** é “condição transitória”, seguindo-se pela administração da substância, que resulta em inquietações no nível de consciência, cognição e percepção ou alterações no comportamento ou outras funções. Todavia, essas mudanças comportamentais são influenciadas pela idade, peso, sexo, além da quantidade, no caso, experiência prévia com determinada substância (PULCHERIO, op. cit. p. 8).

O nível de **Tolerância** é expresso pela quantidade de doses ingeridas; nesse caso, essa é cada vez maior, a fim de atingir o efeito desejado. Ela pode ser metabólica (fígado metaboliza rapidamente) ou farmacológica (quando a ação residual à droga está diminuída). Ainda segundo esses autores, o indivíduo pode sofrer tolerância a apenas um dos aspectos da ação da droga. A “Tolerância cruzada” ocorre quando o indivíduo é dependente de um determinado tipo como, por exemplo, depressores do SNC e utiliza outra substância, do mesmo grupo, mostrando tolerância ao álcool e benzodiazepínicos (PULCHERIO, op. cit. p. 8).

A **Síndrome de abstinência** é a redução ou interrupção abrupta da SPA, na qual o indivíduo começa a apresentar sintomas, como tremores. Todavia, isso depende das condições clínicas, tempo e uso da substância, quantidade usada anteriormente e histórico de abstinências anteriores (PULCHERIO, op. cit. p. 9)..

A **dependência** está relacionada ao uso contínuo da substância pelo indivíduo. Anteriormente, pensava-se que a dependência era somente psicológica. No entanto, com o desenvolvimento da neuropsiquiatria, descobriu-se que a dependência também tem um componente biológico. Os dois tipos de dependência podem se definidos da seguinte maneira: a dependência psicológica é a necessidade que o usuário tem da droga, a qual provoca a sensação de bem-estar. Esse tipo de dependência está relacionado a “fuga” dos problemas cotidianos, ou seja, o usuário ingere bebida alcoólica, para esquecer os problemas, para relaxar. Já a dependência física é a adaptação do organismo ao uso contínuo da SPA (PULCHERIO, op. cit. p. 9).

Em Schuckit (1991) *apud* Robaina (2010, p. 31), a dependência física indica que o corpo se adaptou fisiologicamente ao uso crônico da substância, provocando reações quando a droga é interrompida ou retirada. Já a dependência psicológica

centra-se na necessidade de droga, pelo usuário, promovendo uma sensação de satisfação ou bem-estar.

Para Pulcherio, Bicca e Silva (2002, p. 09), existem vários fatores que contribuem para o uso de substâncias psicoativas, que pode começar com a utilização de bebidas alcoólicas entre amigos, ou a vontade de se integrar a um determinado grupo e partilhar um “baseado”. No início do uso da substância, o indivíduo acredita ter o controle sobre a mesma. Todavia, a continuidade no consumo, como busca de alívio para os problemas, começa a dar sinais de dependência, mesmo por que determinadas substâncias, como a cocaína, não podem ser tratadas como uso responsável, pois essa droga rapidamente produz adição.

Ainda conforme esses autores, filhos de alcoolistas possuem maior tolerância ao álcool, comparados aos filhos de pais não alcoolistas. O mesmo ocorre com filhos de mães usuárias de cocaína, estes já nascem com reflexos diminuídos ao meio ambiente (PULCHERIO, BICCA, SILVA, 2010, p. 10).

2.2 Educação Ambiental: um mecanismo de ação contra o crack

Os problemas relacionados ao uso de substâncias psicoativas (SPA) não surgem aleatoriamente, mas variam de acordo com o momento social e em um contexto histórico determinado. Para Pulcherio, Bicca e Silva (2002, p. 17), “[...] os efeitos sociais se constituem a partir de uma série de elementos interconectados, e as modificações em alguns deles, ou na relação que mantêm, repercute, de uma forma ou de outra, em todo restante”. Dessa forma, para pensar a questão do uso de drogas é preciso compreender as partes do todo, ou seja, os elementos que interagem entre si e desencadeiam todo esse sistema.

Conforme esses mesmos autores, essa interconexão está relacionada a três subsistemas:

- a) as substâncias como elemento material (drogas);
- b) os processos individuais do sujeito que toma a decisão de usar a droga, ou seja, o posicionamento deste diante da droga (indivíduo);
- c) A organização social e política e as estruturas que produzem essas relações (sociedade) (PULCHERIO, BICCA, SILVA, 2002, p. 18).

Acredito que além desses três subsistemas, existem também os efeitos biológicos da ação da droga no organismo, os efeitos que causam a dependência química e as sensações provocadas no usuário de substâncias psicoativas.

Para compreensão dos três subsistemas, devo observar a relação que se estabelece entre eles. “É importante lembrar que o peso específico dos três subsistemas não será o mesmo em cada momento, nem mesmo a influência de cada um deles em relação aos demais” (PULCHERIO, BICCA, SILVA, 2002, p. 18). A interação é acompanhada pelo fator tempo, dando lugar a cada momento e a diferentes resultados.

De acordo com Silva, Silva e Medina (2005, p. 67), para compreensão dos efeitos das drogas, no organismo, é preciso estudar algumas estruturas cerebrais que estão envolvidas com esses efeitos. Primeiramente, descreverei, segundo esses autores, as estruturas cerebrais envolvidas com várias substâncias químicas, depois, sequencialmente, sintetizarei o modo de ação de cada grupo. Ressalto que, enfatizarei as drogas estimulantes, as quais são o foco da minha pesquisa.

Conforme os autores citados, a estruturas cerebrais envolvidas com os efeitos das substâncias psicoativas são assim organizadas:

1. As principais áreas do cérebro
2. O neurônio e sua comunicação
3. O circuito de recompensa
4. A ação das drogas depressoras
 - álcool;
 - derivados do ópio;
 - inalantes.
5. Ação da drogas estimulantes
 - cocaína;
 - anfetaminas;
 - café, chá,... ;
 - nicotina.
6. Ação das drogas alucinógenas
 - maconha;
 - LSD;

- êxtase.

Segundo os mesmos autores, o sistema nervoso central (SNI), é formado pelo cérebro, que se localiza na caixa craniana e está dividido em sessões. Uma das sessões é o tronco, considerado centro de controle, no qual se processam atividades essenciais ao organismo, como a respiração, localizando-se no tronco do cérebro. O SNI contém centenas de milhares de neurônios que são tipos de células responsáveis pela transmissão de estímulos internos e externos. Por essas células, passam informações entre o cérebro e outras partes do corpo. Os neurônios emitem e recebem informações através de substâncias químicas denominadas neurotransmissores. Algumas drogas assemelham-se aos neurotransmissores. Dessa forma, elas impedem ou imitam a ação dos neurotransmissores, aos quais se assemelham (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p. 68).

Ainda de acordo com esses teóricos, os neurotransmissores são produzidos no interior dos neurônios e liberados quando um estímulo chamado Potencial de Ação atinge a célula. O potencial de ação é formado por células positivas e negativas, e essa diferença gera um sinal elétrico através da membrana celular. Com esse resultado, as membranas fundem-se e geram os neurotransmissores, que agem com uma ou mais células para dar sequência ao processo de comunicação (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p. 69).

O circuito da recompensa é o caminho percorrido pelas drogas até chegar ao cérebro, provocando uma sensação de prazer intenso. Esse circuito interage de modo direto e indireto com várias áreas do sistema cerebral, “incluindo a vivacidade, emoção, memória, equilíbrio e controle dos hormônios”. Os neurônios produzem a dopamina³, que, quando liberada em grande quantidade, pode modificar os neurônios sobre os quais é liberada. O excesso de dopamina está associado a alucinações, comportamento psicótico e paranóia (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p. 69).

As chamadas drogas depressoras são aquelas que inibem a atividade do sistema nervoso central. Dentre essas, estão alguns medicamentos (barbitúricos e benzodiazepínicos)⁴, o álcool e alguns derivados do ópio e inalantes. Já as drogas

³ Substância encontrada em altos níveis no sistema límbico. Um dos seus efeitos é a euforia.

⁴ Os barbitúricos são substâncias que agem como depressoras do sistema nervoso central e produzem amplos efeitos, desde sedação leve a anestesia, também são usados como ansiolíticos

estimulantes atuam no Sistema Nervoso Central e, por possuírem uma estrutura química relacionada, ativam o circuito de recompensa do cérebro (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p. 70).

Desde a antiguidade, as drogas são usadas para as mais distintas finalidades e nos mais diferentes contextos, seja na área da medicina, gastronomia, religião. O fato é que, o uso de substâncias psicoativas sempre esteve presente em todas as sociedades.

No artigo intitulado “Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento”, publicado na Revista Brasileira de Psiquiatria (1999), as substâncias psicotrópicas apresentam características que determinam um perfil próprio de ação e também uma forma de interação com o homem. De acordo com a revista, além desses aspectos relacionados à droga, existem outras questões de igual importância, sua história e a cultura que a determina. Diante disso, no estudo do fenômeno "uso de drogas pela humanidade", é fundamental que se inclua os três pontos essenciais: o encontro do homem com a substância, dentro de um certo grupo ou sistema social.

A obra intitulada “Droga e Toxicodependência: o desafio de uma intervenção global”, do Conselho Pontifício para a Pastoral da Saúde (2006), revela que, na sociedade atual, a droga é uma ameaça que paira sobre toda a sociedade, como um perigo tanto mais ardiloso quanto mais invisível, ainda não analisado adequadamente em toda a sua gravidade.

A “cultura da “morte” ameaça sobrepor-se ao amor à vida”, sem contar os estragos provocados pela violência de todas as espécies, que o tráfico de drogas ocasiona em todas as sociedades. Nesse âmbito, refiro-me a assassinatos e sequestros, desaparecimento de pessoas.

A droga é fruto e, por sua vez de uma grande decadência ética e de uma crescente degradação da vida social, que corroem o próprio tecido da moralidade, das relações interpessoais e da convivência civil. [...] a droga costuma acompanhar ou causar doenças como a hepatite e a aids. [...] o contexto de violência, exploração sexual, comércio de armas e terrorismo no qual esse fenômeno prospera; e quem não sabe como destrói as relações familiares? (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE, 2006, p. 28).

(contra ansiedade). Já as benzodiazepinas são um grupo de ansiolíticos utilizados como sedativos, hipnóticos, relaxantes musculares.

Mas quais seriam as causas do fenômeno droga? Psicólogos e sociólogos, descritos nessa mesma obra, dizem que a primeira causa que impele os jovens e os adultos para uma experiência com drogas é a falta de motivação de vidas claras e convincentes. Nessa questão, insere-se a falta de sentido para a vida, ou seja, a ausência de valores, a convicção de que nada tem sentido, portanto, não vale à pena viver. O sentimento trágico e desolador, que nutre os usuários, os quais são viajantes desconhecidos num mundo impreciso. Especialistas da área da psicossociologia relatam que a segunda causa do fenômeno está relacionada com a sensação de solidão e de incomunicabilidade, que pesa sobre a sociedade moderna, alienada, sobretudo a família. Ainda nessa questão, existem outros motivos descritos pelos especialistas, que levam à busca por “paraísos artificiais”, nos mais variados tipos de drogas: a estrutura social deficiente e insatisfatória (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE, 2006, p. 29).

Todas as drogas têm um alto poder de destruição, mas uma, em específico, o crack, de que vou tratar nesse trabalho, tem um efeito devastador. Essa droga, por ter um custo muito baixo, é de fácil aquisição. Entretanto, os danos causados ao organismo podem ser irreversíveis. Além disso, os usuários apresentam problemas de ordem física, social e psicológica.

Mas, como surgiu o crack? Em se tratando dessa questão, o sub-capítulo a seguir faz uma retomada da trajetória do crack, desde o surgimento até a atualidade. Nesse âmbito, evidencio os principais mecanismos de ação, os efeitos sociais, físicos e psicológicos provocados pela substância.

O conceito sobre o crack, conforme a definição de Silva, Silva e Medina (2005, p. 157), diz o seguinte: “[...] o crack é uma substância classificada, como estimulante SNC e tem como princípio ativo a cocaína”[...] . Para obtenção da substância, mistura-se amônia (ou bicarbonato de sódio), água destilada e cloridrato de cocaína; em seguida a combinação é aquecida e resfriada, para, então, ser filtrada, dando origem a cristais em formas sólidas. Popularmente, hoje, essa substância é denominada “pedra de crack”. [Grifo meu].

Para melhor compreensão sobre essa droga, esses mesmos autores evidenciam que o cloridrato de cocaína e, por vezes, o sulfato da mesma substância é um pó branco, cristalino, popularmente conhecido como “cocaína das ruas”. A extração do pó ocorre a partir da pasta da coca, por meio da adição de ácido

clorídrico (ou sulfúrico), podendo haver variação de 10% a 90% de cocaína em sua concentração. Todavia, isso depende das misturas a que é submetido, no comércio de ruas. Além disso, vale salientar que o nome crack deriva da semelhança da palavra com o som provocado pelo aquecimento de resíduo do bicarbonato de sódio (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p. 157).

Ainda segundo os teóricos, o crack surgiu no início na década de 70, mas a redescoberta deu-se no início dos anos 80. Esse fato ocorreu devido ao governo colombiano ter diminuído, nesse período, a disponibilidade do éter sulfúrico (elemento usado na transformação da pasta de coca em cloridrato de cocaína); o que, conseqüentemente, provocou a redução da droga no mercado clandestino. Dessa forma, a pasta da coca passou a ser contrabandeada diretamente para o sul da Flórida, para ser convertida em cocaína (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p. 157).

O contato com a pasta da coca fez com que os nativos das Ilhas da América tornassem o produto mais barato. Da pasta da coca, eles obtiveram o crack e introduziram-no nos Estados Unidos, através de Miami e Nova York. Entretanto, a discussão acerca dos danos causados pela droga só veio ocorrer alguns anos depois. O primeiro veículo de comunicação a abordar a questão foi o Jornal New York Times, em 17 de novembro de 1985. No Brasil, a notícia foi publicada em 1986, no Jornal da Tarde, mas sem grandes alardes (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p.158).

No artigo denominado "Uma visão psiquiátrica sobre o fenômeno do crack na atualidade", publicado na Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul (2008), no início da década de 80, socioetnógrafos americanos descreveram uma nova forma de uso da cocaína - a inalação do vapor expelido da queima de pedras manufaturadas, a partir do "cozimento" da pasta básica, combinada com bicarbonato de sódio. Quando essa droga era queimada em um cachimbo de vidro ou outro recipiente, produzia um ruído típico de estalo, tendo sido, por isso, chamada de *crack*. O seu uso permitia uma disseminação maciça da substância para o cérebro, obtendo efeitos mais estimulantes e muitíssimo prazerosos. O início de ação da droga também era rápido, porém mais fugaz, e os usuários descreviam uma "fissura" (*craving*, em inglês) quase incontrolável, quando a estavam utilizando. Os relatos iniciais, sobre os indivíduos que ousavam experimentá-la, descreviam "escravos"

dos seus efeitos; muitos terminavam sucumbindo, devido aos danos causados ao organismo.

Considerada a droga mais consumida nos Estados Unidos, esse descuido fez com que o crack surgisse em São Paulo como o maior foco de concentração de usuários. Nos dados estatísticos apresentados por Silva; Silva; Medina (2005, p. 158), a estimativa policial é de que haja cinco mil pontos de vendas em toda cidade. Em 1985, entre as dezoito chacinas registradas pela polícia militar, dez tinham como fonte geradora o uso da droga. No primeiro semestre de 1986, cerca de seiscentos e quarenta e cinco assassinatos envolveram viciados em crack.

No artigo intitulado “Alterações neuropsicológicas em dependentes de cocaína/crack internados: dados preliminares”, publicado na Revista Brasileira de Psiquiatria (2004), o abuso de cocaína/crack está associado a inúmeros problemas de ordem física, psiquiátrica e social. No mundo, estima-se que 14 milhões de pessoas façam uso abusivo de cocaína. No Brasil, de acordo com o I Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas, realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), constatou-se que 7,2% dos indivíduos do sexo masculino, entre 25 e 34 anos de idade, já usaram a droga. E dados epidemiológicos recentes revelam que o uso de cocaína/crack vem crescendo nos últimos anos entre os estudantes do ensino médio e fundamental, bem como entre os pacientes que procuram atendimento nas clínicas especializadas.

Para Silva, Silva e Medina (2005, p. 159), quanto aos mecanismos de ação, o crack age quando é queimado e sua fumaça, ao ser aspirada, passa pelos alvéolos pulmonares. Por meio desses, o crack é levado à circulação sanguínea e atinge o cérebro. No SNI, a droga atinge diretamente os neurônios (células nervosas). O crack impede a recaptura do neurotransmissor dopamina, mantendo essa substância por mais tempo nos espaços sinápticos⁵, devido a isso as atividades motora e sensoriais são superestimuladas.

A droga leva de 5 a 15 segundos para chegar ao cérebro, e seus efeitos imediatos ocasionam euforia, desinibição, agitação psicomotora, taquicardia (aceleração dos batimentos cardíacos), dilatação da pupila e eventuais alucinações

⁵ A sinapse é uma região de contato muito próximo entre a extremidade do axônio de um neurônio e a superfície de outras células. Na maioria das sinapses nervosas, as membranas das células que fazem sinapses estão muito próximas, mas não se tocam. Há um pequeno espaço entre as membranas celulares (o espaço sináptico ou fenda sináptica).

visuais e táteis. Junto desses efeitos, também ocorrem “tremor muscular, aumento da capacidade física e mental, indiferença à dor e ao cansaço, irritabilidade e insônia”. Existem ainda outras reações tóxicas provocadas, como: ataques apopléticos, problemas cardíacos, parada respiratória, psicose, demência e disfunção pulmonar (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005,p.159).

Os efeitos são devastadores, os mais comuns, inicialmente, são dores de cabeça, tontura e desmaio. O indivíduo descuida-se da aparência, reduz o peso, em pouco tempo, e perde o desejo sexual. A ação fulminante do crack provoca dependência química e pode levar à morte devido a sua atuação no sistema nervoso central e cardíaco (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p.159).

O prazer físico e psíquico provocado pela pedra do crack não descarta os sintomas da crise de abstinência. Em 15 minutos, cessam os efeitos da droga, logo surge a necessidade compulsiva de inalar a fumaça de outra pedra, levando o usuário à depressão profunda e ao desgaste físico. Assim, o crack é usado em quantidades cada vez maiores, causando a dependência física do usuário, mais rapidamente (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p. 160).

Em Silva, Silva e Medina (2005, p. 160), o processo de desintoxicação é feito em 72 horas, embora o índice de recuperação não ultrapasse 35%. O problema maior causado por essa droga é a dependência psicológica e não a desintoxicação orgânica, de modo que a reincidências são inerentes ao tratamento desses dependentes químicos e não significam falha. A recuperação de pacientes viciados em crack apresenta três fases simultâneas: romper o ciclo da ansiedade de depressão alternado (no qual o paciente se vê envolto), terapia individual e familiar, além da reintegração do indivíduo na sociedade (fator decisivo no processo de desintoxicação).

Ainda segundo os autores citados, no que diz respeito à dependência psicológica, a necessidade de um indivíduo usar um determinado tipo de droga pode estar relacionada com a sensação de bem-estar provocada no organismo. Em muitos casos, a dependência psicológica ocorre com pessoas com baixa autoestima e falta de motivação, razões, pelas quais, levam o sujeito a buscar, nas drogas, a “fuga” para os seus problemas. Se por um lado, as drogas, de um modo geral, funcionam pelos seus efeitos positivos, por outro, têm seus efeitos negativos, como a solidão do usuário, a busca incessante por uma nova “dose”, ante dos

abalos emocionais e afetivos provocados pela depressão e pela psicose (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p. 160).

2.3 O resgate social do indivíduo através da Educação Ambiental

Antes de começar essa discussão, algumas questões me parecem pertinentes: a liberação das drogas resolveria os problemas relacionados ao uso e à dependência? As redes de comercialização são as principais responsáveis pelo quadro da toxicodependência?

O fenômeno droga dependência gira em torno da seguinte questão: o acesso mais fácil às drogas poderia elevar o número de usuários experimentais e ocasionais? Mas, e os não dependentes, como se enquadram nessa história? Ao contrário do que muitos pensam, as pessoas não se tornam dependentes de drogas, porque elas estão disponíveis. Entretanto, seria ingênuo pensar que a liberação das drogas resolveria todo o problema. Se, por um lado, a redução da oferta não resolve a questão, por outro o aumento da oferta (liberação) não é capaz de diminuir por si só a dependência de drogas.

Em notícia publicada pelo Correio Brasiliense on line (ZAMPIER, 2011) o Supremo Tribunal Federal (STF) descartou incluir a discussão sobre a liberação do uso de substâncias psicoativas no julgamento sobre a legalidade das passeatas pró-maconha, que foram realizadas nesse dia. Na ação, ajuizada em 2009, o Ministério Público Federal pede apenas a liberação das passeatas pela legalização de drogas leves, por considerar que os eventos não fazem apologia ao crime. O argumento usado por muitos juízes, para cancelar as passeatas, é que os manifestantes fazem apologia ao uso de drogas, o que é proibido pelo Código Penal.

O artigo “A solução menos pior”, publicado pela revista Veja, Edição 2004 de 18 de março de 2009, fala sobre o fracasso da guerra centenária contra as drogas e a corrupção dela decorrente. A Organização das Nações Unidas (ONU) fortalece a ideia de tentar uma saída radical: a legalização das drogas. Todavia, a ONU não chegou nem perto de liberar as drogas. O que houve foram vozes isoladas, mas num coro crescente, que sugeriram que essa opção fosse incluída no debate.

Ainda de acordo com a revista, defensores argumentam que as drogas devem ser tratadas como uma questão de saúde pública. Seus usuários são doentes, e não criminosos, e devem ser atendidos por serviços assistenciais com o intuito de reduzir

os riscos aos quais estão expostos, como overdose, aids e outras doenças. Os governos poderiam taxar e regulamentar o comércio de drogas, tirando-o das mãos dos traficantes e diminuindo a violência associada à disputa por mercados consumidores. Com esse dinheiro, financiariam programas de tratamento de dependentes e educariam seus cidadãos sobre os malefícios dos entorpecentes.

O paradoxo dessa questão é que, a liberação aumentaria o consumo, mas leis mais severas não inibiriam os consumidores. Do ponto de vista legal, conforme descrito em Silva, Silva e Medina (2005, p. 119) “[...] a legislação brasileira fundamentou-se basicamente na Carta das Nações Unidas e nos tratados Internacionais de Controle de Drogas”. No Brasil, medidas de prevenção e repreensão ao tráfico têm sido adotadas com vistas a conter o uso indevido da substância.

Na obra “Droga e Toxicodependência: o desafio de uma intervenção global” (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE, 2006), a produção, a comercialização e o uso de drogas suscitam várias formas de delinquência que vão desde a organização até as redes de fornecimento; bem como até a lavagem de dinheiro “sujo” obtido com o tráfico. Inserem-se nesta questão os indivíduos com problemas sociais, que já estão sob a alçada de ações judiciais. E, conseqüentemente, isso desencadeia questionamentos sobre a injustiça que reina nesse domínio.

Ainda, de acordo com a obra, existe uma perseguição entre alguns “pequenos” vendedores ou consumidores mais ou menos ocasionais, e a relativa impunidade de que gozam personalidades nos meios de comunicação, as quais reconhecem publicamente, em entrevistas, o consumo regular de drogas.

[...] interlocutores dos poderes públicos nessa matéria reivindicam o papel de pessoas às quais os jovens podem recorrer. Atribuir uma tarefa educacional da juventude, e portanto com valor de exemplo, a indivíduos ligados de uma maneira ou outra à droga constitui um perigo real e torna difícil, para não dizer impossível, a luta que se trava contra difusão e consumo de produtos tóxicos (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE, 2006, p. 19).

Para Freitas (2002, p. 54), “[...] no Brasil, o narcotráfico surgiu vinculado ao problema do contrabando, o qual, para existir necessita estar firmemente associado

à corrupção do aparelho policial e do judiciário” . Conforme este ganhou espaço, foi se expandindo devido às facilidades que encontrou em certos segmentos da política.

Numa sociedade, onde há tanta discrepância social, o poder persuasivo da mídia coloca pessoas famosas associadas ao uso de substâncias psicoativas, as quais, na maioria das vezes, assumem o uso dessas. Fascinados por aquele mundo “invisível”, onde só prevalece o imaginário, os jovens tendem a imitar seu personagem, nas roupas, no vocabulário e até mesmo nos atos.

No texto intitulado “Desconstruindo estereótipos e reconhecendo demandas” de Sudbrack⁶ (2011), coloca que se faz necessário pensar com cuidado a relação entre drogas, violência e juventude, considerando a complexidade da questão, uma vez que as temáticas sobre drogas e violência são sempre carregadas de representações que precisam ser desconstruídas. De acordo com o texto, pesquisas em psicologia social apontam que o estereótipo antigo binômio pobreza=violência foi substituído, no imaginário social, pelo estereótipo drogas=violência.

Em Silva, Silva e Medina (2005, p. 126), para trabalhar a prevenção, é imprescindível que sejam tratados, nessa questão, temas como solidariedade, respeito, amizade e bem comum para desarmar os estereótipos erguidos pelo sistema social vigente. Dessa forma, se faz necessário o resgate social do indivíduo através do processo de criação, para que se possa visualizar na criança ou adolescente suas reais relações e visões de mundo.

A questão da legalização das drogas ainda é um assunto muito complexo e discutido em todos os meios sociais. Paralelo a esse fato, existem outras drogas, como os anfetamínicos disponíveis em todos os mercados lícitos ou ilícitos. Essas drogas controlam o sono, a obesidade e o seu uso descontrolado gera muitos dependentes químicos.

⁶ Maria Fátima Olivier Sudbrack Doutora em Psicologia (Université de ParisXIII) e Pós-doutora em Psicossociologia (Université de Paris VII); Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica/Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília; pesquisadora do CNPQq; Coordenadora do PRODEQUI-Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas/PCL/IP/UnB; Psicóloga clínica, terapeuta de famílias e de adolescentes.

3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO FATOR DE PREVENÇÃO AO USO DO CRACK

Para percepção do fenômeno “drogadição”, é preciso discorrer sobre as políticas públicas sobre drogas que estão sendo utilizadas para conter a dimensão da substância. Dessa maneira, selecionei algumas Leis que tornam mais compreensíveis a questão.

No ano de 2003, o Ministério da Saúde elaborou um plano de ação intitulado “A Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas”. O texto diz que “[...] o Ministério da Saúde assume de modo integral e articulado o desafio de prevenir, tratar, reabilitar os usuários de álcool e outras drogas como um problema de saúde pública” (BRASIL, 2003, p. 28).

Assim, a questão das drogas passou a ser tratada como um problema de saúde pública. O compromisso do Programa é manter uma política de atenção a usuários de álcool e drogas. Dessa forma, rompeu com a dicotomia que separava álcool/drogas e se fundamentou no eixo principal: o do “tratamento”. A associação drogas-comportamento antissocial (álcool) ou criminoso (drogas ilícitas). Em ambos os casos, há um único objetivo a ser alcançado: a abstinência.

A Lei Nº 11. 343, de 23 de agosto de 2006, institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – (SISNAD) e prescreve as medidas de prevenção, e a reinserção de usuários e dependentes. Esse órgão tem por finalidade integrar, coordenar e integrar as atividades relacionadas à prevenção do uso indevido, à reinserção dos usuários e dependentes e à repressão não autorizada do tráfico de drogas.

O Título III trata das atividades de prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas, no capítulo da prevenção. No capítulo I, selecionei alguns artigos e incisos, os quais considero importantes para o desenvolvimento do trabalho.

Art. 18. Constituem atividades de prevenção do uso indevido de drogas, para efeito desta Lei, aquelas direcionadas para a redução dos fatores de vulnerabilidade e risco e para a promoção e o fortalecimento dos fatores de proteção.

Art. 19. As atividades de prevenção do uso indevido de drogas devem observar os seguintes princípios e diretrizes:

II - a adoção de conceitos objetivos e de fundamentação científica como forma de orientar as ações dos serviços públicos comunitários e privados e de evitar preconceitos e estigmatização das pessoas e dos serviços que as atendam;

VII - o tratamento especial dirigido às parcelas mais vulneráveis da população, levando em consideração as suas necessidades específicas;

XI - a implantação de projetos pedagógicos de prevenção do uso indevido de drogas, nas instituições de ensino público e privado, alinhados às Diretrizes Curriculares Nacionais e aos relacionados a drogas; conhecimentos

O parágrafo único dessa Lei diz que são consideradas como drogas as substâncias ou os produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União.

Em Silva, Silva e Medina (2005, p. 119), as drogas, sob o ponto de vista legal e jurídico, podem ser classificadas em:

Lícitas: são produzidas e comercializadas legalmente (álcool, tabaco, medicamentos, inalante, etc).

Ilícitas: são comercializadas ilegalmente (maconha, cocaína, crack, etc).

De uso controlado: podem ser adquiridas com receita médica (moderadores de apetite e tranquilizantes, etc).

Para esses autores, “O Estatuto da Criança e do adolescente, apesar das dificuldades e demora na implantação das medidas que prevê, é sem dúvida, um grande aliado da prevenção” (SILVA, SILVA, MEDINA, 2005, p. 119).

No que concerne a essa questão, gostaria de ressaltar alguns aspectos legais descritos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Nas disposições preliminares, Art. 1º do Estatuto, a Lei considera criança, pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

As normas de prevenção, descritas nos incisos II e III do Art. 81 do ECA, dizem que é proibida, à criança e ao adolescente, a venda de bebidas alcoólicas e produtos cujos componentes possam causar dependência física e química, ainda

que por utilização indevida. Noto que o termo “utilização indevida” refere-se ao uso impróprio de determinada substância. Entretanto, a lei não faz referências a medidas punitivas quando se trata do “ato infracional”, cometido pelo menor. Nesse caso, em vez de medidas punitivas, a Lei dispõe de Medidas Socioeducativas, que vão desde a advertência, obrigação de reparação do dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, regime de semiliberdade até a internação.

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) afirma que as leis anteriores promoviam o controle e a exclusão social sustentadas na Doutrina de Proteção. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) expressa direitos da população infanto-juvenil brasileira, pois afirma o valor da criança e do adolescente, como ser humano em respeito à sua condição de pessoa em desenvolvimento, o valor da infância e da adolescência, como portadoras de continuidade do seu povo e o reconhecimento da sua situação de vulnerabilidade, o que torna as crianças e adolescentes merecedores de proteção integral por toda sociedade.

Muito embora, de acordo com texto do SINASE, “[...] o ECA apresente significativas mudanças e conquistas em relação ao conteúdo, ao método e à gestão, essas ainda estão no plano jurídico e político-conceitual, não chegando efetivamente aos seus destinatários”.

As Leis existem, mas o que as torna inaplicáveis? Por que elas não atingem a todos? Tais questionamentos se justificam pelo fato que, é possível ver, em plena luz do dia, crianças e adolescentes consumindo drogas.

São inúmeros os dispositivos legais de prevenção ao uso de drogas, embora não o suficiente; ainda assim, a existência da lei é necessária. É preciso um dispositivo de acompanhamento desses jovens através de práticas educativas que tenham como objetivo encontrar a solução para o problema.

No que diz respeito a essa questão, a escola deve atuar no sentido não só de prevenção, mas também de recuperação, de reintegração dos jovens usuários através de atividades de interesse dos mesmos. Oficinas de teatro, música, dança, esportes podem manter os jovens ocupados e afastados do “submundo” das drogas.

A família pode ser uma grande aliada nessa questão, pois o amor, o respeito e a união não ficam em segundo plano, eles são fatores primordiais não só na fase de prevenção, mas também de recuperação do jovem usuário. Dessa forma, as

atividades desenvolvidas devem ter o apoio da escola, da família, da comunidade e de toda a sociedade, nas ações contra o uso de drogas.

Robaina afirma que:

Devido à reduzida eficiência de políticas públicas, muitos jovens, com baixa alta estima se envolvem nessa atividade. Esse envolvimento, para o adolescente surge como uma possibilidade de ganhar dinheiro e de ter acesso facilitado à droga para seu próprio consumo. O reflexo disso aparece na família muitas vezes recrutada para o tráfico (ROBAINA, 2010, p. 42).

Em cidades como São Paulo, existe uma região que passou a ser denominada “cracolândia”. Em Porto Alegre, a Avenida Castelo Branco tornou-se um ponto de viciados que ocorre no Loteamento Santa Terezinha (ex-Vila dos Papeleiros), um conhecido ponto de tráfico, distante três quadras da Secretaria da Segurança Pública.

A Lei Nº 6. 368, de 21 de outubro 1976, no art. 1º vigora da seguinte maneira:

Art. 1º É dever de toda pessoa física ou jurídica colaborar na prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica.

Essa Lei deixa claro que é dever de todos, colaborar na prevenção e repressão ao tráfico e uso indevido de drogas.

De acordo com Robaina (2010, p. 52) “[...] a Política Nacional Antidrogas, surge como instrumento regulador de todos os projetos que o Brasil pretende desenvolver para diminuir o mal causado pelas drogas aos nossos jovens”. Essa política tem como principal objetivo: informar a sociedade brasileira sobre os riscos representados pelo uso indevido de drogas. Além disso, visa capacitar profissionais da educação e de diversas áreas do conhecimento, para atuarem na prevenção e no combate ao tráfico de drogas. Outros caminhos apontados por essa política é a municipalização das ações contra as drogas, com a colaboração de professores e educadores das escolas municipais, que se capacitam sobre o assunto e têm conhecimento para esclarecer, aos alunos, os mais diferentes aspectos relacionados a essa temática, em sala de aula (ROBAINA, 2010, p. 52).

Os Conselhos Municipais de Entorpecentes (COMENs) atuam como representantes de todas as entidades que trabalham com essa temática. Esses conselhos, quando atuantes, são de fundamental importância na sociedade, pois

têm como função estabelecer políticas públicas de prevenção, tratamento e ressocialização, além de fiscalizarem entidades que atuam nessa área, como comunidades terapêuticas, clínicas médicas e entidades assistenciais (ROBAINA, 2010, p. 53).

Cabe destacar que essa política é a valorização do “Projeto de Redução de Danos Sociais e à Saúde”, do governo federal, cujas metas são reduzir às consequências causadas pelo uso abusivo das drogas, principalmente em adolescentes, buscando a redução do uso e a diminuição dos danos à saúde. Essa política visa desenvolver ações de prevenção ao abuso de drogas, através de cursos de capacitação docente oferecidos pelo governo, aos educadores da rede de ensino (ROBAINA, 2010, p. 53).

Nessa questão, o governo federal, por meio da Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), pretende reduzir a proliferação do uso de drogas, que afetam os jovens brasileiros. Assim, concretizando um projeto de prevenção, pode direcionar esses jovens para uma melhor qualidade de vida (ROBAINA, 2010, p. 53).

A emenda Constitucional, que altera a Lei Nº 65, de 13 de julho de 2010, altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude.

Art. 2º O art. 227 da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 227 É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

III - garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola;

VII - programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins.

Os parágrafos do artigo 227 mostram que as leis existem, mas nem sempre são cumpridas. Sabemos que nem todas as crianças e jovens desse país têm direito à saúde, alimentação e educação. As leis asseguram direitos básicos, porém, na prática, nem sempre esses direitos são garantidos. Vivemos em uma época em que

nossas crianças e adolescentes estão expostas a uma diversidade de situações que implicam violência, discriminação, exploração, crueldade e solidão. Nesse contexto de opressão, a falta de sentido para a vida, o sentimento trágico e desolador, a sensação de solidão e de incomunicabilidade são um “convite” para o mundo das drogas.

Para uma maior compreensão sobre o usuário de drogas, deve-se conhecer seu ambiente, os fatores que contribuíram para o desenvolvimento de sua personalidade, seus contatos iniciais com grupos, as pessoas que influenciaram decisivamente na sua forma de pensar. Dessa forma, seguindo passo a passo o personagem poderá ser entendido. Mas isso não será o suficiente, caso não se analisem paralelamente as circunstâncias sociais e políticas que o envolvem.

As leis de proteção asseguram, à criança, ao jovem e ao adolescente, direitos mediante a proteção da família da sociedade e do Estado. A família é de fundamental importância na recuperação de dependentes químicos. Segundo Silva; Silva; Medina (2005), a família é considerada um grupo imprescindível na formação e desenvolvimento do ser humano; uma das funções a ela atribuída é de cuidar de si e do outro, mas nem sempre isso ocorre.

Para Freitas (2002, p. 65), o adolescente tem necessidade de ter modelos de identificação. No entanto, quando suas condições psicológicas são precárias, e o seu contexto familiar é conturbado, a escolha de modelos identificatórios fica severamente prejudicada.

A família exerce um papel importante na vida dos jovens, mas deve-se considerar também o momento histórico da qual ela faz parte, uma vez que existem diferentes grupos familiares determinados por um conjunto significativo de variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas.

Nesse sentido, conflitos familiares permeados por desavenças, lares desestruturados, falta de diálogo com os filhos, podem ser responsáveis por um ambiente de difícil relacionamento. No entanto, na maioria das vezes, a família também é vítima desse ambiente hostil. As causas do problema estão nas transformações ocorridas no “novo” modelo de sociedade.

Tais transformações levam homens e mulheres a atuar no mercado de trabalho em condições de desigualdade. Assim, começam a dividir entre si o trabalho doméstico e a educação dos filhos, ainda que a maior parte destas tarefas

se mantenha a cargo da mulher, que vem confrontando os desafios do mundo do trabalho procurando conciliar a vida profissional e familiar.

Em alguns casos a mulher tem que assumir o papel de mãe e o papel de pai, por diversos motivos (mães solteiras, divorciadas ou viúvas). A sensação de solidão e de incomunicabilidade, de excesso de trabalho que pesa sobre a sociedade moderna, alienada, o empobrecimento das relações familiares.

4 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES

Pensar em estratégias de prevenção de drogas na adolescência significa observar todos os seguimentos sociais que compõem esse sistema. O primeiro deles é a família, depois a escola e por último a sociedade. Existe, nesse princípio, uma série de relações que estão interconectadas, entre si. Mas, para tomar conhecimento do surgimento da “instituição família”, é necessário que eu faça uma retrospectiva histórica das transformações ocorridas no decorrer dos séculos.

Como assinala Freitas (2002, p. 29), em sua obra “Adolescência, Família e Drogas: a função paterna e a questão de limites”, no século XV, as crianças permaneciam em casa até os 7 ou 9 anos. Depois, eram enviadas para a escola ou para casa de outras pessoas, onde ali permaneciam até aprenderem um ofício, além de serem obrigadas a fazer todo o serviço pesado da casa.

A partir do século XV, começa a haver transformações na realidade e nas relações intrafamiliares. A educação passa a ser oferecida pela escola e, conseqüentemente, ocorre o aumento da frequência escolar. A sociedade da época exige maior disciplina moral por parte dos educadores. Crianças eram afastadas do mundo dos adultos, isso fez com que os pais assumissem um papel de vigilância sobre os filhos (FREITAS, 2002, p. 31).

No século XVII, acentua-se o papel dos pais que, agora, participam ativamente da educação dos filhos. Embora muitos ainda fossem mandados para internatos, eles vinham constantemente visitar os pais, fazendo com que as relações permanecessem vivas. Nessa época, a família e a escola eram os principais fatores de influência para a saída das crianças do mundo dos adultos (FREITAS, 2002, p. 32).

Porém, foi no século XVI e XVII que a criança teve um lugar de importância junto a família, pois esta passa a ser valorizada e surgem preocupações quanto à educação, carreira, trabalho e futuro, etc.

No entanto, a família do século XVII não era nada parecida com a família moderna. As relações sociais da família setecentista eram numerosas, nas casas dos grandes proprietários, dos nobres, existia uma rede social encabeçada pelo chefe da família (FREITAS, 2002, p. 33).

A família moderna é muito diferente do que foi a família de antigamente, na qual nem sempre as crianças eram o centro das atenções de seus pais. A preocupação com as crianças e adolescentes foi, paulatinamente, ganhando espaço e tornando-se o centro das discussões do que seria denominado o homem de amanhã (FREITAS, 2002, p. 33).

Surge, nessa questão, a preocupação com os filhos e o trabalho. A família moderna dedica grande parte do seu tempo para questões referentes à vida, à qualidade das relações, aos cuidados materno-infantis, à escolaridade, e à adolescência.

A fase da adolescência é um dos momentos mais conflituosos no percurso dos homens, conforme descrito em Robaina “[...] o adolescente valoriza mais o grupo de amigos do que sua própria família. Obedece às regras que o grupo estabelece, não importando se elas não forem semelhantes às regras impostas por seus pais em casa” (2010, p. 22).

Nesse processo, há uma desestabilização dos valores que eram anteriormente estabelecidos, e, à medida que esses valores são usados de forma inadequada, há uma crise familiar, que desequilibra não só os pais, mas também todo grupo social. A adolescência é uma fase complexa da vida, é a saída do mundo da criança para entrar no mundo dos adultos. Nesse momento, há uma perda de referências, e uma preocupação em encontrar parceiros fora do seu grupo familiar.

A denominada “crise da adolescência” aparece sempre associada a um desinteresse pelo mundo exterior, às dificuldades em lidar com aspectos práticos da vida, à atitude antissocial e a constantes contradições em todas as manifestações da conduta e da ação, que constituem uma nova forma de expressão, a qual se reflete pelo afastamento dos pais, as alterações de humor e o estado de desânimo.

A fase da adolescência é uma etapa problemática na vida dos jovens, pois eles passam por constantes mudanças nas atitudes e as emoções são contraditórias. Existem momentos permeados pela alegria e outros repletos de tristeza, uma verdadeira desorganização emocional.

Conforme Zagury, a adolescência:

[...] é uma fase de transição entre a infância e a juventude. As modificações no corpo são universais: o desenvolvimento físico, o amadurecimento sexual, as modificações no nível social (grupo de amigos), o surgimento do raciocínio hipotético – dedutivo. Um fator a

ressaltar é o aspecto emocional nessa transição. Mas o fundamental é deixá-lo vivenciar suas dúvidas (ZAGURY, 2002, p. 221 *apud* ROBAINA, 2010, p. 18).

Outra contradição apontada por Robaina (2010, p. 19) refere-se à questão da dependência versus independência. O estado de dependência caracteriza-se por ser fundamentalmente humano e estruturante para o sujeito. O primeiro estado é entre a mãe – filho, a criança tornar-se-á alguém diferente e único. Por um lado, o adolescente sente-se seguro nessa relação de dependência dos pais; por outro lado, esforça-se para buscar sua própria independência.

O conceito de adolescência, segundo o mesmo autor, relaciona-se a um processo de crescimento. Em termos físicos, refere-se ao período entre a puberdade e o desenvolvimento do corpo, com ênfase nos caracteres sexuais. Para as meninas, o período vai dos 12 aos 21 anos; para os meninos, dos 14 aos 25 anos. No início dessa fase, os adolescentes apresentam muitas dificuldades, pois os pais e a sociedade exigem mais responsabilidade, comportamento de adulto, e eles continuam com atitudes infantis, recusando-se ao crescimento (ROBAINA, 2010, p. 19).

As perdas sofridas pelos adolescentes nessa fase são chamadas (por ABERASTURY, 1981, p. 37 *apud* ROBAINA, 2010, p. 19-20) de “[...] luto da adolescência”. Inicialmente, ocorrem as mudanças físicas, contra essas, ele nada pode fazer, seguindo-se a essa questão, vem o luto pela identidade infantil, momento em que ocorre a famosa “irresponsabilidade do adolescente”, o qual vive entre a fantasia e a realidade. Dessa forma, começa a formação dos grupos da mesma idade, nos quais ele se apoia para se sentir seguro, depois ocorre a participação das decisões do grupo, sem preocupações com a responsabilidade. E, por último, o luto mais conflituoso, a perda dos pais e da infância. Os adolescentes descobrem que os pais nunca foram os pais idealizados na infância. É nesse momento que iniciam os confrontos e contestação de autoridade.

Na visão de Freitas (2002, p. 37), a travessia da “crise da adolescência” dependerá das possibilidades elaborativas desses lutos, pois estão relacionadas com o investimento libidinal no objeto perdido. O processo do luto é sempre movido por uma sensação de tristeza e desinteresse pelo mundo exterior, bem como por uma perda da capacidade não só de amar, como de lidar com as várias situações da

vida. Por ser um processo tumultuado, o adolescente precisará de tempo para organizar as perdas sofridas, terá que estabelecer novos vínculos, sempre em estreita dependência do grupo familiar e do grupo social, nos quais está inserido. O processo do jovem, o qual está em conflito com o mundo interior, é lento, visto que ele ainda está se adaptando ao mundo exterior. As relações entre pais e adolescentes são sempre conflituosas. É um momento marcado por contestações, muitas delas agressivas. Os pais também passam por momentos de luto, à medida que os filhos crescem.

De acordo com o mesmo autor, “[...] aceitar que a vida é finita, que vão envelhecendo e tendo que dar lugar aos mais jovens. Deverão abandonar a imagem que criaram para si frente ao filho bem como não poderão mais funcionar como líderes ou ídolos” (FREITAS, 2002, p. 38). Essa sensação de perda deixa os pais fragilizados, sendo assim eles têm que se adaptar a uma nova condição de vida.

A adolescência é uma fase difícil, que implica em muitas descobertas e surpresas, mas não está isenta de sofrimento. A negação desse sentimento leva os jovens a comportamentos antissociais e até autodestrutivos. A angústia por que eles passam é denunciada através de suas atitudes.

Segundo Bucher (1992, p. 139), para que a prevenção seja bem sucedida, encontre a receptividade na população alvo e surta efeitos tangíveis, é fundamental que suas ações sejam norteadas por ideias construtivas, por valores humanos que levem em conta as características psicológicas e sociais do ser humano.

Conforme Freitas (2010, p. 40), “[...] o trabalho com adolescentes, seja qual for linha teórica, não pode prescindir de um exame da família e das condições sociais em que vivem, pois as situações críticas estão intimamente relacionadas com as dificuldades do grupo”.

4.1 A Educação Ambiental desconstruindo barreiras entre a família e a adolescência

Em todas as partes do país, são construídas histórias trágicas em torno do crack, o desespero das famílias, mães que acorrentam os filhos na esperança de mantê-los distante do inimigo “invisível”: o crack. Para Morin; Kern (2005, p. 59), “Cada um vive do nascimento à morte uma tragédia insondável, marcada por gritos de sofrimento, de prazer, por risos, lágrimas, desânimos, grandeza e miséria. Cada

um traz dentro de si tesouros, carências, falhas e abismos”. O medo domina as famílias, os laços são rompidos. Cercear a liberdade do filho é a única forma de proteção encontrada, em alguns momentos. Os pais já não conseguem proteger os filhos de si mesmos, o crescente vício dos adolescentes, as dívidas com traficantes, por fim, a própria desestrutura familiar.

A preocupação dos pais, quando os filhos estão na adolescência, é de que eles se envolvam no mundo do crime, levados pelo uso das drogas. Na fase da adolescência, os jovens procuram um grupo de pertencimento para se sentirem reconhecidos e valorizados pelos outros. Nas palavras de Robaina (2010, p. 20), “[...] se não há reconhecimento na família, na igreja, no centro comunitário, no clube, no trabalho e na escola, o adolescente procurará reconhecimento na marginalidade”. Eles não medem os riscos, o que importa são os momentos de prazer, mesmo que o preço a ser pago seja alto.

Vivências permeadas por conflitos familiares também são consideradas fatores de risco. O adolescente pode entrar para o mundo das drogas buscando uma “fuga” de seus problemas. Em Silva, Silva e Medina

[...] os conflitos surgidos, sobretudo da dissociação entre a mudança corporal e a psicologia, levam o adolescente à necessidade de planificação característica desse período que abarca desde o problema religioso ou o da colocação do homem frente ao mundo. (2005, p. 96)

Nas palavras de Bucher (1992, p. 33), na “crise da adolescência”, o jovem é um palco de tendências antagônicas que não entende o que o ultrapassa, embora desarticulando ele mesmo. O único meio é a “fuga” dos companheiros de vida habituais, a começar pela família, procurando o refúgio em si mesmo, o enclausuramento impenetrável, no qual tenta proteger sua fragilidade. Para Freitas, “[...] os adolescentes, na verdade, constituem um grupo de alto risco para utilização das drogas” (2010, p. 41).

Dessa forma, vários fatores podem estar envolvidos no aumento no consumo de drogas pelos adolescentes, alguns podem estar relacionados a fatores econômicos, sociais e ambientais, ou seja, às pressões sociais provocadas por uma sociedade que impõe “modelos”, dita regras, os modos de vida capitalista do mundo globalizado. Nas palavras de Carlini *apud* Robaina,

A sociedade é excludente e vivemos na época do consumismo. [...] O mercado de consumo faz parte da sociedade atual e precisa de consumidores. Quando temos uma grande disponibilidade de drogas e um vasto mercado de consumo, o número de dependentes aumenta muito, como mostram pesquisas recentes. (2010, p. 42)

A própria família é refém dessa sociedade, e, devido ao uso de substâncias psicoativas, pode ser considerada um dos fatores de risco que pode levar o adolescente ao uso de drogas. Em Sudbrack (2004, p. 34) *apud* Robaina (2010, p. 20), o envolvimento da família com o álcool ou outra substância que possa causar dependência química; a falta de preocupação da família em relação ao consumo de álcool ou drogas pelo adolescente; a falta de expectativas familiares em relação aos adolescentes; a falta de limites e estímulo a conquistas importantes; a baixa expectativa em relação a conquista dos filhos; o conflito conjugal; o estímulo a uma reação competitiva entre irmãos, a falta de cuidados básicos com os filhos.

Entretanto, conforme essa mesma autora, existem também os fatores de proteção, famílias bem estruturadas com os laços afetivos edificados e sempre abertas à comunicação; famílias que estimulam, através da educação, as conquistas pessoais dos membros do grupo familiar; famílias que compartilham responsabilidades tornando as ideias claras dos filhos em relação aos pais, sempre abertas ao diálogo e à liberdade de expressão (ROBAINA, 2010, p. 21).

A família influencia diretamente nos impactos projetivos dos adolescentes. O ambiente social, econômico e cultural também influencia nas atitudes, nos valores e no modo de pensar a vida. De acordo com Bucher (1992, p. 69-70), “[...] além dos fatores sociais, e aqueles inerentes ao produto tóxico, cabe levar em conta a personalidade do usuário, suas vivências, conflitos e carências”. Num ambiente social conflituoso, o adolescente busca apoio no grupo de amigos que usa droga. Nesse grupo, existem normas de comportamento que são firmemente impostas pelo grupo ao adolescente. Logo, ocorrerão mudanças no modo de vestir, no corte do cabelo, enfim mudanças de atitudes, de hábitos.

De acordo com Freitas:

O grupo de adolescentes é um espaço de transição para o mundo adulto desejado e temido; contudo a experiência vivida nesse grupo, dependendo do contexto familiar do adolescente pode ser uma experiência extremamente produtiva ou geradora da indução ao caminho tortuoso do mundo da drogas. (2002, p. 44).

Conforme expressa Bouchard (1988) *apud* Silva, Silva e Medina (2005, p. 85), existem três modelos educativos predominantes no cuidado dos pais em relação aos filhos.

O primeiro, intitulado Modelo Racional, é aquele em que os pais mantêm o poder de decisão sobre as atividades e o futuro dos filhos. Esse modelo é regido pela disciplina, ordem, submissão e autoridade. As estratégias educativas nesse modelo são centradas na autoridade, os pais impõem as normas: ameaçam, criticam, controlam e proíbem. São questões orientadas mais para um conformismo social do que para a autonomia.

No Modelo Humanista, os pais se colocam como orientadores, cabendo aos filhos o poder e a decisão, numa política chamada por Bouchard (1988) de “autogestão do poder pela criança”. Nessa essa estratégia educativa estão os pais que permitem e estimulam a expressão das emoções pelos filhos, encorajando-os, motivando-os nos seus empreendimentos, valorizando sua capacidade e potencialidades e assim favorecendo a autonomia e autodeterminação.

O terceiro modelo, nomeado de Simbiossinérgico, caracteriza-se por uma “co-gestão” do poder, ou seja, pais e filhos compartilham atividades que pertencem a ambos. Simbio significa “associação durável e reciprocamente proveitosa entre dois ou mais seres vivos”, sinérgico “corresponde aos recursos das pessoas e a ação coordenada de muitos”. Entre as estratégias pensadas por Bouchard, estão respeitar deveres e direitos entre pai e filhos; partilhar responsabilidades cotidianas; desenvolver uma consciência social (além das paredes da casa); trocar, com os filhos, suas experiências, emoções e sentimentos; e explicar as consequências de determinadas ações, para que as crianças reconheçam seus erros.

Bouchard revela que, muitas vezes, as escolas tendem a reproduzir esses modelos na sua relação com os pais, por isso, seria importante que a escola repensasse o seu modo de agir, adotando não só um único modelo na relação com a família do aluno e com ele próprio, mas aproveitasse todos os aspectos positivos de cada um deles, de acordo com a realidade vivenciada pelos integrantes da comunidade.

4.2 As consequências do uso do crack na juventude

As consequências do uso dessa droga são quase sempre desastrosas sobre a vida do usuário, promovendo prejuízos em suas mais diversas áreas de

funcionamento. A falta de limites, as amizades e o distanciamento da família induzem o adolescente ao consumo do crack.

Conforme Freitas:

O problema dos limites é um problema central na questão do uso de drogas, já que tem uma correlação direta com o lidar com a frustração. É a possibilidade de se equilibrar com o que pode e o que não se pode fazer. É essa instância reguladora da Lei que vem faltar nestas famílias, é a impossibilidade do exercício do dizer *não*, dos limites reguladores da inserção na cultura [...] (FREITAS, 2002, p. 46-47).

Nesse processo, pressupõe-se que alguns fatores podem estar relacionados como uma condicionante para o uso do crack. A privação de recursos são fatores econômicos que estão associados ao fracasso. Adiciona-se a isso, o espaço social ocupado pelo jovem de classe baixa na sociedade e as representações mentais do consumismo introduzidas pela mídia. Para Freitas,

[...] o adolescente originário da classe baixa, da favela frequentemente envolve-se com o narcotráfico, [...]. Ser bandido e andar armado promovem o acesso às jovens mulheres da área, dando ao adolescente a sensação de ser valorizado, respeitado, temido. (2010, p. 18)

O ter prevalece sobre não ter, e diante da impossibilidade da família de lhe proporcionar o objeto que lhe confere “status”, o dinheiro “fácil” passa a ser a opção.

Para Robaina:

A situação de abandono dos jovens de periferias, não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, mas mundial. Esse fenômeno ocorre também em países desenvolvidos. Embora os contextos socioculturais e a postura da população em geral possam variar, a presença de jovem em situação de vulnerabilidade social é uma questão globalizada (2010, p. 12).

Entretanto, outros fatores induzem o adolescente ao consumo do crack, como as amizades, a falta de limites e o distanciamento da família. Para Freitas

É comum em famílias com estrutura geradora de patologias, que o fenômeno não seja percebido com facilidade. É necessário, muitas vezes, que o quadro se agrave para que outros participantes do grupo familiar se dêem conta da inclusão na problemática (2010, p. 42).

A adolescência é a fase da vulnerabilidade, das curiosidades, das sensações, do proibido. O gosto por “aventuras” pode trazer consequências drásticas, principalmente, quando a acessibilidade ao “objeto do desejo” não é só uma questão econômica, mas sim, a busca da satisfação e do prazer. Inserem-se nessa problemática os jovens de classe média e alta. “O apelo ao mundo marginal das drogas também, e cada vez mais, encontra eco junto as classes mais favorecidas” (FREITAS, 2010, p. 18). A sensação de contentamento do prazer e a tentativa de preencher o espaço vazio, da satisfação e do desejo, os leva a buscar caminhos “desconhecidos” e, nessa trajetória, sem o apoio da família, tornam-se também “vítimas” do crack.

Conforme Bucher (1992, p. 33), a fase da adolescência consiste em uma etapa crítica devido ao seu caráter de transição: a passagem da fase de criança que o adolescente não é mais e o adulto que não é ainda, mas que deseja ser. Essa transição de uma etapa a outra da vida, inclui conflitos “[...] que raramente se revelam de modo direto, mas que devem ser responsabilizados pelas incongruências que constam da conduta adolescente”. (BUCHER, 1992, p. 33). Se, por um lado, os jovens procuram imitar os adultos, que consideram como ídolos, como “bem sucedidos” ou por outro traço qualquer, que lhes desperta a atenção; por outro lado, deixarem a infância para trás, onde pouco se exigia, pois não se responsabilizavam pelos próprios atos, contribui para as contradições que eles acumulam em sua conduta.

Os conflitos não se limitam apenas aos de geração, mas originam-se na fase do amadurecimento ou de regressão à infância. Essas convergências antagônicas provocam crise no adolescente, o qual não entende o que se passa com ele. “A saída mais comum que encontrará, será aquela da fuga: fuga de seus parceiros de vida habituais, a começar pela família, procurando refúgio em si mesmo”. O isolamento é uma forma pela qual ele tenta proteger sua fragilidade ou busca inserir-se em grupos místicos desenvolvendo estilos de vida (BUCHER, 1992, p. 33).

O abalo emocional provocado pelo crack provoca uma série de desajustes que resultam em problemas relacionados à conduta. Isso ocorre, porque o indivíduo começa a apresentar comportamentos antagônicos provocados por suas reações aos estímulos da substância. O transtorno de conduta, depressão, agressividade e ansiedade contribuem para que o adolescente apresente um comportamento

instável e com dificuldades de se relacionar socialmente. A compulsão pela droga o leva a cometer atos que “fogem” ao seu controle e, para sustentar o vício, pratica o “roubo”. Não existe família, nem amigos e nem vida social, tudo circula em torno do crack e do prazer ilusório que esse proporciona.

Conforme Freitas, afirma:

Em certas famílias, a criança, e posteriormente o adolescente não respeita a Lei (no seu sentido amplo), até porque a Lei, para ser respeitada, tem que ser temida, e esse respeito só pode ser estabelecido se tanto pai quanto a mãe se impuserem como figuras de autoridade, para seus filhos poderem participar do contexto social, [...]. O usuário contumaz de drogas não respeita nem o outro nem a si próprio, na medida em que o seu uso continuado nada mais é do que um suicídio a conta-gotas [...] (2002, p. 46).

Em Bucher (1992, p. 141), querer aplicar ações preventivas baseadas em transposições simplórias, significa desconhecer o fenômeno do consumo de drogas, as motivações do usuário, que o levam à procura daquele “agente”, e os seus efeitos tríplexes no corpo, na cabeça e no coração; é ignorar a relação da droga com o prazer, a transgressão e a autodestrutividade, consciente ou não consciente.

No que diz respeito a essa questão, a camada mais carente da população sofre os efeitos da substância; a crise social atinge a estruturação sócio-econômica desencadeando o aumento da pobreza, logo “[...] o consumo de drogas atinge então todas as parcelas fragilizadas do corpo social e se propaga com rapidez, inclusive entre os menos favorecidos”. (BUCHER, 1992, p. 28). A sensação de esquecimento dos problemas favorece o aumento do consumo que, por sua vez, acarreta danos não só na vida individual como também na vida social. Se as drogas usadas diminuem a sua potência, as dosagens aumentam “[...] trazendo em sua bagagem a decadência física e moral, a violência e a marginalização, a solidão e o suicídio”. (BUCHER, 1992, p. 29).

Diante dessas questões, alguns fatores de risco, que podem estar associados ao uso do crack, encontram espaço na curiosidade, na obtenção de prazer, no relaxamento das tensões psicológicas e na facilitação da sociabilização. Insere-se nesses fatores, a influência do grupo, o isolamento social, a dinâmica familiar, a baixa autoestima, o manejo inapropriado da mídia na questão das drogas,

as influências genéticas, os familiares com problemas com álcool, e a excessiva medicalização da sociedade.

Entretanto, não basta apenas diminuir os fatores de risco, mas promover ações preventivas com vistas a coibir o uso das drogas. No que diz respeito a essa questão, o papel dos educadores é de extrema importância. Sendo assim, cabe a eles, planejarem ações educativas que reservem espaço para os alunos e a comunidade, através da prevenção.

4.3 A Educação Ambiental como fator de prevenção ao uso do crack

Uma das estratégias usadas na prevenção do uso indevido de drogas pode estar na própria Escola, através da elaboração de projetos direcionados à discussão da questão de uso de drogas na adolescência. Para Robaina “[...] os professores devem ser capacitados em cursos de formação e reservar espaços significativos em suas escolas para trabalhar a favor da ‘vida’” (2010, p. 51). A utilização de metodologias de ensino, como oficinas de teatro e vídeo, podem ser usadas como ferramentas de representação entre os alunos, além de fortalecerem o vínculo afetivo de amizade e respeito entre eles.

A escola, nos dias de hoje, enfrenta um problema sério em relação ao uso de drogas pelos adolescentes. Conforme o mesmo autor, “[...] dados atuais mostram que as escolas enfrentam sérios problemas relacionados à drogadição do uso abusivo e do tráfico de drogas por adolescentes” (ROBAINA, 2010, p. 41). Esse problema suscita várias reflexões sobre de que forma tratar essa questão, no contexto escolar.

Ainda, para esse autor, uma das estratégias pensadas é capacitar educadores que abordem a problemática das drogas em escolas da periferia do Rio Grande do Sul. Além disso, preparar professores e a comunidade em geral sobre os diferentes tipos de drogas utilizados por alunos, em situação de vulnerabilidade social. Assim, em poder desse conhecimento, os educadores poderão planejar estratégias de combate às drogas na escola.

O trabalho a respeito das drogas, nas escolas, pode levar, ao conhecimento dos alunos, os prejuízos causados por essas substâncias. O que possui extrema importância, já que “[...] usar álcool ou outras drogas é uma atitude frequente entre eles. Em geral, não se dão conta da dimensão do problema que irão enfrentar em

decorrência do uso abusivo de drogas e da dependência química” (ROBAINA, 2010, p. 42).

A questão da drogadição é um problema que envolve todos os setores sociais. Dessa forma, é preciso a colaboração de todos e, principalmente, de toda comunidade escolar, através de um trabalho educativo e preventivo, que busque conter o avanço das drogas dentro e fora das escolas. A proliferação das drogas exige que certas medidas sejam adotadas mediante a gravidade do problema. A adoção de práticas educativas e estratégias de ensino executadas junto a educadores podem contribuir para a solução das questões pertinentes ao uso abusivo de drogas. (ROBAINA, 2010, p. 43).

Os educadores devem estar preparados para elaborar programas de prevenção; organizações de seminários de discussão com gestores de políticas de atenção aos jovens, nas comunidades e nas escolas. Assim, poderão alertar os adolescentes e seus familiares sobre os “riscos” em relação ao uso de drogas. Conforme afirma Bucher:

Diante da grande expansão do uso de drogas no mundo moderno percebeu-se cada vez mais que os mecanismos repressivos são insuficientes para diminuir a procura de drogas. Esta constatação levou os especialistas, a nível mundial, a reconhecer que verdadeiras medidas preventivas devem ser acionadas em particular pela educação (1992, p. 155).

A educação preventiva deve adotar medidas para fundamentar as opções individuais em termos de uso (ou não) de drogas. Para isso, faz-se necessário investir na autorrealização, na autoestima, no senso de responsabilidade com relação à própria vida, ao próprio corpo. Ao jovem devem ser transmitidos, além de conhecimentos, visões pertinentes e abertas que o façam refletir sobre as opções de usar (ou não) as drogas (BUCHER, 1992, p. 155).

A prevenção pela educação tem por finalidade mais *formar* do que *informar*. Ao mobilizar o adolescente para atitudes conscientes e valores construtivos, pretende-se encorajar o desenvolvimento de sua personalidade, sua criatividade, suas atitudes e seus valores na vida (BUCHER, 1992, p. 155).

Assim, a educação na escola, para ter alcance preventivo, deve assumir um espaço dimensional, pois a questão das drogas não pode ser tratada com um aspecto isolado da vida social (BUCHER, 1992, p. 155).

4.4 As relações sociais e ambientais podem ser favoráveis ou não ao uso do crack?

Tendo por base que, as relações sociais e ambientais são responsáveis pela constituição dos sujeitos, nesta parte do trabalho, apresento alguns conceitos sobre as consequências das problemáticas vivenciadas na sociedade atual. Nessa abordagem, são feitas algumas considerações a respeito das transformações ocorridas no planeta.

O aumento expressivo do número de usuários de crack em todo país tornou-se um problema social. O uso indevido da substância provoca alterações no comportamento, além de danos à saúde, conflitos sociais e familiares. De acordo com Freitas “[...] na origem da drogadição estão a falta de amor e o abandono – a verdadeira origem dessa grave patologia. A utilização da droga, é sempre um sintoma que denuncia um grave comprometimento de lidar com as frustrações” (2010, p. 42). O dependente tem dificuldades em se relacionar socialmente, além disso, vive em função da droga, ou seja, passa a viver unicamente em função desta e não mede esforços em como e onde irá obtê-la. O contato com as drogas pode ocorrer em diferentes circunstâncias de *crise social*. Ainda conforme o autor:

Esta explosão do problema das drogas e, conseqüentemente do narcotráfico está intimamente ligado ao fenômeno sociopolítico, ou seja, à sociedade que, em muitos momentos, com a diminuição dos valores éticos, é uma das maiores incentivadoras ao consumo de entorpecentes. A droga, seja qual for o seu efeito no SNC, tem, na verdade, para o mundo interno do consumidor, a finalidade de entorpecer, anestesiar as dificuldades (FREITAS, 2010, p. 25).

Em Bucher o consumo de certas drogas, em certos momentos históricos e em alguns países, constitui “[...] um sistema social a ser entendido no contexto global de outros sintomas de marginalização ou de disfuncionamento sociocultural e econômico” (1992, p. 3). Os conflitos ocasionados pelo ritmo implacável da vida social, relacionados aos sentimentos de solidão, vazio e depressão, são a “porta de entrada” para o consumo das drogas. O esquecimento que a droga falsamente propicia, oferece a ilusão de eliminar em definitivo os problemas sociais.

O consumo de drogas está relacionado a situações que fazem parte do “[...] contexto global da desnutrição, do desemprego, da falta de infra-estrutura sanitária e habitacional que, no Brasil como em outros países do ‘terceiro mundo’, mergulham amplas faixas da população na miséria”. (BUCHER, 1992, p. 30). Os núcleos sociais periféricos são mais vulneráveis às drogas, isso ocorre porque a própria localização favorece a entrada do tráfico nessas comunidades. Os traficantes, longe das forças repressivas, que poderiam inibir o comércio ilegal de drogas, terminam se tornando “ídolos” para a população tão marginalizada, pelo sistema social vigente. Conforme revela Soares:

Os adolescentes em virtude das transformações a que estão sujeitos, são um grupo de risco em relação ao consumo de entorpecentes, bem como aqueles que vivem em comunidades carentes, favelas, estão sujeitos ao risco de participarem de forma ativa do tráfico de drogas. [...]. Na totalidade dos casos as famílias têm conhecimento da participação do jovem no narcotráfico; contudo não têm como impedir essa participação (SOARES, F. 1998, p. 71 *apud* FREITAS, 2010, p. 67).

Para Bucher (1992, p. 67), os desequilíbrios sociais provocam incessantes deslocamentos geográficos, cujas consequências resultam na superpopulação urbana. Devido a isso, a alta taxa de natalidade dessas populações migratórias, associada a uma economia familiar de mera subsistência, engendra os milhares de “crianças de rua”, as quais tentam sobreviver graças à mendicância, a biscates ou à delinquência.

Na obra “Sociedade de risco, crise ambiental e diálogos de saberes”, Jacobi (2006) discorre sobre os riscos nas sociedades contemporâneas que convergem para a questão da cidadania e da qualidade de vida. Para o autor, a sociedade pós-moderna caracteriza-se pela momentaneidade, e, ainda que contraditória, inter-relaciona o local e o global, apresentando novas formas de desigualdades. Dessa forma, os meios de produção e de distribuição de riscos, mesmo não intencionais, favorecem o resultado de um processo de modernização autônomo. Ainda segundo esse mesmo autor, o progresso gerado em nome do desenvolvimento da ciência e da tecnologia passa a ser considerado como o fator principal de autodestruição da sociedade industrial, a partir do qual surgem novos riscos de caráter global.

No artigo “A Educação Ambiental numa sociedade de risco global”, Trevisol (2005, p. 32) afirma que vivemos em uma época em que o futuro é inventado. A

sociedade de risco tende, cada vez mais, a descobrir o presente e o passado em relação ao futuro, que ainda não é, mas que busca se tornar realidade, com o máximo de urgência. Segundo esse autor, construímos o futuro, mas não temos um controle sobre ele. A sociedade fabrica os riscos e eles estão em todos os lugares, ninguém está imune a eles. Participamos dos riscos, tanto na condição de vítimas quanto de agentes.

Vivemos na época da momentaneidade, quando tudo é passageiro; no âmbito dessa questão, estão “a atual crise ecológica e a emergente sociedade de risco”. No artigo “Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação”, Soffiati afirma:

Antes de tudo, trata-se de uma crise antrópica, vale dizer, de uma crise derivada de atividades humanas, quer praticadas no modo de vida capitalista, quer no modo de vida do tipo chamado socialismo. Por mais que se opusessem, um ponto comum os unia, suas relações com a natureza não-humana caracterizava-se pelo utilitarismo, pela instrumentalização, pela exploração ilimitada (2005, p. 44-45).

Conforme Trevisol (2004, p. 34), a ideia de risco estabeleceu-se nos séculos XVI e XVII e foi cunhada por exploradores ocidentais, que realizavam expedições marítimas portuguesas e espanholas. Com o surgimento da sociedade moderna e do sistema capitalista, esse termo refere-se a infortúnios avaliados em relação ao futuro. De acordo com o mesmo autor, os riscos produzidos na e pela modernidade são socialmente fabricados, ou seja, são riscos que se originam da intervenção do homem na natureza (TREVISOL, 2004, p. 34).

A revolução industrial e a expansão do capitalismo expandiram a produção dos riscos. O processo de modernização fez com que os riscos deixassem de ser ocasionais, para se tornarem parte constitutiva da própria modernidade. Nesse âmbito, os riscos foram surgindo na continuidade dos processos de modernização (TREVISOL, 2004, p. 35).

Os riscos encontram-se em todos os contextos, inclusive em séculos passados; a experiência dos riscos fez com que as mudanças acontecessem cada vez mais rápido e em maior grau de intensidade. A fluidez das coisas na sociedade atual, faz com que as transformações aconteçam rapidamente e isso gera situações novas em que ninguém parece ter controle. A incerteza é uma característica

marcante da nossa época, vivemos num mundo de incerteza artificial (TREVISOL, 2004, p. 36).

Para Suffati (2005, p. 41), no artigo “Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação”, “[...] um dos traços mais globalizados da crise refere-se às alterações de ordem climática mundial”. Embora nem todos saibam explicar com detalhes de que forma ocorrem esses fenômenos, eles não lhes são totalmente desconhecidos.

Conforme Trevisol no artigo “A Educação Ambiental numa sociedade de risco global” (2005, p. 36), os riscos são mais presentes do que imaginamos, eles fazem parte de todas as dimensões de nossa vida e são de ordem individual, social, política, econômica e tecnológica, ambiental e militar. No que se refere a essa questão, o autor descreve alguns exemplos que fazem parte do nosso cotidiano:

- riscos que decorrem das crises que atingem o mercado financeiro internacional;
- riscos ligados à saúde pública, que decorrem epidemias de grande impacto;
- riscos relacionados à prática sexual, especialmente a doenças sexualmente transmissíveis;
- riscos ligados a guerras e acidentes nucleares, químicos, bacteriológicos e genéticos;
- riscos que decorrem do uso de alimentos contaminados por bactérias e toxinas;
- riscos decorrentes do aquecimento global e da destruição da camada de ozônio, especialmente o câncer de pele;
- riscos provocados pela revolução genética e biotecnológica em curso;
- riscos tecnológicos, especialmente acidentes explosões, vazamentos, incêndios, etc. ;
- riscos que decorrem da miséria do desemprego, da subnutrição, da ausência de água potável, de esgoto, da falta de tratamento do lixo, etc.
- riscos sociais e afetivos, decorrentes das crises de relacionamento, matrimoniais, educação dos filhos etc.

De acordo com Soffiati (2005, p. 41-42), a crise ambiental da atualidade provoca alterações de ordem climática mundial, como o acúmulo de gases liberados pela queima de combustíveis fósseis, pela indústria de motores de veículos, além da

destruição de florestas pelo fogo ou por outros meios. O mesmo ocorre com a camada de ozônio, que funciona como uma barreira protetora contra os raios ultravioleta. Isso sem contar que as várias emissões gasosas dilaceraram a camada de ozônio e favorecem a passagem dos raios ultravioleta, os quais podem causar câncer de pele e outros males. A chuva ácida decorre da combinação dos gases predominantemente produzidos pelos modos de vida industriais, como o vapor d'água, que, conseqüentemente, provoca a destruição dos ecossistemas lacunares e vegetais.

Outro componente apontado por esse autor é a degradação dos recursos não-renováveis, como o petróleo, o gás natural e vários outros minérios. Esses minerais fósseis de depois de queimados nas fábricas e em veículos transformam-se em gases atirados nas mais altas camadas da atmosfera. Isso sem contar na poluição que eles produzem na atmosfera, junto à superfície terrestre, já que é imprescindível, aos animais e aos seres humanos, o ar respirado numa frequência bem maior que a ingestão de alimentos e de água. Uma pessoa que vive em um ambiente cujo ar apresente composição normal ou pouco alterada, logo sente, na pele, nos olhos e na garganta, a irritação provocada pelo ar contaminado (SOFFIATI, 2005, p. 42).

Para Trevisol (2004, p. 37), na sociedade de risco, as pessoas são confrontadas com os limites e as conseqüências de seus atos. Pois, ao mesmo tempo em que a humanidade põe a si em perigo, ela é obrigada a reconhecer e a reagir diante de tal condição. Diante dessa questão, no artigo intitulado “Os novos meios de comunicação: uma antítese da educação ambiental?” Brügger afirma que “[...] repensar a relação homem-natureza deve, pois partir de uma profunda reflexão, que leve em conta esses poderosos vetores” (2005, p. 145).

Ainda de acordo com esse autor, numa sociedade de risco, a Educação Ambiental deve conscientizar sobre os riscos socioambientais que decorrem da relação homem-natureza; ela é convocada a construir um futuro que não seja ameaçador, tanto para o planeta Terra, quanto para a vida humana e não-humana (BRÜGGER, 2005, p. 38).

4.5 As relações ambientais na sociedade e o favorecimento ao uso do crack

Nesse universo estéril e uniforme, caracterizado de modernidade, situa-se o homem. O qual é um ser mercantilizado e, sobretudo, dominado por uma sociedade que prega o consumo, o prazer e desvaloriza o que é ser humano, na sua mais pura essência.

No artigo “Educación Ambiental, democracia y participación. El reto de construir compromisos” publicado no V Congresso Ibero-ameicano de Educação Ambiental: Perspectivas da Educação Ambiental na Região Ibero-americana, Horta⁷, afirma:

No mundo, as cidades têm crescido sem uma visão de futuro, sem controle e medida, sem um plano, dando lugar a um novo conjunto de problemas, que se observa em uma contribuição a deterioração da consciência humana, com suas consequências de violência, drogadição, criminalidade, suicídios etc (2006, p. 256).

Tal fato demonstra que “[...] a história do homem sobre a terra caracteriza-se por uma progressiva ruptura entre o homem e o seu entorno” (SANTOS, 1994, p. 17 *apud* BRÜGGER, 2005, p. 143). E é nesse contexto de ruptura, que começam a surgir todas as problemáticas ecológicas que vivenciamos hoje (GUATTARI, 1978, p. 14).

Dessa forma, percebemos que os problemas de nossa época não podem ser vistos isoladamente, pois existe uma rede de relações que se interligam entre si. As problemáticas são visíveis e as implicações decorrentes do distanciamento do homem com a natureza resultam na incerteza, produzem o isolamento e, conseqüentemente, a perda de referências. Como afirma Trevisol, “[...] não há como fugir dessa rede de relações e toda vez que ignoramos estamos reatualizando a clássica dicotomia que a modernidade instituiu entre homem e natureza, cultura e natureza, razão e emoção, subjetivo e objetivo etc.” (2004, p. 40)

Para Morin (2005, p. 83), no desenvolvimento da civilização, o homem produziu produtos de consumo extremamente variados que lhe proporcionaram bem-estar e conforto. Esse desenvolvimento permitiu o desabrochar da intimidade

⁷ En el mundo, las ciudades han crecido sin una visión del futuro, sin control y sin medida, sin un plan, dando lugar a un nuevo conjunto de problemas, que se observan en una contribución al deterioro de la convivencia humana, con sus consecuentes de violencia, drogadicción, criminalidad, suicídios, etc.

no amor e na amizade; a comunicação do tu e do eu, a telecomunicação entre cada um e todos. Mas, esse mesmo desenvolvimento provocou o individualismo dos indivíduos que perdem solidariedades antigas sem adquirir novas, a não ser anônimas e administrativas.

De acordo com esse mesmo autor, o desenvolvimento da área técnica/burocrática acarreta generalização do trabalho fragmentado sem iniciativa, responsabilidade ou interesse. O tempo cronometrado faz desaparecer a disponibilidade e os ritmos naturais e tranquilos (MORIN, 2005, p. 84).

O homem tornou-se produto do mercado consumista, já não se criam produtos para ele, mas sim um consumidor para o produto.

O consumo desregrado torna-se super-consumo insaciável que altera com curas de privação; a obsessão dietética e a obsessão com a forma física multiplicam os temores narcisistas e caprichos alimentares, sustentam o culto dispendioso das vitaminas e dos oligo-elementos⁸ (MORIN, 2005, p. 84).

Nessa perspectiva, Santos (2005) revela que são momentos culminantes na História, como se todas as forças se concentrassem no sentido de criar um novo produto. Este período caracterizado pelo consumismo exacerbado e pelo crescimento exponencial dos objetos e palavras é fortemente dominado pela simbologia (SANTOS, 1994 *apud* BRÜGGER, 2005, p. 145).

Para Morin (2005, p. 84), os indivíduos vivem somente o tempo presente e deixam-se fascinar por mil futilidades, que o mercado produtor oferece. Guiados por essa fantasia, eles se lançam num mundo fictício. Se, por um lado, o desenvolvimento facilitou a vida do homem; por outro, produziu uma série de problemas relacionados à vida moderna.

Dessa forma, o acréscimo dos níveis de vida pode estar relacionado à degradação da qualidade de vida. E a multiplicação dos meios de comunicação pode estar associada ao empobrecimento das relações pessoais. O indivíduo pode ser autônomo e automatizado, rei e objeto, soberano de suas máquinas e manipulado/dominado por aquilo que domina (MORIN, 2005, p. 85).

Nesse âmbito, ocorre a falência das relações pessoais, a solidão e a perda de referências; tudo isso alimenta um mal subjetivo cada vez mais difundido. O mal,

⁸ Os oligo elementos são ativos minerais que agem como reparadores, detectam de forma precisa as regiões danificadas e enfraquecidas.

que se instala em nosso interior, gera insônias, dificuldades respiratórias, úlceras no estômago e desassossegos. E, por não se perceber sua dimensão civilizacional, como consequência, se procura um médico (MORIN, 2005, p. 85).

Quando a adolescência entra em confronto com essa sociedade, ela perde o ponto de referência e mergulha na droga pesada, acredita-se que isso é apenas um mal da juventude. Porém, não se percebe que a adolescência é o elo fraco da civilização, que nela se concentram os problemas, os males, as aspirações difusas e atomizadas noutra parte. A busca simultânea da autonomia e da comunidade, a necessidade de uma relação verdadeira com a natureza com a qual os jovens reencontrariam sua própria natureza, a recusa da vida falsificada dos adultos, revelam, pelo antagonismo, a carência que todos sofrem (MORIN, 2005, p. 85).

5 A CAMINHO PARA UMA ECOLOGIA SOCIAL, MENTAL E AMBIENTAL

Na obra “As Três Ecologias”, o filósofo Félix Guattari (1998, p. 8) demonstra indignação diante de um mundo que vem se deteriorando, através dos desequilíbrios ecológicos, onde acidentes químicos e nucleares têm sido comuns e algumas doenças são incuráveis. Esses fatos, se não forem diminuídos, ameaçam a vida do homem no planeta. Ao mesmo tempo, a vida social do ser humano tem se deteriorado, as redes de parentesco são reduzidas a cada dia, a vida doméstica é superada pelo consumo da mídia, a convivência dos casais e das famílias vive uma espécie de unificação de comportamentos. Os governos parecem ter apenas uma consciência parcial dos problemas que ameaçam o meio ambiente, restringindo-se somente ao campo dos danos industriais.

De acordo com Guattari (1998, p. 8), as formações políticas e as instâncias executivas não são capazes de assimilar os problemas ocorridos no conjunto de implicações. Embora tenham consciência parcial dos prejuízos causados à natureza e dos danos que ameaçam o meio ambiente de nossas sociedades, os governos e as grandes corporações se limitam apenas aos danos industriais. Para o autor, somente a partir de três registros ecológicos essas questões podem ser esclarecidas; as três articulações, as quais chamou ecosofia.

Ainda conforme esse autor, somente uma articulação ético-política entre as três ecologias – a ecosofia (o meio-ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana) é que poderia esclarecer tais questões. O que está em curso é a forma de se viver sobre este planeta, daqui para frente.

Através da ecologia mental, o autor propõe reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o inconsciente, e com o tempo, que passa com os enigmas da vida e da morte; a ecologia social olha o contexto, considerando tudo o que está a sua volta, ou seja, trabalha na construção das relações humanas em todos os níveis; a ecologia ambiental ocupa-se do meio ambiente e de suas relações com a sociedade (GUATTARI, 1998, p. 32).

No âmbito dessa questão, estão as mudanças de vida no planeta, as transformações na área técnico-científica e o considerável crescimento demográfico, que revelam um quadro nada otimista. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho tecnológico, as forças produtivas disponibilizarão cada vez mais tempo da atividade humana. No que concerne a essa questão, observa-se cada vez mais a

extinção de alguns postos de trabalho, isso sem contar a demissão em “massa” de trabalhadores, de grandes empresas, como forma de reduzir os custos (GUATTARI, 1998, p. 8).

A adaptação ao mundo globalizado gerou o trabalho informal, isso ocorreu porque o mercado “exigente” buscava profissionais capacitados para exercerem determinadas funções. O “não apto” virou sinônimo de exclusão, não estar preparado para assumir determinadas funções significa estar fora do mercado. Diante disso, as consequências do desemprego provocam a opressão, a solidão e a ociosidade, que afetam os núcleos familiares “[...] pelo desespero, com a instauração de regiões crônicas de desemprego e da marginalização de uma parcela cada vez maior de populações jovens, de pessoas idosas, de trabalhadores ‘assalariados’ desvalorizados”. (GUATTARI, 1998, p. 12).

A forma que possibilitou o ser humano a se perpetuar, está lentamente cedendo lugar ao imediatismo, ao modo fácil e despreocupado, pois se elegeu, involuntariamente, quem possa pensar por ele, ou seja, o homem não encontra mais barreiras a serem superadas, a não ser, o estar na frente do outro, onde os fins justificam os meios. Assim, o homem deixa de se perceber como um ser complexo, para se tornar uma coisa, um objeto que pode ser manipulado ao sabor das tendências, tornando-se apenas um ponto de referência estatístico na cultura consumista.

É nesse universo de relações econômicas, predominantemente, dominante que se encontram os jovens que, embora manipulados mentalmente, pela mídia, conseguem criar “[...] dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero”. Nessa questão, estão os diferentes trabalhos realizados por grupos de jovens, nas comunidades, que abordam técnicas artísticas voltadas para a dança, a música e o teatro, entre outras (GUATTARI, 1998, p. 14).

A ecologia social proposta consiste no desenvolvimento de dispositivos, que possam reconstruir as relações humanas, seja no ambiente doméstico, urbano ou do trabalho. Para esse autor, a fórmula está na possibilidade de reconstruir as relações em grupo, as quais, hoje, estão tão abaladas pela produção de subjetividades, reforçadas pelo mundo midiático. As práticas de intervenção, propostas pelo escritor,

reanimam vivências em grupo promovendo consistência nas relações (GUATTARI, 1998, p. 33).

A ecologia mental pode ser entendida como subjetivismo; o homem é tratado enquanto ser psíquico envolvido com tudo e todos. A produção de subjetividade pode ser desencadeada em contato com a exterioridade. A relação com diferentes componentes, que produzem a “subjetivação”, pode despertar a “enigmática” entidade psíquica. A produção de subjetividade, segundo a lógica de Guattari, não é o mesmo que interioridade, pois não é individual, é sempre coletiva. A subjetividade está mais relacionada com a transversalidade, grau de abertura, que nos permite enxergar a complexidade do funcionamento da universalidade.

A ecologia ambiental busca reorganizar os modos de vida sobre a terra. No mundo, que estamos vivendo, presenciamos o desrespeito à natureza e a desestruturação da vida sobre a terra. Ancorado na ideia de “progresso”, o homem esgota os recursos naturais, provoca a poluição do planeta, causa danos à saúde, e dificulta os meios de sobrevivência no mundo.

A união desses três registros ecosófico, através da valorização da vida e da pessoa humana, pode tornar as relações sociais mais coesas, despertando, no homem, uma “consciência ecológica” voltada para a preservação do meio ambiente, com ênfase na conservação da vida, na terra.

Diante dessas considerações, é possível percebermos as estreitas relações entre a poluição ambiental da natureza, e a poluição mental provocada pelas drogas. Por isso, se faz necessária uma ecologia humana, que tenha por objetivos destrinchar estes elementos e combiná-los em intervenções conscientes baseadas na reflexão ética sobre os valores humanos, que a eles dão sentido (BUCHER, 1992, p. 142). Ações preventivas com ênfase na valorização da vida, através de práticas educativas, podem reverter a problemática de agressão ao corpo, pelo abuso de substâncias psicoativas, principalmente nos jovens ainda em fase de desenvolvimento.

Para levarmos em conta a problemática das drogas e sua procura por parcelas cada vez maiores da sociedade, é preciso uma abordagem preventiva que quer situar-se à altura do fenômeno, logo não deve se referir à epidemiologia ou a outra disciplina qualquer, deve visar à elaboração de uma verdadeira “ecologia humana”, designada a transmitir a “valorização da vida” mais ampla possível, tanto

da população jovem quanto da adulta. A insistência sobre a responsabilidade pela preservação do mundo ambiental, o crescimento, a consciência ecológica e as advertências sobre o abuso das drogas formam uma unidade temática que exige abordagens diferenciadas, e tem como seu eixo principal, o homem e a preservação da vida terra (BUCHER, 1992, p. 141).

Vivemos em um período de extrema fragilidade. As relações se corromperam, os desequilíbrios sociais caminham em passos tão largos, que deixam para trás resquícios de perdas e danos. Tais perturbações refletem que esse sujeito “coisificado”, já não é mais senhor de seus atos, já não existe vida em grupo, a vida em família vem sendo garantida pelo consumo proporcionado pelo mundo midiático. Nesse sentido Guattari afirma que “[...] a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente ‘ossificada’ por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão” (1990, p. 7).

As transformações científicas tecnológicas avançaram promovendo a falsa ideia de progresso para o bem da humanidade. Mas a que preço? As implicações decorrentes desse progresso são evidentes e ameaçam toda forma de vida na terra. Na conferência “La producción de subjetividad del capitalismo mundial integrado”, publicada na Revista Nº 4 de Crítica Cultural (Novembro 1991), Guattari⁹ afirma que:

O capitalismo mundial de hoje como uma instância do poder que não exerce em um plano visível – da economia, das relações internacionais, etc. – se não em primeiro lugar em um plano de subjetividade cuja finalidade fundamental não é o controle, se não a produção de subjetividade.

Embora essas problemáticas não passem despercebidas, pois o homem tem consciência do que está ocorrendo na terra, ele se limita a abordar pequenos danos de ordem industrial. Nesse impasse, concentram-se as relações de poder que regulam a economia, a tecnologia e o conhecimento científico. Nesse domínio, estão aqueles que empregam “[...] o desenvolvimento maquinico, redobrado pela

⁹ [...] el capitalismo mundial de hoy como una instancia de poder que no se ejerce en el plano de lo visible – de la economía, de las relaciones internacionales, etc. – sino, en primer lugar, en el plano de la subjetividad y cuya finalidad fundamental no es el control, sino la producción de subjetividad (1991, p. 27).

revolução informática que vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo da atividade humana” (GUATTARI, 1990, p. 8).

As causas do desemprego da marginalidade opressiva e da solidão tem seu contexto mercado por um sistema social que domina todos os valores das atividades humanas “[...] num mesmo plano de equivalência os bens materiais, os bens culturais, as áreas naturais etc.”(GUATTARI, 1990, p. 11).

Ao refletir sobre esses conceitos, percebo que somos parte de um todo que se relaciona mutuamente. Existe necessidade de criar e aperfeiçoar as relações entre os jovens e o seu entorno, e fazê-los perceber que, nessa relação, são encontradas outras pessoas e coisas que interagem entre si. A certeza da percepção da existência deve estar ligada ao fato de ser percebido pelo outro, e que o outro necessita dessa mesma percepção. Assim, pode ser extirpado o egoísmo, a caminho da compreensão do todo, sendo que cada um faz parte de um conjunto enquanto tem consciência que, ao mesmo tempo, o conjunto é o todo do qual ele faz parte.

As possibilidades de transformação existem, e elas só serão possíveis à medida que, as famílias se dispuserem a vivenciar relações mais humanas, que possam contribuir para reconstruir e reintegrar os sujeitos como parte de um grupo. “Quando as qualidades inerentes a cada pessoa passam a ser reconhecidas e utilizadas no crescimento da família, as mudanças orientam o crescimento e o desenvolvimento pessoal de cada componente familiar” (ROBAINA, 2010, p. 36). A partir do momento em que esses grupos construírem barreiras, contra ação da homogeneização dos comportamentos e da manipulação introduzidos pela mídia, poderão criar dispositivos que atuem contra esses grupos socioeconômicos, cuja função é instigar o consumismo como forma de dominação e de satisfação do prazer ilusório. Um dos meios de conter esse poder hegemônico está na própria escola, através de professores, os quais interagem com a comunidade, para que sejam selecionadas informações qualificadas, estimulando comportamentos positivos.

5.1 A Educação Ambiental nas comunidades e o processo de autogestão dos coletivos

A seguir, exponho algumas noções sobre as principais correntes que integram o movimento Institucionalista e suas aplicações. Os conceitos aprofundados nesta

parte do trabalho serviram de base para o processo de intervenção, junto ao campo de pesquisa.

Para um melhor entendimento sobre o tema, Baremlitt (1992) afirma que, o Movimento Institucionalista ou Instituinte é um conjunto de escolas de diversas tendências, porém, podemos encontrar características em comum entre diversas dessas escolas. Entre essas características estão os “ideais máximos”, que são os objetivos mais importantes dessas escolas. Entre as características do Movimento Instituinte estão os objetivos que propõem “[...] deflagrar, apoiar e aperfeiçoar os processos de autoanálise e autogestivos dos coletivos sociais” (BAREMBLITT, 1992, p. 13-14).

Segundo esse autor, o processo de autoanálise consiste em fazer com que os participantes de quaisquer coletivos utilizem seu próprio saber, para fazer o levantamento de suas reais necessidades e de seu potencial para resolvê-las, com ou sem a ajuda de um especialista convidado pelo grupo, e merecedor de sua total confiança. Esse aspecto é importante, porque o conceito de análise e intervenção institucional está fundamentado, sobretudo no fato de que cada coletivo possui um conhecimento que lhe é próprio e também uma capacidade para reconhecer aquilo que constitui problemas em seu núcleo; e esse conhecimento não deve vir de cima, nem de fora, e, sim, das circunstâncias do grupo (BAREMBLITT, 1992, p. 17).

Os processos autogestivos implicam em total falta de dominação ou hierarquia. Deverá existir hierarquia, mas isso não implica diferença de poder ou privilégio na capacidade de decisão. Mas, sim em certa especialização de algumas tarefas, porque esses dispositivos estão feitos de tal maneira que as decisões são tomadas coletivamente (BAREMBLITT, 1992, p. 19).

Para compreensão melhor dessa questão, busco entendimento em nossa época. A civilização acumulou uma diversidade de conhecimentos e proporcionou uma soma de saberes dando origem à produção da informação e à aplicação da mesma de forma muito intensa. Em posse desses recursos, a Ciência aplicou-os em tecnologias que aceleraram o progresso. Todavia, os profissionais que dominam as mais diversas áreas do conhecimento estão a serviço do Estado, ou seja, servem as classes dominantes “Esses conhecedores têm-se colocado, em geral, a serviço das entidades e das forças que são dominantes em nossa sociedade”. (BAREMBLITT, 1992, p. 14).

As comunidades de cidadãos sempre possuíram um amplo conhecimento, acumulado durante vários anos, adquirido na experiência da vida. Entretanto, esse saber fica relegado a um segundo plano, sendo visto como “rudimentar e inadequado”, em relação ao saber científico e tecnológico produzido pelas mais diversas áreas da Ciência. “Esses conhecedores têm-se colocado em geral, a serviço das entidades e das forças que são dominantes em nossa sociedade” (BAREMBLITT, 1992, p. 14).

A perda do controle sobre as condições de existência das comunidades abre espaço para a subordinação. Dessa forma, cria-se uma relação de dependência entre esses grupos, e as organizações que gerenciam os ramos de produção, conforme esse mesmo autor, a relação de dependências se faz através dos organismos do Estado, empresariais, do saber e de serviços. Para o autor, os bens materiais como, a comida, vestuário, moradia e transporte, essenciais para sobrevivência, também são gerenciados por esses “especialistas”. Além disso, serviços como, saúde, educação, assuntos familiares e psicológicos também são administrados nesses territórios. O mesmo acontece em relação à administração judicial, advogados, registro civil, leis etc., tudo isso é administrado pelas organizações que servem os grupos dominantes (BAREMBLITT, 2002, p. 15).

Muitas vezes, nas comunidades, as necessidades não existem, elas são fabricadas, assim como todos os povos do mundo e uma população pensam que necessitam do “mínimo”. Esse “mínimo” não existe, ele é produzido em cada sociedade. Assim, os coletivos que têm alguma noção vivencial acerca de suas necessidades, já não sabem mais o que precisam, nem o que querem, mas o uso da persuasão lhes inculca que devem necessitar (BAREMBLITT, 2002,16).

Nessa questão, está incluída a comunidade do Rio Grande, cuja população isolada e sem muitas alternativas para resolver seus problemas, busca refúgio em postos de saúde como forma de alívio para suas ‘dores’,

[...] o que o Brasil precisa é de uma política de saúde que não começa nem acaba no campo da medicina. Seus problemas, que têm efeitos médicos, têm suas causas diretas nos problemas de habitação, alimentação, vestuário e saneamento básico. (BAREMBLITT, 2002, p. 20)

Os coletivos “[...] têm perdido um certo grau de compreensão e o controle sobre que tipos de recursos e formas de organização devem dispor para colocar e resolver seus problemas” (BAREMBLITT, 2002, p. 17). Mas, como resolver essas questões? Quais alternativas são necessárias para que essas comunidades possam se organizar e, juntas, busquem soluções para aquilo que as aflige?

Primeiramente, faz-se necessário que os coletivos conheçam as origens de seus problemas, é nesse aspecto que o autor (2002) evidencia dois objetivos básicos do Institucionalismo:

O primeiro intitulado de autoanálise e o segundo de autogestão. A autoanálise consiste em que as comunidades, como protagonistas de seus problemas, possam readquirir um pensamento e um vocabulário próprio, que lhes permitam saber acerca de sua vida. Esse processo de autoanálise é simultâneo ao processo de organização, em que a comunidade se organiza para produzir, ela mesma, os dispositivos necessários para o melhoramento da vida. É nesse momento, que se fazem necessários os conhecimentos dos especialistas, não numa relação hierárquica, mas através de métodos e técnicas que lhes permitam separar, dentre as diversas áreas do conhecimento, quais pertencem, o que pode ser útil a uma autoanálise e a uma autogestão, das quais os segmentos dominados e explorados possam ser protagonistas (BAREMBLITT, 2002, p. 18).

Ainda segundo esse autor, o saber, nesse momento, não é produzido fora dos interesses do coletivo, pois é constituído junto com os especialistas, e atende aos interesses da comunidade. Esses processos autoanalíticos e autogestivos, às vezes, apresentam condições desfavoráveis, ao serem aplicados. Isto ocorre, porque os coletivos não gerenciam o saber, além disso nem sempre disponibilizam de recursos para serem aplicados (BAREMBLITT, 2002, p. 22).

As comunidades do Rio Grande, em específico, aquelas que ficam localizadas em bairros distantes da cidade, enfrentam uma série de problemas. As condições de saneamento básico são precárias, ruas sem pavimentação, valetas entupidas. Nos dias de chuva, as ruas ficam alagadas e a água invade o pátio das casas, provocando vários prejuízos.

Os bairros que circundam a escola Assis Brasil, possuem uma ou nenhuma área de lazer, os poucos espaços, como a praça localizada no bairro Santa Rosa se tornou espaço para prostituição e uso de drogas.

De acordo com notícia vinculada no Jornal Agora, do dia 09/06/2011 (POLL, 2011) no bairro Cidade de Águeda, embora existam várias áreas baldias de grande extensão, não há espaços voltados ao lazer ou pracinhas para crianças. A comunidade reclama muito das condições de saneamento e das ruas do bairro. Além disso, a quantidade de cães que circulam pelo bairro são responsáveis por espalharem o lixo, já que eles rasgam as sacolas que esperam a coleta do lixeiro.

Todos os problemas apontados estão relacionados às problemáticas vivenciadas por essas comunidades. As áreas de lazer, que poderiam levar muitos jovens à prática de esportes, não existem; o abandono é visível nesses bairros.

A seguir, apresento, de forma sucinta, os sistemas sociais que regem esses grupos, como se situam e qual a função de cada um na sociedade. Essas organizações atuam no sentido de regular as atividades do homem.

5.2 A Educação Ambiental e os dispositivos de intervenção na sociedade

Para Barembritt (1992, p. 26), as Sociedades e Instituições são redes com normas pré-estabelecidas, cuja função é regular a atividade humana dentro do que deve ser, e o que está prescrito e o que não deve ser e o que não está prescrito, assim como o que é indiferente.

Essas instituições definem o lugar de cada um na sociedade, como por exemplo: a instituição da linguagem que define as normas combinatórias que regem os elementos fônicos de unidade e significação da língua; as instituições de regulamentação de parentesco que definem os lugares de parentesco na família, como o pai, a mãe, o filho; a instituição da religião que regula as relações do homem com a divindade; a instituição da justiça que administra por meio da força (BAREMBLITT, 1992, p. 26-27).

Todas essas instituições se materializam por meio de dispositivos. E esses dispositivos são organizações que compreendem desde o grande complexo organizacional até o pequeno estabelecimento. A função dessas instituições é a regulamentação da vida humana. Elas estão sempre a serviço de formas históricas de exploração e dominação. Para além dessa questão, os instituintes organizados que constituem essa rede social não atuam separadamente, mas em conjunto (BAREMBLITT, 1992, p. 32).

Dessa forma, a sociedade é regida por meio de forças produtivas e improdutivas que estão a serviço da dominação, assim como também está construída pela interpenetração de forças que estão a serviço da liberdade da informação, ou seja, da transformação afirmativa e ativa da realidade, ou seja, a transversalidade (BAREMBLITT, 1992, p. 34).

6 A SOCIOPOÉTICA NA PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Tendo como base para análise de dados a pesquisa sociopoética, a seguir, apresento alguns conceitos sobre essa área do conhecimento, para esclarecer o funcionamento desse método de análise.

Esta reflexão teórica tem como objetivo descrever o método da sociopoética, delineando suas bases epistemológicas e seus princípios teóricos. A discussão acerca da sociopoética pode contribuir para provocar efeitos de singularização na elaboração de pesquisas que requeiram a abordagem da dimensão subjetiva, ou em outras práticas de produção de conhecimento comprometidas com a valorização da diferença e o estímulo a novos processos de subjetivação.

Em Gauthier et al. (2005, p. 1), “[...] a pesquisa sociopoética é um novo método de construção coletiva do conhecimento que tem como princípios básicos que todos os valores são iguais em direito e que é possível fazer da pesquisa um acontecimento poético (do grego *poiesis*=criação).” A sociopoética apresenta-se como uma caixa de ferramentas que permite desenvolver a produção do conhecimento levando em conta os processos subjetivos e comprometendo-se com uma maior autonomia dos envolvidos.

Na produção dos dados da pesquisa sociopoética, utiliza-se a simbologia como forma de sintetizar, através das imagens, as influências do inconsciente e da consciência. Esse método de análise permite, através de técnicas expressivas, “[...] favorecer a expressão dos dados pelas vias da sensação, emoção, intuição e não somente da razão” (GAUTHIER et al., 2005, p. 164). A pesquisa oferece possibilidades do uso da imaginação com vistas a expressar novas formas de consciência e interação.

A esquizo-análise parte da constatação de que nas sociedades modernas predomina a tendência de padronizar o comportamento dos indivíduos em todas as dimensões, não somente nas relações econômicas, mas social, tecnológica, semiótica, midiática, corporal, biológica (GAUTHIER et al., 2005, p. 6).

A noção de transversalidades faz com que as classes minoritárias recebam características por meio de identidades. De acordo com esse autor, falamos “do aluno”, “do negro”, “da mulher”, “da criança em situação de risco social”, sempre de forma homogeneizadora, como se fossem essências. A esquizo-análise condena

esse essencialismo, pois acredita que a subjetividade é produzida em contato com a exterioridade. Em vez de identidade, o autor optou pelo conceito de “devir”, que sugere a nossa multiplicidade heterogênea (GAUTHIER et al., 2005, p. 6).

O conceito de devir é uma linha de fuga que escapa às classificações socialmente produzidas. A esquizo-análise busca abertura para os devires revolucionários propostos por Deleuze e Guattari. Para esses autores, esses devires fogem das identificações majoritárias que distinguem o homem e o reduzem a um processo identificatório (GAUTHIER et al., 2005, p. 7).

De acordo com esse mesmo autor, numa pesquisa sócio-poética com alunos de uma mesma escola, de uma determinada classe social, descobrimos uma multiplicidade de valores que os diferenciam entre si, mas a coexistência de diferentes devires em cada um deles torna impossível considerá-los de forma unívoca (GAUTHIER et al., 2005, p. 7).

Ainda segundo esse mesmo autor, em uma pesquisa sociopoética dois fatores são determinantes para a pesquisa científica: o dispositivo do “grupo-pesquisador” e o “paradigma estético”. Esta metodologia se orienta por 5 (cinco) princípios básicos que se desenvolvem a cada instante da pesquisa (GAUTHIER et al., 2005, p. 2).

À luz desses cinco princípios, busquei desenvolver as fases do trabalho de investigação. Dessa forma, evidencio cada um dos princípios e como foram trabalhados no processo de investigação.

O primeiro princípio intitulado “A instituição”, diz respeito ao conhecimento produzido coletivo e cooperativamente entre parceiros de um grupo pesquisador, ou seja, todo grupo pode constituir-se num grupo-sujeito autor e ator da pesquisa, do conhecimento de sua vida. Os pesquisadores, “profissionais” e/ou “acadêmicos” são somente mediadores no processo de pesquisa (GAUTHIER et al., 2005, p.3).

O segundo princípio é o favorecimento participativo das culturas de resistência e dominadas nos dados da pesquisa. Nesse princípio é instituído o diálogo entre diferentes culturas que tem definições divergentes do saber legítimo e até “entram no saber por caminhos divergentes, racionais, intuitivos sensíveis etc”. Nessa fase da pesquisa mesclam-se os marcadores culturais heterogêneos ou sociopoéticos. São experiências da vida popular que podem ser colocadas em

diálogo com a análise pelo facilitador da estrutura do pensamento do grupo pesquisador (GAUTHIER et al., 2005, P.3).

O terceiro princípio é considerar o corpo inteiro como forma de expressão emocional, intuitivo, sensível e sensual, gestual, racional, imaginativo como marcador da história e de acontecimentos. Nesse processo, muitos acontecimentos são revelados, como “às pressões sofridas pelos povos colonizados, ficam presas a escuridão dos nervos e músculos” (GAUTHIER et al., 2005, p. 3).

O quarto princípio diz respeito o uso de técnicas artísticas na produção de dados, são saberes inconscientes, desconhecidos, inesperados que surgem como dados da pesquisa e expressam o fundo íntimo, perto do caótico das pessoas. Nessa parte da pesquisa, são utilizadas técnicas variadas de produção de dados criando, assim uma complexidade suficiente para tocar na complexidade da própria vida.

O quinto e último princípio da sociopoética trata dos aspectos político, ético e espiritual, ou seja, humano, do processo de pesquisa que ele está desenvolvendo e das formas de socialização a serem escolhidas. Nessa parte da pesquisa deve-se levar em conta que toda pesquisa possui um caráter político e ético, pois, participa das relações de poder e saber entre a comunidade envolvida e a sociedade dentro da própria comunidade (GAUTHIER et al., 1995, p. 3).

O primeiro princípio foi utilizado no desenvolvimento do trabalho de pesquisa com o GRUPO 1. A temática sobre o uso de drogas na adolescência surgiu devido a certos acontecimentos já relatados anteriormente. Entretanto, essa problemática já era vivenciada pelos alunos e por toda a comunidade, devido ao crescente número de adolescentes que se envolvem com o crack.

Como mediadora no processo de pesquisa, conduzi-os a buscarem alternativas de transformar a realidade. Dessa forma, na elaboração do trabalho, foram apresentados vídeos educativos que tratavam sobre a questão do crack, vídeos com depoimentos de usuários em fase de tratamento etc. Depois de muitas discussões sobre o assunto surgiu à proposta que partiu do próprio grupo, ou seja, a realização de um trabalho artístico que evidenciasse o uso de drogas na adolescência.

No início não foi muito fácil, pois produzir um texto e representar numa peça teatral parecia estar longe da realidade deles. Foram semanas de discussão até que

chegaram a um consenso, a peça de teatro não iria atingir a todos, mas a produção de um vídeo que fosse distribuído nas escolas seria uma forma de passar a mensagem para outros jovens. Nesse processo, utilizando o primeiro princípio, o grupo-sujeito se transformou em autor e ator da pesquisa.

Na elaboração do trabalho os alunos se constituíram coletivamente como parceiros de um grupo de pesquisa, escreveram e protagonizaram um vídeo que relatava parte de suas vivências.

Na investigação dos dados, busquei fazer com que lessem o texto escrito por eles e analisassem quais os fatores que leva muitos jovens a consumir drogas. Nesse âmbito, surgiram questões como preconceito, exclusão social e conflitos familiares.

O segundo princípio utilizado nos dados da pesquisa, coloca em diálogo a análise crítica dos adolescentes sobre a comunidade. Para isso, foram realizadas entrevistas com o Grupo 1, onde eles colocam seus posicionamento sobre a comunidade, onde vivem. Nas entrevistas gravadas em vídeo, os jovens se posicionam criticamente em relação a fatores como discriminação e falam sobre sua experiência de vida nos grupos comunitários. Nessa relação dialógica, eles buscam desconstruir a visão negativa da mídia à respeito dos bairros.

A segunda proposta do trabalho de pesquisa foi apresentada ao GRUPO 2. Nesse sentido, o terceiro princípio rege a história e os acontecimentos na oficina de máscaras. Nesse processo, os jovens se tornaram protagonistas da própria história ao se colocarem no papel de um usuário de crack. As formas de expressão dos adolescentes, os depoimentos na produção do vídeo, revelam a agonia dos dependentes químicos e as dificuldades para se livrar das drogas.

Dando segmento ao quarto princípio, a oficina de máscaras foi à fase de construção de dados. A confecção das máscaras resultou em diálogos inconscientes que fizeram surgir um novo personagem: o patrão¹⁰. Figura vista com admiração por alguns alunos e com indiferença por outros.

No quinto e último princípio, os jovens expressavam seus sentimentos em relação ao uso de drogas na adolescência. A oficina consistia em fazer com que esses sujeitos sociais reconhecessem as problemáticas da comunidade e através da análise crítica da realidade encontrassem uma solução para a questão. Para isso,

¹⁰ Patrão é o nome popular dado ao criminoso que faz ou comanda o tráfico, isto é, e a comercialização de entorpecentes não legalizados tais como cocaína, heroína, maconha, crack, etc. , nas comunidades

eles se apropriaram da tecnologia, fotografaram e filmaram tudo o que consideravam como pontos negativos e positivos da comunidade. Dentre todos os problemas encontrados pelo grupo, estavam às divergências dos jovens em relação a diferentes pertencimentos de outros grupos de jovens na própria comunidade, o trabalho infantil e a poluição do meio ambiente

Com base nos fundamentos teóricos referenciados, espero construir um maior entendimento sobre a temática, através da intervenção sobre a problemática. Sei que não encontrarei todas as respostas para minha pesquisa, mas busco, com o desenvolvimento desse trabalho, contribuir, de alguma forma, para com aqueles que como eu, se preocupam com a preservação da vida ou, de algum modo, empreendem políticas de compreensão e de valorização do ser humano, constituindo uma estreita relação entre sociedade, meio ambiente e natureza.

6.1 As relações socioambientais dos adolescentes

Ao iniciar este trabalho, não poderia deixar de mencionar o que me levou a desenvolver essa pesquisa. Como educadora, sempre estive envolvida em projetos sociais. Mas, foi como professora de Língua Portuguesa em uma entidade filantrópica, que atende a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, que observei a necessidade de fazer com que esses alunos adquirissem conhecimentos que lhes permitissem saber acerca de sua vida e do ambiente, onde vivem. Não no sentido da educação instituída, normatizada ao nível da reprodução, mas de acordo com Baremblytt (1992, p. 14) “[...] propiciar, apoiar e deflagrar nas comunidades, nos coletivos e conjunto de pessoas processos de autoanálise e de autogestão”.

Nas diferentes discussões realizadas em sala de aula, percebi a importância do papel do professor, pois esse não está condicionado apenas ao espaço escolar, mas está além da escola. Ele tem a possibilidade de criar dispositivos e promover mudanças que possibilitem aos alunos adquirirem elementos para lutarem contra a exploração, a dominação e a mistificação. No que concerne a essa questão, “[...] uma escola não só alfabetiza, não só instrui, não só educa dentro dos objetivos manifestos do organizado e do instituído, mas também prepara para força do trabalho (alienado), ou seja, uma escola também é uma fábrica”. (BAREMBLYTT, 1992, p. 14).

A Instituição caracteriza-se por ser um espaço voltado para a socialização de crianças e a profissionalização de jovens e adolescentes, além de oferecer oficinas profissionalizantes direcionadas às famílias. Sendo entidade filantrópica, não visa a lucros, os recursos são obtidos através de empresas públicas e/ou privadas, de doações e de projetos direcionados à comunidade. Situada na região periférica da cidade do Rio Grande, a escola perdeu o cenário de zona rural, desde sua fundação em 1948. Devido ao desaparecimento das atividades agropastoris, cedeu espaço para o surgimento de várias residências em situação precária. Assim, surgiram as vilas Santa Rosa, Castelo Branco I e II, Cidade de Águeda, Cohab IV e Profilurb I e II. Estes conjuntos habitacionais terminaram por circundar uma área de 24,65 hectares, onde se encontram as instalações físicas da Escola.

A Escola possui cerca de quatrocentos alunos. As famílias de um modo geral vivem em condições precárias, lares desestruturados, grupos numerosos, sem condições de prover, aos filhos, o mínimo necessário para a sobrevivência. Os alunos são receptivos e acolhedores, mesmo não possuindo uma situação “confortável”, são bem informados. O uso do computador não é um privilégio de todos, pois apenas uma minoria possui condições para comprá-lo, o acesso à informática é feito geralmente através do laboratório da escola ou em casas que possuem uma rede local e cobram o uso por hora.

Nos cursos profissionalizantes oferecidos pela escola, são ministradas oficinas de Língua Portuguesa, Matemática, Informática e humano cidadão. Nessas disciplinas, os alunos recebem reforço escolar, normas de comportamento e aprendem a usar o computador. Além disso, também é oferecido estágio remunerado em instituições financeiras para os que melhor se destacarem. Todavia, são poucas vagas e nem todos são aproveitados, pois depende da renda familiar, ou seja, a comprovação de que a renda mensal de cada membro da família não ultrapasse a um terço do salário mínimo.

A faixa etária dos alunos também é requisito para a obtenção da vaga, pois não pode ultrapassar os quinze anos de idade até a data da admissão. Embora muitos estivessem nessa situação, isso não era o suficiente para conseguirem a colocação. A avaliação é feita por meio de trabalhos, provas práticas, dentre outros. O curso tem duração de nove meses e, após o término, os alunos são selecionados para ocuparem as vagas como Aprendiz de Serviços Bancários.

As aulas são ministradas aos sábados e às quartas-feiras. Esses alunos estudam e ajudam a complementar a renda familiar. Embora convivam em um espaço marcado por todos os tipos de violência, eles possuem uma visão de mundo diferente da maioria dos jovens que compõem o mesmo contexto social. A vida cotidiana é dividida entre o trabalho, a escola, a religião e a família e, talvez, o que os diferencia é pensarem na possibilidade de terem um futuro melhor, através da educação que lhes dá instrumentos para auxiliar a família e a comunidade, onde vivem.

Numa manhã de sábado, os alunos trouxeram uma notícia que afetou a todos os funcionários da escola. Uma criança de dez anos fora vitimada por causa de uma dívida com drogas. Comecei a refletir sobre as crianças de dez anos, elas brincam, são felizes. Está certo que nem todas, mas esta é a idade das brincadeiras, das descobertas. O que havia mudado? Crianças de dez anos não brincam mais? Não consegui responder aos meus questionamentos e a aula girou em torno de uma única temática: o uso de drogas na adolescência. Diante disso, surgiram ideias e, a partir de uma conversa com os estudantes, decidimos, inicialmente, organizar uma peça de teatro, para que eles discutissem entre si o efeito social do uso do crack na adolescência. Entretanto, vimos que a peça de teatro não iria atingir a todos, então optamos pela produção de um vídeo.

A partir dessa reflexão, surgiu outra proposta na qual eles deveriam produzir um vídeo e representar a degradação de um adolescente viciado em crack. A sugestão foi aceita e, após isso, foram realizadas, na escola, palestras sobre temáticas que abordavam os fatores de risco de substâncias psicoativas na adolescência. Concordamos que, depois de concluído o trabalho, uma cópia do vídeo será destinada às escolas, onde eles estudam. Os planos foram desenvolvidos na expectativa de que todos os elementos que complementaram as atividades possam contribuir de alguma forma para estimular programas de prevenção nas escolas.

No curso de pós-graduação em Educação Ambiental, mais precisamente na disciplina “As três Ecologias”, ministrada pelo professor Alfredo Martin Gentini, foi sugerido que os discentes realizassem um trabalho de intervenção. Como já ministrava aulas na escola, resolvi desenvolver esse trabalho junto dos alunos. Fez-se o convite à professora de teatro, para que esta pudesse auxiliar os estudantes a

encenar os personagens. Os ensaios foram realizados na escola, durante os sábados.

No período de um mês, eles receberam aulas de técnicas de representação teatral, além de realizarem algumas reformulações no texto, por eles escrito. Após essa etapa do trabalho, direcionamos a outra parte para as aulas de vídeo, nas quais os alunos receberam orientação sobre técnicas para que pudessem manusear a câmera. A última etapa do trabalho foi as filmagens, a escolha do cenário e o lugar, onde deveriam ser realizadas as imagens. Algumas cenas foram gravadas na escola, as demais em uma casa na praia. Num total de três meses, concluímos o trabalho.

A colaboração de outros profissionais da área da educação foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho. As aulas de representação teatral eram ministradas pela professora Ludmila Marizykowsky e as de vídeo pelo professor Cláudio Tarouco de Azevedo¹¹. Esses profissionais, durante três meses, dedicaram-se incansavelmente para que pudssemos realizar as atividades. Juntos, desenvolvemos uma proposta de autoanálise que, segundo Barembliitt (1992, p. 17), consiste em que as comunidades mesmas, como protagonistas de seus problemas, possam construir elas mesmas os dispositivos necessários para manutenção e o melhoramento da sua vida sobre a terra.

Nos meses que se seguiram, os alunos apresentaram um roteiro, cuja temática tratava de um conflito familiar vivenciado por uma adolescente viciada em crack. Na escrita do texto, eles discutiam e relacionavam com suas vivências, fatos do cotidiano. Essa possibilidade ampliou a compreensão sobre os problemas relacionados ao crack vivenciados pela comunidade, e conduziu-os a buscar alternativas produtivas de transformação da realidade. Como protagonistas da própria história, eles se organizaram e desenvolveram coletivamente a produção do vídeo. Os educadores colaboraram no sentido de proporcionar o conhecimento, mas não de forma hierárquica; desde a tomada da decisão ao processo de construção do trabalho, organização e produção do vídeo, estudantes e professores exerceram função grupal no desenvolvimento das atividades.

¹¹ Graduado em Artes Visuais e Pós-Graduado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Ao término das filmagens, a direção da escola agendou uma data para a estreia do vídeo. Dentre os convidados estavam professores, familiares dos alunos e funcionários da área administrativa da escola. Após a apresentação do vídeo, cada um dos alunos expressou a importância do trabalho realizado. Os pais diziam sentir orgulho dos filhos, mas o que mais me chamou atenção foi a reação de uma mãe, pois observei lágrimas em seus olhos. Essa mãe ressaltou o quanto é importante, alertar os jovens em relação ao uso de drogas, e que as famílias deveriam estar atentas a essa questão.

Ao final da apresentação, os alunos receberam uma cópia do vídeo e foram convidados pelo professor Alfredo para um encontro com os alunos do Mestrado e do Doutorado na disciplina “As três ecologias”. O encontro aconteceu numa terça-feira à tarde; a pedido da diretora da escola, eles foram dispensados do trabalho para que pudessem comparecer. Chegaram um pouco tímidos e acomodaram-se nas cadeiras. Logo depois, se apresentaram aos presentes. A seguir, foi feita a apresentação do vídeo que deu muita margem para discussão, alguns professores choraram ao ouvir o relato dos alunos, outros revelaram que tinham membros da família envolvidos com drogas. Nos depoimentos, os estudantes contavam suas experiências com usuários de drogas, e diziam que a substância estava disponível, era só buscá-la, mas eles fizeram suas escolhas e não era esse o caminho que desejavam seguir.

Durante a realização do trabalho, os estudantes expunham seus problemas, suas aflições e suas preocupações com a comunidade. O sentimento de “pertença”, essencial nas relações humanas, consistia num “individualismo solitário” por não conseguirem fazer parte do grupo que compunha aquele conjunto social. E esse sentimento arbitrário era recíproco, pois o fato de trabalharem, estudarem e não partilharem do mesmo círculo de amizades com outros jovens do mesmo contexto social faziam com que as diferenças se acentuassem entre ambos os lados.

A convivência familiar ficava dividida entre “obrigações” com o trabalho, a escola e a religião. Surge nessa questão, à padronização dos comportamentos dos jovens, a normatização no dia-dia como forma de manter como hábito a “correção” nos comportamentos, ou seja, a promoção de práticas de controle dos corpos e das mentes.

Associada a essa questão, está a ruptura nas relações familiares, devido ao distanciamento provocado pelas regras sociais de controle que os induzem a seguir o que está pré-estabelecido pela sociedade. É nesse sentido que observo uma “[...] estreita colaboração na tarefa de reproduzir o que está, tal como está, e dessa maneira colaborar para a perpetuação da exploração, da dominação e da mistificação” (BAREMBLITT, 1992, p. 34).

Nessa questão, inserem-se as sociedades e os sistemas de regras de “organização” que indicam o modo de agir e até mesmo de pensar. A não adequação a esse sistema significa estar fora daquilo que é instituído como “correto” no meio social. Algumas normas são impostas como forma de manter o poder hegemônico, construído através das desigualdades e das práticas excludentes, “[...] nossos coletivos estão, atualmente, nas mãos de um enorme exército de experts que acumulam o saber que lhes permite fazer com que as pessoas achem que precisam e solicitem aquilo que os experts dizem que precisam” (BAREMBLITT, 1992, p. 16-17). Esses grupos tentam manter políticas de eliminação física e simbólica através de conceitos de intolerância, criando uma relação de dependência através da dominação. Formular juízos críticos de descaracterização pessoal, respaldado em ideias pré-concebidas originárias do poder social, religioso, econômico e político, cuja função é forjar um “sistema” administrado pelos “experts” que exerça dominação, impondo limitações, proibições ou obrigações (o poder hegemônico instituído).

Na educação, as normas e pautas prescrevem como se deve socializar; a religião regula uma série de comportamentos indicados e também contra-indicados; a justiça administra a força. (BAREMBLITT, 1992, p. 26-27). Diante disso, pressupõe-se que o distanciamento desses jovens dos demais da comunidade ou vive-versa são práticas excludentes, ou seja, esses “outros” não se enquadram no mesmo sistema instituído, organizado, cujas regras são obedecer e perpetuar as normas.

Diante de todas essas reflexões, percebi que, às vezes, é necessário um “choque” para percebermos o que acontece a nossa volta. A origem do que vivenciamos, hoje, é provocada pela ruptura do homem com a natureza, fato este que ele só vai descobrir quando romper com ele mesmo. O distanciamento com o “outro” provocou o rompimento com o mundo natural. De acordo com Guattari “[...]”

os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração” (1988, p. 7). Insere-se neste contexto a pós-modernidade e as novas formas de comportamento introduzidas pelo mundo globalizado. A ênfase consumista e a diversidade de relações possibilitaram a influência de valores externos que desestabilizaram os sujeitos, promovendo o individualismo, o desamparo e a solidão.

6.2 O meio ambiente e os conflitos na adolescência

Em cada um dos adolescentes com quem trabalhei, existe uma história norteadada por conflitos, normas de comportamento e relação direta e indireta com o uso de drogas. A convivência com esses jovens permitiu que eu conhecesse suas relações familiares e as problemáticas vivenciadas no seu dia a dia. Ressalto que, não se trata de um exame da família ou das condições sociais dessa, mas de superação de todos esses problemas, da reversão de uma situação em que todos estavam expostos, mas optaram por outro modo de vida.

O uso de caracteres alfabéticos foi empregado como forma de preservar o anonimato dos participantes da pesquisa.

Quando conheci J, ela já tinha assumido um compromisso conjugal aos 14 anos. Ela e o namorado moravam juntos com a permissão da família. Ela trabalhava no Banco pela manhã e à tarde frequentava a escola regular. Aos sábados, tínhamos oficina na Escola Assis Brasil. Muito inteligente, falante, parecia mais madura do que realmente aparentava. A família era composta pelo pai, a mãe, ela e o irmão. O qual era o motivo de problemas na família, pois era viciado em crack, e fora encontrado várias vezes caído na rua. J vinha de uma família que lutava contra as dificuldades econômicas, mas incentivava a educação dos filhos. No dia da apresentação do vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”, a mãe e o irmão de J estavam presentes, ela chorou, falou sobre o mal causado pelo crack, mas em nenhum momento falou a respeito do filho. Este também se manteve em silêncio, segundo J ele já tinha superado essa fase.

A família de C foi marcada pela tragédia. Na família, C é a filha que antecede o mais novo dos quatro irmãos. Também como os demais adolescentes da pesquisa, trabalhava como aprendiz de serviços bancários no Banco do Brasil.

Quando conheci C, não sabia dos problemas na família, mas aos poucos ela foi relatando o seu drama. Disse que um dos cunhados era traficante e estivera preso por causa do tráfico e drogas, mas que, ao sair da prisão, continuava praticando os mesmos atos. O homicídio praticado pelo cunhado e o suicídio do mesmo, diante dos dois filhos menores, desestabilizou a família. A mãe de C ficou com as crianças, porém veio a falecer pouco tempo depois. C perdeu o ponto de referências, pois, segundo ela, a mãe era tudo o que tinha na vida.

A família de Ju era composta pela avó e pelo pai. Ju era fruto de uma união desfeita, a mãe a deixou sobre os cuidados do pai e da avó. O pai tinha mais dois filhos de outra união, também desfeita, Mas esses não moravam com a família de Ju. A mãe morava em Goiás e pouco visitava a filha, ela tinha outro filho de um outro relacionamento. Ju se dizia ciumenta em relação ao pai. Os namorados, geralmente, tinham o dobro de sua idade, eles iam e vinham devido ao seu mau humor. Ju trabalhava no Banco e estudava, queria cursar faculdade.

O jovem F pertencia a uma família de seis irmãos, o mais velho trabalhava, os demais viviam com ele e a mãe. A mãe era separada, trabalhava e cuidava dos filhos sozinha. O pai vivia em outra cidade. A demora no término das gravações fez com que ela ligasse para falar com os filhos e com a professora. Sim, os filhos, porque o irmão menor de F também participou nas cenas e da gravação do vídeo. Atendi à ligação e disse que estávamos gravando as cenas finais e logo eles iriam para casa, ela disse que queria se certificar de que realmente eles estavam com o professora. F é um menino educado, meigo e muito compreensivo, sempre disposto a ajudar a todos. Mas, disse que morava em um lugar muito violento e via os amigos da escola seguirem o caminho do crack. A mãe se preocupava com a situação, por isso sempre ligava para saber notícia dos filhos, embora soubesse onde eles estavam.

Não muito diferente de F, N era um menino excelente, os colegas, às vezes, debochavam dele, pois N era evangélico e tudo ao seu redor girava em torno da religião. Para que N participasse do vídeo, a família precisou ser convencida que se tratava de um trabalho que servia de alerta aos jovens, sobre o uso de drogas. O adolescente era muito participativo, as normas comportamentais adotadas pela família, eram baseadas nas crenças. Os livros escolhidos para leitura tinham sempre um cunho religioso.

As maiores dificuldades relatadas por esses jovens era o fato de não se sentirem inseridos na própria comunidade, onde habitavam. O trabalho no Banco associado à escola diferenciava-os de outros grupos de adolescentes do mesmo bairro e isso causava um tipo de rejeição, por ambas as partes, a não aceitação do comportamento do outro. Conforme Robaina, “[...] a rua espelha o funcionamento das relações sociais vigentes com hierarquia, valores, interações, violências e desigualdades” (2010, p. 13).

O segundo grupo de adolescentes eu não conheci com a mesma intensidade que o primeiro, devido ao tempo de convivência ter sido menor. Os conflitos gerados eram com outros jovens das diferentes comunidades que circundam a escola. Os problemas estavam relacionados a territórios, pois segundo esses, quem era de determinado bairro não podia invadir o território vizinho. Esses relatos só foram feitos depois que vi um dos alunos com o “olho roxo”. Então, ele contou que os jovens demarcavam território, quem morava em determinado local, sabia que não poderia ultrapassá-lo, pois corria o risco de apanhar.

7 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ELABORAÇÃO DOS DADOS E A SUA APLICAÇÃO

Ao desenvolver esta pesquisa junto a uma escola, que atende a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, da cidade do Rio Grande, tentei destacar de que forma os jovens lidavam com o uso de drogas na adolescência.

Neste trabalho, a Escola de Orientação Profissional Assis Brasil, foi eleita para a coleta de dados, a escola fica situada na região periférica da cidade do Rio Grande. Localizada em uma das áreas mais carentes da cidade, e acolhe cerca de 400 alunos. A faixa etária dos estudantes varia dos seis aos dezesseis anos, os pais possuem nenhuma ou pouca escolaridade, em geral, ensino fundamental incompleto. Os vários conjuntos habitacionais que circundam as instalações físicas da escola são compostos por famílias numerosas, em condições de extrema pobreza, lares desestruturados, nos quais, muitas vezes, o fator educação também não é priorizado.

A escolha por esse espaço físico deve-se ao fato de que esses grupos estão inseridos em um ambiente hostil, marcado por todos os tipos de violência e também por carências sociais e econômicas. Dessa forma, foi necessário desenvolver um trabalho educativo mais amplo, cuja abrangência não estivesse direcionada somente ao campo do conhecimento, mas também ao desenvolvimento do sentimento coletivo.

A primeira etapa das atividades foi desenvolvida de julho a dezembro de 2009. A segunda e última etapa do trabalho foi desenvolvida, com um novo grupo de adolescentes, de março a maio de 2011, na mesma escola.

O primeiro grupo, denominado por essa pesquisadora de Grupo 1, desenvolveu um trabalho mais intenso, porque o envolvimento do grupo em relação à pesquisa foi de maior abrangência. O início do trabalho foi conflituoso, a indecisão, a temática sobre o uso de drogas na adolescência desencadeava emoções, e, de certa forma, provocava os jovens. Mas, a convivência com o educador criou um vínculo de confiança e afetividade que fez com que o trabalho se desenvolvesse com harmonia.

Nunca esqueci as palavras de uma educadora, amiga, a quem admiro muito, ela dizia que os doutorandos e os mestrados, para realizarem seus trabalhos de conclusão de curso, se utilizavam dos sujeitos da pesquisa e, depois, os

abandonavam. Essas palavras criaram um “eco” dentro de mim, pois embora exerça a função de educadora em uma escola rural, distante a mais ou menos 200 km da cidade, mantenho contato direto com o meu grupo de pesquisa.

A primeira parte do trabalho foi desenvolvida pelo GRUPO 1, a turma era composta de cinco alunos, todos bem heterogêneos, o único vínculo que os unia era o contexto e as problemáticas vivenciadas por eles nas comunidades. Cada um deles era proveniente de um bairro, situado nas proximidades da escola.

Um dos maiores problemas vivenciados por esses jovens é a questão do uso do crack por adolescentes nos bairros, onde moram. Várias vezes relatavam, em sala de aula, o envolvimento de amigos de infância e membros da família com essa substância. Em muitos dos casos relatados, afirmavam que esses amigos estavam “perdendo a vida”.

Entretanto, o que desencadeou a problemática foi à tentativa de homicídio contra uma “criança” de dez anos, devido a uma dívida contraída com traficantes pelo uso do crack.

Nas semanas que se seguiram, foram realizados debates sobre o uso de drogas, surgiram vários questionamentos sobre o assunto. Então, partiu do próprio grupo, buscar alternativas que auxiliassem a outros jovens a não se envolverem com o uso do crack, substância essa que vem causando muitos malefícios.

Esses adolescentes, embora muito jovens, se preocupavam com os prejuízos causados pelo crack. Os jovens estavam envolvidos com os acontecimentos nas comunidades, além de presenciarem tudo o que ocorria em torno deles. Temiam pela integridade física de crianças e jovens do bairro, onde habitavam e esse temor era compreensível, pois isso também os afetava.

O fato é que até agora a maioria dos trabalhos sobre o consumo de drogas era feito no olhar dos adultos, como será isso visto sobre o olhar dos jovens? Considerado essa questão, a pesquisa se desenvolve nesse sentido, buscando através da visão dos jovens como eles vêem o consumo de drogas na adolescência.

No quadro a seguir, apresento o sexo, a idade e o nível de escolaridade dos participantes da pesquisa (Grupo 1).

Sexo	Idade	Escolaridade
F	15 anos	8ª série
F	15 anos	7º série
F	14 anos	7ª série
M	14 anos	7º série
M	15 anos	8ª série

Como já abordei anteriormente, o desencadeamento dessa pesquisa não foi algo planejado, a temática surgiu em uma sala de aula, junto aos adolescentes. Nos dias subsequentes ao surgimento da problemática, elaborei uma série que informações que tratavam sobre a questão do uso de drogas na adolescência. Priorizei o uso do crack, pois concluí que esse representava uma das maiores dificuldades a serem enfrentadas por aquelas comunidades.

Como a escola dispõe de tecnologia, na primeira atividade desenvolvida, usei vídeos informativos, nos quais médicos, psicólogos e outros profissionais da área da saúde alertavam dos prejuízos causados pelas drogas, em específico, o crack. No decorrer das atividades, foram feitas várias reflexões sobre como poderíamos desenvolver um trabalho de alerta aos jovens, acerca dos danos causados pelo crack.

Metodologicamente, utilizamos revistas e jornais que falavam a respeito do crack, vídeos educativos sobre os efeitos do crack no SNC, além de documentários e entrevistas com usuários. Após semanas de trabalho intenso, foi proposta pelo grupo pesquisador a peça de teatro, que acabou resultando na elaboração do vídeo. No desenvolvimento das atividades, eles receberam aulas sobre produção textual, como elaborar um roteiro, aulas de teatro, de vídeo.

Após a realização do trabalho, os vídeos foram entregues, um para cada estudante, e também para uma escola em Pelotas e outras em Rio Grande. Na escola Assis Brasil, o vídeo foi apresentado para várias turmas. Anexas encontram-se algumas avaliações sobre o vídeo, elaboradas por professores, que as apresentaram em sua sala de aula.

O trabalho foi apresentado no “Artestação Cassino Cine Vídeo”, no Cassino, no mês de outubro de 2010, e gerou grande discussão entre os presentes. O vídeo

encontra-se disponível na página do programa de pós-graduação em Educação Ambiental (PPGEA).

A segunda etapa do trabalho foi desenvolvida com outro grupo de jovens, intitulado GRUPO 2. Nessa parte do trabalho, a temática desenvolveu-se sobre as problemáticas vivenciadas por esses jovens, nas comunidades. Para isso, foram propostas saídas de campo, oficina de máscaras, apresentação do vídeo “Aquecimento Global os sinais da ciência”, que trata da destruição ambiental causada pela ação do homem sobre a natureza. Através desse trabalho, eles produziram um texto e abordaram as consequências dessa destruição e refletiram sobre os malefícios causados à saúde, devido ao desequilíbrio do meio natural.

Esses de adolescentes diferenciavam-se do primeiro grupo, em todos os aspectos, principalmente, no que diz respeito à maturidade. Embora tivessem a mesma faixa etária, observei que se comportavam com menos responsabilidade que os jovens do Grupo 1. Faltavam às aulas e às vezes ao trabalho no Banco, não havia muita preocupação com os estudos, gostavam de festas e saíam à noite para se divertir, com o consentimento dos pais.

Na realização das atividades os alunos propunham a saída de campo e a oficina de máscaras. No Grupo 2, nem todos os alunos foram selecionados para trabalhar no Banco, muitos se desmotivavam por não conseguirem a vaga e não retornavam mais a escola.

No quadro a seguir, exponho o sexo, a idade e a escolaridade do Grupo 2.

Sexo	Idade	Escolaridade
F	15 anos	8ª série
F	16 anos	8º série
M	15 anos	7ª série
M	14 anos	7º série
M	15 anos	8ª série

Nessa oficina, propus que eles observassem os pontos positivos e negativos dos bairros. Munidos de uma câmera fotográfica e de uma filmadora, saímos para desenvolver a atividade. A primeira imagem apresentada foi de a um conjunto

habitacional feito para pessoas de baixa renda. As casas ainda estavam desabitadas, mas o lixo da obra imperava na frente das casas. A segunda imagem era de uma criança juntando material reciclável, para vendê-lo. Os alunos a conheciam, mas não deixei que o fotografassem, sem pedir autorização. Perguntei a idade, ele disse que tinha doze anos, se estudava, ele respondeu que não. A foto não apresenta o rosto, por ele ser menor e não termos o consentimento da família.

Essas fotos foram tiradas nas proximidades da escola, depois fomos fazer uma visita aos bairros. Nesse espaço, os alunos fotografaram crianças trabalhando, animais mortos, devido à violência no trânsito, valetas entupidas e acúmulo de lixo em diversas partes. A seguir, fomos para uma lanchonete, pois todos estavam cansados, lá eles encontram um grupo de amigos, com o violão. Esses se juntaram a nós e perguntaram a natureza do trabalho. Falei que os alunos estavam fotografando os problemas da comunidade, como os jovens se sentiam naquele contexto e de que forma o uso de drogas na adolescência estava afetando aquelas comunidades.

Um dos jovens olhou para mim, muito sério, e disse que fazia um ano que tinha perdido o pai para o crack. Perguntei se gostaria de falar sobre o assunto. Disse que não, pois ainda era muito recente e a dor não tinha passado. A seguir, esse mesmo jovem pegou o violão e tocou a música “Eu sei” do grupo Papas da Língua. Penso que não precisei saber da resposta, pois, ao chegar em casa, fiz a leitura da música, e compreendi o que ele quis me dizer, quando a tocou. Talvez, em nenhum momento, ele vá compreender, mas a mensagem que ele deixou, tocou o meu coração de uma forma que passei dias ouvindo a música.

O crack faz suas vítimas, sejam elas, jovens, crianças, homens ou mulheres. Famílias que sofrem pela perda de entes queridos. Mães e pais que lutam contra essa droga que aniquila, cada vez mais, grande parte dos nossos jovens. A noção desse sofrimento é transmitida na música, por esse filho de dezesseis anos que sofre com a perda do pai.

Como reflexão, deixo a vocês, leitores, duas estrofes da música;

Eu sei
Tudo pode acontecer
Eu sei
Nosso amor não vai morrer
Vou pedir aos céus

Você aqui comigo
 Vou jogar no mar
 Flores para te encontrar...

Não sei...
 Por que você disse adeus
 Guardei!
 O beijo que você me deu
 Vou pedir aos céus
 Você aqui comigo
 Vou jogar no mar
 Flores para te encontrar...

Nos caminhos por onde delinee a pesquisa, os jovens começaram a refletir sobre quais situações que levam alguns jovens a se tornarem usuários de crack e outros não. Em alguns dos discursos proferidos pelo grupo, a família é colocada como ponto de referência. Em outros a religião limita os comportamentos, a educação também é outro fator apontado pelos adolescentes.

As situações da educação em família escritas e protagonizadas no vídeo, pelos adolescentes, apresentam um ambiente permeado por desavenças, conflitos na adolescência que evocam um conjunto de situações que levam a personagem a optar pelo uso de drogas.

7.1 Oficina de vídeo 1

7.1.1 A Educação Ambiental na simbologia da análise dos dados

Nessa fase final do trabalho, creio que devo falar um pouco dos meus anseios, pois foram tantas leituras que, no final, desencadeiam questionamentos, como: Será que estou no caminho certo? Permeada por esse conflito, direciono minha investigação, no sentido de me tornar o mais compreensível possível aos olhos do leitor.

Antes de iniciar o trabalho, faço um pequeno resumo do vídeo “Sonhos defeitos, adolescência interrompida”, produzido pelo grupo - pesquisador. O vídeo conta a história de uma adolescente de dezessete anos que, em meio a um conflito familiar, se envolve com drogas. O primeiro contato com drogas ocorre através da amiga, depois ela busca livremente até encontrar a morte.

A discussão sobre a morte da adolescente, devido ao uso de drogas foi polêmica. Grande parte do grupo-pesquisador considerava que o final deveria ser trágico, outra parte que ela devia se recuperar e voltar ao convívio familiar. Venceu a opção da maioria, a adolescente morreu vitimada pelas crack. A visão do GP sobre essa questão foi de apresentar a outros jovens, o fim trágico ocasionado pelo uso de drogas.

Devido à extensão do texto original, o roteiro sofreu algumas modificações, porque a proposta inicial era de uma peça de teatro; depois, por sugestão do próprio grupo-pesquisador, decidimos adaptar o texto para um vídeo.

Os primeiros passos da análise são intrigantes, no início fiquei temerosa ao optar pela sociopoética como embasamento teórico para análise de dados. Mas, após o trabalho elaborado nas oficinas de vídeo com os adolescentes, percebi que “[...] a compreensão das formas simbólicas produzidas pelo grupo-pesquisador possibilita o confronto com o inconsciente e a tomada de consciência de seus conteúdos” (GAUTHIER et al., 2005, p. 164).

Observa-se nesse trabalho, que os sujeitos ali representados expressam, através do uso de técnicas, o meio de acesso ao inconsciente, conjugando a imagem e a ação (GAUTHIER et al., 2005, p. 164). O comprometimento e o envolvimento do grupo-pesquisador possibilitaram a análise e a interpretação dos resultados.

Os dados produzidos, nessa parte do trabalho, foram analisados com base na abordagem sociopoética, através das imagens do vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”, produzido pelo Grupo 1, composto por 5 (cinco) alunos.

A Análise de dados foi realizada com base na leitura simbólica das imagens. Porém, para situar o leitor utilizo alguns recortes das cenas. Inicialmente, reagrubei as 14 (quatorze) cenas do vídeo, das quais foram retirados os temas para análise. A seguir, evidencio os temas que o grupo-pesquisador relacionou e analisou.

Os recortes utilizados para análise das cenas foram retirados do texto escrito pelo Grupo 1. Os temas discutidos em sala de aula resultaram na análise formulada pelos adolescentes.

1ª Cena – Casa da Família Amorim

2ª Cena – O encontro de Gabriely com o traficante

3ª Cena – Gabriely chega à casa de Mariana e bate na porta

4ª Cena – Mariana e Gabriely usam a droga

- 5ª Cena** – Encontro de Mariana com o traficante
- 6ª Cena** – Imagens da prostituição
- 7ª Cena** – Júlia, Fernando e Renato chegam a casa
- 8ª Cena** – Renato e Marina conversam no quarto.
- 9ª Cena** – O desaparecimento da Jaqueta do Renato
- 10ª Cena** – O encontro da Mariana com Gabriely na casa abandonada.
- 11ª Cena** – O desaparecimento de Mariana
- 12ª Cena** – Gabriely procura por Mariana na casa abandonada Gabriely
- 13ª Cena** – Nova discussão na casa da família Amorim
- 14ª Cena** – Gabriely encontra Marina desacordada e comunica a família.

Dos resultados analisados, surgiram três categorias relacionados às cenas do vídeo: os conflitos ; drogas, prostituição; morte . Dessas palavras-chave resultaram os temas que foram analisados pelo grupo.

As discussões que se seguiram em sala de aula, na escrita do texto, o conflito familiar vivenciado pelo pai e pela filha foi apontado pelos adolescentes como fonte de desentendimento, o que dificulta o relacionamento entre ambos. Nesse caso, as cenas evidenciadas pelo grupo revelam a desestrutura familiar como a origem do problema vivenciado pela jovem, tais fatos estão expressos na “revolta” da adolescente (cena 13ª). Outro fato a ser considerado, apontado pelos adolescentes nas cenas, é a falta de limites, a personagem da história não estuda, não trabalha e vive uma vida ociosa, com muita liberdade (1ª cena).

7.1.2 A análise dos temas com base nas cenas do vídeo

7.1.2.1 Os conflitos gerados na Instituição família

A primeira imagem simbólica apresentada pelo grupo-pesquisador é a casa. A casa como um ambiente fechado, onde vivem pessoas do mesmo núcleo familiar, não é um espaço impenetrável, logo, se tornou vulnerável, pois é ali que acontecem os primeiros experimentos com drogas. Os conflitos são gerados, à medida que as relações familiares sofrem uma ruptura. Nas cenas do vídeo, apresentada pelos jovens, existe um distanciamento entre todos os membros da família. A desunião passa a ser perceptível, quando a representação simbólica da mesa do café da manhã, uma das primeiras refeições do dia, os mantém afastados. Cabe destacar que os conflitos, apresentados nas cenas pelo grupo, mostram de forma negativa a relação intrafamiliar e os desentendimentos entre pais e filha, o que torna mais difícil

o relacionamento afetivo entre eles. Essas relações conflituosas refletem em todos os membros da família, principalmente, na adolescente, que está em processo de formação, sendo mais vulnerável ao sofrimento. Constituindo um reforço, para se tornar uma adulta muito agressiva.

O grupo-pesquisador questiona, principalmente, no que diz respeito ao núcleo familiar, fator que muitas vezes os coloca em choque com seus pais e familiares. Nem sempre os pais de adolescentes estão preparados emocionalmente e psicologicamente para lidarem com as contestações de seus filhos. Tornando, muitas vezes, as famílias um alvo vulnerável para a existência de conflitos. A família é vista, pelo grupo, como instituição de socialização e proteção de seus membros.

Na visão apontada por eles, a família desempenha papel marcante na vida de seus integrantes, visto que a estrutura psicológica e social do ser humano é, na sua maioria, formada na família. Entretanto, nas cenas apresentadas pelos alunos no vídeo, as próprias condições da sociedade influem na família, impedindo que ela cumpra os seus deveres essenciais junto aos adolescentes, fazendo com que, eles sigam seu caminho, obedecendo as suas inclinações pessoais e menos subordinados à influência familiar. No vídeo algumas cenas são destacadas pelo grupo, os conflitos entre os pais (13ª cena) e o distanciamento em relação aos filhos (9ª cena).

Para o grupo-pesquisador as transformações, pelas quais os jovens passam, merecem ser observadas, orientadas e acompanhadas pelos pais, como algo normal, inerente a todo ser humano, que está em constante processo de transformação. As cenas do vídeo mostram que maioria dos pais não estão preparados para este processo por qual seu filho passa, ocasionando, no grupo familiar, conflitos na relação pais e filhos, quanto ao respeito da singularidade do outro. O despreparo para lidar com essas transformações ocorridas na adolescência, aliado ao desconhecimento dos pais, constituem-se em fatores determinantes para a manifestação de conflitos.

A avaliação feita pelos adolescentes, no vídeo, revela que a educação em família é a base que constitui o indivíduo, entretanto quando essa base é desestabilizada pode provocar mudanças no comportamento dos jovens.

7.1.2.2 Drogas, prostituição

No que diz respeito a essa temática, o grupo-pesquisador acentuou o uso de drogas e da prostituição, nas cenas. As influências do meio, idéias partilhadas por todos os membros do grupo na elaboração das cenas (12ª cena), estão relacionadas a essa questão. Fenômenos como prostituição e abuso de drogas, a apropriação do corpo assume contornos específicos, à medida em que o corpo é utilizado, ou melhor, superfaturado. Nesse contexto, o corpo constitui, ao mesmo tempo, meio para ofertar prazer ao outro, recurso de sobrevivência e instrumento para proporcionar dinheiro para a compra da drogas. Nas cenas, a prostituição diz respeito a uma vida que não é digna de respeito e de estima, a saber, o corpo. De tal modo, resume-se a uma vida de humilhação, desvalorização e devassidão. Nas cenas, as drogas são usadas, pela amiga da protagonista, como forma de “anestesia” a prostituição.

7.1.2.3 Morte do corpo

A simbologia da morte, na cena final, foi muito discutida entre o grupo, a opção pela morte e pela não morte do personagem, na cena final, ficou dividida. Por fim, todos concordaram pela opção da morte, a morte representada por eles, significa a vida, pois se apoiando nesse exemplo, eles queriam transmitir a mensagem a outros jovens sobre os prejuízos causados pelo uso do crack.

Gauthier et al. afirma que “[...] o grupo-pesquisador descobre uma maneira inesperada de formular problemas existenciais que encontram na sua prática” (2005, p. 75), mas nem sempre esses problemas estão conscientes na vida das pessoas.

Depois de várias discussões sobre o uso de drogas na adolescência, senti que alguma coisa afligia o grupo - pesquisador, principalmente, quando falavam de suas comunidades, não era só a questão da não-identificação com outros grupos jovens. Então, eles sugeriram que gravássemos uma entrevista, para que eles pudessem falar a respeito de seus bairros e expor as problemáticas, ali existentes.

A fase da produção de dados “[...] é um momento dialógico, no qual se aceita ‘uma pluralidade de vozes, uma polifonia, semântica e conceptual’ que permite obter

dados individuais e coletivos, produzidos na interação entre o pesquisador e o grupo (as pessoas) pesquisando” (GAUTHIER et al., 2005, p. 21).

Nessa parte do trabalho, o grupo-pesquisador formula o problema existente na sua comunidade. Nas entrevistas¹² gravadas e transcritas por essa pesquisadora, o espaço escolhido pelos adolescentes foi a Biblioteca da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil. A gravação foi anterior a apresentação do vídeo. Os temas abordados estavam relacionadas ao fenômeno drogadição e aos estigmas criados em torno dos bairros e de seus habitantes.

Como forma de favorecer a produção de dados, do grupo-pesquisador, foram usados como ferramentas os temas de discussão em sala de aula: de que forma as relações sociais e ambientais podem influenciar no uso do crack? Todavia, fiz uma reflexão e, como afirma Gauthier et al., “[...] o fato do próprio grupo-alvo escolher o tema que quer investigar garante mais motivação” (2005, p. 9). Dessa forma, fiz com que eles debatessem entre si os problemas da comunidade.

Primeiramente, sugeri que fizessem um círculo de discussão, no qual eles deveriam debater sobre as problemáticas da sua comunidade, e, depois, deveriam propor uma solução para o problema. Todos acolheram a ideia de que deveriam falar a respeito dos conflitos da comunidade. Conforme Gauthier et al. (2005, p. 301), na sociopoética, o grupo pesquisador é um conjunto dentro do qual se inserem várias técnicas, principalmente aquelas em que os sujeitos da pesquisa exercem seus direitos de cidadania, em todos os segmentos da pesquisa.

Assim, no dia da gravação, eles chegaram cedo e se localizaram no espaço, onde iríamos desenvolver o trabalho. Porém, nem todos os alunos participaram da entrevista, uma das alunas não quis falar e nós respeitamos sua vontade. Gauthier et al. diz que (2005, p. 10) “[...] é importante ressaltar que na concepção sociopoética os dados que surgem nessa experiência não são ‘coletados’ como se estivessem esperando numa cesta e sim produzidos pelas condições de realização da pesquisa”.

Para aprofundar esses símbolos, busquei sustentação teórica nas palavras de Jung (1993 *apud* GAUTHIER, 2005, p. 163), que diz “[...] uma palavra ou uma imagem são simbólicas, quando implicam alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato”.

¹² Na cena final do vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”, consta a parte das entrevistas realizadas pelos estudantes.

7.2 Análise das entrevistas

Para análise desses dados, foram feitos alguns recortes nos textos transcritos, assim, as seguintes categorias foram apresentadas pelo Grupo 1 que desencadearam os temas da análise: periferia; drogas; família e escola. Na parte das entrevistas, cada participante foi colocando seu posicionamento a respeito dos temas discutidos. Cada participante do grupo é identificado através dos caracteres alfabéticos (A, B, C, D).

Sobre a comunidade, os adolescentes do GRUPO 1 apontaram três temas.

A) A periferia – desconhecimento pejorativo do grupo social

A - É um bairro, não é uma periferia, mas quando sai alguma notícia no jornal, ou assim, prenderam mais um, prenderam mais um na periferia Ali, para o jornal é periferia. Boca de fumo todo lugar tem, não é só na Castelo Branco. Eles põem muito a Castelo como a periferia, o lugar do marginal. Agora, não põe que tem um projeto, tem uma festinha para crianças carentes, para arrecadar fundos, sempre tem uma coisinha dessas e eles não põem. Porque o preconceito contra a Castelo? Tem tanta gente honesta na Castelo, como em qualquer lugar, não tem só vagabundo como vocês põem.

O significado de periferia, de forma deslocada, seria de uma região mais afastada do centro urbano. No entanto, “[...] a análise e a interpretação simbólica devem inspirar-se não apenas na figura, mas em seu movimento, em seu meio cultural e em seu papel particular” (GAUTHIER et al., 2005, p. 167). Para o grupo-pesquisador, o termo assume uma conotação negativa, quando se refere aos núcleos sociais afastados do centro urbano. Constata-se que, na visão do grupo-pesquisador que os estereótipos depreciativos construídos pela mídia são responsáveis pela descaracterização do espaço. Periferia, segundo eles, também traz a ideia de “muro”, da divisão, daquilo que separa, da exclusão. Nesse sentido, a exclusão social é apontada pelo grupo como causa das dificuldades ou problemas sociais que levam ao isolamento e até a discriminação de um grupo específico, de uma determinada “sociedade”. Estes grupos excluídos ou que sofrem de exclusão

social, precisam de uma estratégia ou política de inserção, a qual possam se integrar, a fim de serem aceitos pela sociedade que os rodeia.

B) Drogas – a juventude a caminho da destruição

B - Ali, têm muitos viciados, mas a gente fica triste por ver eles daquela maneira. Estão vendo que estão perdendo a juventude, estão se matando de uma certa forma, estão indo a caminho da morte e não se ligam. Por causa de certas influências.

O grupo-pesquisador revela a tristeza de ver tantos jovens da comunidade envolvidos com drogas. O termo viciados pode representar o desequilíbrio, a inconsciência, a necessidade de estar bem, de escapar dos estresses diários. A morte associada a determinadas influências pode significar a banalização da vida. A perda da juventude é o inconsciente sugerindo que os jovens mudem para viver melhor.

C) Periferia – preconceito, estereótipo, generalização

C - Acham que só porque é uma vila pobre todos são usuários de drogas, no final vão entrar as drogas, mas não, a gente é um exemplo disso.

Por ser uma região permeada por carências tanto econômicas quanto sociais, o grupo-pesquisador considera que as ideias difundidas sobre o bairro englobam a todos, ou seja, a visão projetada sobre eles é de que todos os jovens que moram nessas comunidades são usuários de drogas ou, em algum momento, vão se tornar usuários.

D) Diálogo - a família e a escola

D - Conversar com os pais a respeito de tudo é muito importante, ter sempre um diálogo com os pais, conversar com eles. A escola também é base de tudo, tu estudas, te forma para ter um futuro melhor, isto é o que eu quero para mim.

Como solução para o problema, o grupo-pesquisador apostou no diálogo em família. A família representa um grupo social primário que influencia e é influenciado por outras pessoas e instituições. A família é unida por múltiplos laços capazes de manter os membros moralmente, materialmente e reciprocamente durante uma vida

e durante as gerações. A família é como um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema. . É nesse sentido que a ecologia social descrita por Guattari afirma, “[...] desenvolver práticas específicas que tendem a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal da família” (1998, p. 15). A importância do diálogo em a família é apontada pelo GP como a solução dos problemas por que passam os jovens no período da adolescência. A família, nesse sentido, pode ser vista como a árvore que sustenta os frutos, a base de apoio do grupo. A escola é a ponte para o futuro, para o qual eles pretendem caminhar.

7.3 Oficina de Vídeo 2

7.3.1 Para além das Máscaras

Nessa parte do trabalho foi desenvolvida com o Grupo 2, participaram da pesquisa 5 (cinco) alunos, a técnica utilizada no desenvolvimento do trabalho foi a oficina de máscaras. Iniciamos as atividades, depois de assistirmos o vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”, após uma breve discussão sobre o vídeo, pedi que elaborassem alguns sentimentos que foram suscitados em relação ao vídeo.

Para Gauthier “[...] o caminho para se chegar ao símbolo passa pelo caminho da mobilização, da vivência pelas técnicas expressivas, pois a arte alimenta o símbolo”(2005, p. 164). Diante dessa questão, conforme eles iam falando eu organizava no quadro. Surgiram sentimentos de tristeza, sofrimento, dor, infelicidade, agonia. De posse dessas categorias, pedi que cada um elaborasse uma máscara, onde estivesse expresso o sentimento escolhido, depois deveriam representar um adolescente viciado em crack.

A sugestão foi aceita, na aula seguinte, já de posse de todas as informações, fomos para sala dos professores, espaço escolhido para realização da oficina de máscaras, já que precisávamos de um sofá e lá era o único lugar que tinha. Comecei as atividades mostrando como se elaborava a máscara, depois pedi ao grupo que fizesse uma reflexão e lembrassem os sentimentos suscitados na aula anterior, para elaborar os trabalhos.

Notei que estavam receosos, ninguém se atreveu a iniciar o trabalho, o fato de ter uma máscara de gesso no rosto não lhes parecia uma sensação muito agradável. A sensação de medo diante do desconhecido. Procurei tranquilizá-los, pedi que fizéssemos uma pausa para o lanche e depois, discutiríamos a questão.

O lanche foi preparado no refeitório da escola pelo grupo-pesquisador, então, as conversas giravam em torno da apresentação do grupo Hip-Hop no teatro municipal e na confecção da máscara de gesso. Saímos do refeitório, eles estavam mais tranquilos, então, partimos para a primeira etapa do trabalho.

O trabalho foi dividido entre todos os membros do grupo. Enquanto um cortava a faixa de gesso em pequenos pedaços, outro umedecia o gesso para aplicação. A filmadora era usada para registrar todos os momentos.

Essa etapa da elaboração das máscaras foi um momento muito importante, porque o grupo começou falar de seus problemas, de suas inquietações em relação à comunidade.

A representação do outro desencadeia uma série de emoções, o outro representa aquilo que eu não sou, como afirma Gauthier et al., “[...] a máscara permite ‘trocar de pele’, permitindo ao grupo-pesquisador colocar-se no lugar do outro, experimentar emoções temidas, revelar conteúdos inconfessos” (2005, p. 166).

Os resultados da oficina foram surpreendentes, depois de elaboradas as máscaras, o grupo-pesquisador foi para a fase do acabamento, cobrir com massa corrida, lixar e por fim o acabamento final: a pintura.

Lembrem-se leitores, essa máscara representa um sentimento e a escolha do sentimento foi de livre arbítrio. Dessa forma, cada personagem seria representado de acordo com a emoção do momento.

A escolha do espaço para os depoimentos foi do grupo-pesquisador, enquanto a confecção das máscaras foi feita na parte interna da escola, o lugar escolhido para as representações foi na parte externa, ou seja, nas dependências externas da escola. Entretanto, o vento e as próprias máscaras prejudicaram a saída de áudio o que resultou na legenda do vídeo.

Gauthier et al. afirma que:

[...] enquanto analisa e interpreta os dados produzidos numa pesquisa, o facilitador e o grupo-pesquisador desencadeiam suas potências criadoras, considerando neste processo a plasticidade, o

devaneio, a performance e a poética, de modo que a interpretação é também uma expressão – criação poética Gauthier (2005, p. 167).

Os depoimentos foram coletados na oficina de máscaras pelo grupo-pesquisador através de uma câmera de vídeo. Na primeira parte da oficina, enquanto elaboravam a máscara, os alunos teciam comentários à respeito das máscaras quando surgiram alguns questionamentos sobre o significado da palavra “patrão”. O segundo passo que norteou a análise, feita pelo grupo, foi retirado a partir da verbalização dos sentimentos expressos pelo grupo-pesquisador.

Cada componente do Grupo 2 recebeu um código de identificação formado por letras e algarismos numéricos, no entanto, a primeira categoria “Patrão: o poder na comunidade” foi realizada por todo grupo sendo intitulada GA1, as demais, “crack - beco sem saída”, “crack - o patinho feio”, “Crack – as correntes como forma de liberdade”; Liberdade – Eu estou tentando sair do crack, Liberdade - Eu quero parar, Liberdade – Eu estou vencendo o crack foram feitas individualmente por cada um dos adolescentes. Dessa forma, as categorias ficaram assim identificadas (GA1, B1, C1, D1, E1, F1, G1). Depois, do levantamento das categorias escolhidas para análise, surgiram três palavra-chaves para delimitação dos temas a serem analisados. Todos os membros do grupo 2, concordaram com as seguintes palavras: patrão, crack, liberdade.

7.3.2 Máscaras... Patrão...

G-A1) Patrão - O poder na comunidade

G-A1- Como é que está o nosso modelo? Lindo! Vamos lá, então, começar o nosso trabalho, meninas prestem atenção, depois vocês farão...

-Tá ficando de patrão...

- O que é patrão?

- É legal sôra! É legal...

- Patrão é quem tem dinheiro?

- É, e legal também!

- Tá não, mas não no significado de patrão!

- Tá, mas qual é o significado de patrão?

- Não sei nem o que é o significado de patrão!

- Patrão da droga!

- O cara que é... que tem dinheiro...

- Que tem dinheiro?

- Não, mas não é só isso!

- É sim!

- É o cara superior...

- Essas criança com cabeça fraca, elas vêem uma coisa há! Que legal ficam assim, há! Patrão

- É gente, mas não foi esse o patrão que ele se referiu.

- Eu me referi o legal.

Conforme a análise do grupo, a categoria “Patrão” pertence a simbologia de poder dentro das comunidades. O objeto que significa status “ter dinheiro” significa a situação ou posição hierárquica exercida por esse poder nas comunidades, e que implica em determinados direitos.

A simbologia do patrão pertence à categoria do poder, mas também está associada à hegemonia, a supremacia de uma classe sobre as demais. Na sociedade existem relações de poder que não são percebidas, como o poder do pai, da mãe, do professor. Nessa relação, existe uma política de autoridade, onde uns comandam e outros são comandados. Para o grupo-pesquisador, o patrão possui a imagem do “belo”, do “legal”. Nessa perspectiva, o poder é visto sob o apelo de bens materiais. O que está impresso nas imagens formuladas na verbalização do grupo-pesquisador é o poder exercido nas comunidades através do tráfico drogas. Nessa questão, Freitas (2002, p. 95) revela que “[...] o chefe do tráfico entra num lugar buscado frequentemente pelo jovem, por sua posição de poder e valorização”.

B1) Crack – O beco sem saída

B1– Então... como eu disse, certo Faz um ano... tudo começou de uma forma curiosa... com meus amigos ... eu achei que cigarro de maconha não era droga. Era que nem ele falava... experimentei... gostei... continuei usando... Depois, eu conheci um namorado ficante meu, ele tinha na base de dezoito anos... ele me influenciou a usar drogas muito fortes... cocaína e tal... e eu comecei a andar com ele cheirava e tudo ... e tal ... e um dia, ele me apresentou o crack, comecei a usar e ai, eu queria passar pra outras pessoas... que o crack é um beco sem saída

Para o adolescente a imagem do “beco sem saída” representa as dificuldades do usuário de crack para libertar-se das drogas. . “Um beco sem saída” passa a ideia de isolamento daqueles que estão a margem da sociedade, da exclusão, representa o muro que impede a saída, por outro lado, “um beco sem saída” pode ser o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) em contato com o mundo social (mundo externo), resultando nas dificuldades dos adolescentes para conseguirem se

libertar do crack. O termo “beco” pode estar relacionado às “portas” que são fechadas, e impedem o acesso a políticas públicas de saúde, educação, e lazer.

C1) Crack – O patinho feio

C1- eu sou usuário de drogas... comecei a usar drogas com treze anos por influência dos amigos qualquer lance por drogas... tudo nestes esquema da droga, tudo pra... falavam que eu era o patinho feio da turma, pois eu não usava drogas porque eu comecei a usar e não consigo parar... né e quando a gente fica drogado quando a gente só vai se ligar ai já é tarde né... aí é o caso que me levou o desespero, mas ...

“O patinho feio”, personagem dos contos infantis, por ter nascido diferente do resto da ninhada, é excluído, pois está fora da categorização esperada, não possuindo os atributos comuns e naturais dos membros de sua categoria e, por este motivo, é rejeitado e abandonado. Ao inserir o personagem, o adolescente representa um espaço relacional, ou seja, as relações com o “outro”. Este relacionamento se insere dentro de esferas de representação social em que cada sujeito ocupa seu papel de agente dentro da sociedade. Estes sujeitos desempenham papéis diferentes de acordo com o ambiente e a situação em que se encontram. A imagem do patinho feio, traz o símbolo das diferenças, ou seja, o outro é o que eu não sou. Essa imagem da separação é colocada na sociedade, através da classificação “[...] por meio da noção de identidade que categoriza, rotula e cristaliza” (FREITAS, 2002, p. 6). Para ser aceito no grupo social do crack, devo compartilhar dos mesmos valores, ou seja, ser usuário da droga.

D1) Crack – As correntes como forma de liberdade

D1- Eu sou drogado, eu confesso que ainda tenho recaídas... mas ... é assim... eu vou falar sobre drogas... Primeiro eu comecei pela maconha e ... ela dava uma sensação assim... que o cara tava leve... uma sensação boa, só que depois ela trazia consequências... e eu queria mais... então, o crack é mais... durava menos era melhor... então... eu comecei a entrar pra dentro de casa comecei a beber... bater... quase todo dia não tinha condições de comprar a droga me acorrentava na cama... não conseguia vive ali preso... não conseguia e queria me soltar... passava as vezes o dia inteiro drogado era uma pedrinha a cada 15 minutos. .

O paradoxo desse tema permite que se amplie a visão sobre o inconsciente. As correntes, na visão do adolescente, não representam a prisão, ao contrário, representam a fuga da realidade objetiva. Todavia, essa liberdade é física, a liberdade subjetiva vem acompanhada de obstáculos que impedem que se concretizem os sonhos de liberdade. O jovem revelou que o crack representa a prisão do inconsciente e não pode haver liberdade física sem liberdade psíquica. Nas representações do adolescente, ele descreve as sensações do uso das drogas como “leve”, “boa”. Nessa questão, as próprias pressões sociais impulsionam para uma realidade fictícia e as drogas favorecem o sentimento ilusório de prazer e liberdade.

E1) Liberdade – Eu estou tentando sair do crack

E1-... agora... vou procurar me curar... tô tentando sair... vou fazer o máximo pra sair dessa vida que eu entrei... e quero sair realmente... porque essa vida é uma droga.

A luta para modificar a situação dos usuários de drogas. O adolescente assume o lugar do usuário e favorece a subjetividade que impulsiona para a libertação do vício.

F1) Liberdade - Eu quero parar

F1 - eu quero parar... minha família vai apoiar mas eu vou conseguir, sei de umas clínica que é paga aí... to tentando mas é brabo, então, tudo é de novo, fazer tudo de novo, acho que se todo mundo tentasse me apoiar, ia ficar liberado eu conheço varias pessoas que fazem isso... eu de minha parte, eu conheço minha mãe minha vó que me dão baita força, eu queria voltar as coisas... como antes...

A verbalização “eu quero parar”, representa um pedido de socorro. A família é colocada como base de apoio para a libertação do mundo das drogas. Para o jovem é de fundamental importância a reintegração do indivíduo na sociedade através do apoio familiar.

G1) Liberdade – Eu estou vencendo o crack

G1 - eu to vencendo o crack... vou agora vou estudar, vou recuperar o tempo que eu perdi, eu vou melhorar... e se tudo ser certo, eu vou

conseguir o emprego... vou começar minha vida de novo é isso aí... o tempo é que vai dizer

Vencer o crack é buscar perspectivas de mudanças, de melhoras de vida. No que diz respeito a essa questão, o adolescente revela que o acesso a políticas sociais podem ser favoráveis a recuperação do indivíduo. Ele considera um caminho conflitante a fase da recuperação, por isso entende que o apoio da família, junto a outras instituições podem ser favoráveis ao recomeço de vida, ao abandono do crack. . Nessa questão, a ecologia mental leva os sujeitos a reinventarem a sua relação com o corpo, com os mistérios da mente (GUATTARI, 1998, p. 16).

CONCLUSÃO

O ENCONTRO COM A ECOLOGIA SOCIAL, MENTAL E AMBIENTAL

Ao final dessa pesquisa, confesso que caminhei por estradas desconhecidas, por nomenclaturas (cf. parte 2), distantes da minha área do conhecimento, mas foi preciso uma investigação profunda sobre a do uso drogas para que eu pudesse sustentar as questões que me afligiam.

Os primeiros passos da pesquisa são intrigantes, discuti com vários autores nos mais variados textos, por vezes concordava, por outras discordava. E esse movimento de ida e volta só encontra sentido na prática, na pesquisa, propriamente dita. O emocionante de tudo isso, foi descobrir que o conhecimento surgiu na prática na compreensão das teorias.

A investigação proporciona momentos de emoção, de alegria, de prazer, de convivência com o outro que não é mais o outro, mas também faz parte do grupo-pesquisador. Ele conduz a elaboração dos dados, ele aponta para significados que muitas vezes estão invisíveis, mas que é preciso desvelar.

No início do trabalho algumas questões nortearam essa investigação, buscava compreender quais as consequências do uso do crack na adolescência?; Quais estratégias estavam sendo pensadas para evitar a proliferação da substância?; As relações sociais e ambientais podem ser favoráveis ou não ao uso do crack?; A busca pela satisfação promove o encontro com o crack?

Apoiada em alguns teóricos e na análise consegui sustentar as hipóteses da pesquisa. No que diz respeito à primeira questão, as consequências na vida do usuário, promovem prejuízos nas mais diversas áreas de funcionamento. A falta de limites, as amizades e o distanciamento da família induzem o adolescente ao consumo do crack. Na segunda hipótese, considero que os próprios adolescentes poderiam atuar em grupos de intervenção para evitar a proliferação do crack, a escola poderia contribuir na medida em que na ampliasse a rede de ação e de união dos demais órgãos que já atuam no combate ao crack. Na terceira hipótese suscitada: as relações sociais e ambientais podem ser favoráveis ao uso do crack devido ao contexto atual, uma sociedade que prega o consumo, o prazer, desvaloriza o que é o ser humano pode favorecer o uso da substância. Na quarta e

hipótese, a busca pela satisfação associada ao estresse diário a que o homem moderno vive submetido, podem ser os principais fatores de risco relacionados ao uso de crack. Soma-se a essa questão, a curiosidade, obtenção de prazer, relaxamento das tensões psicológicas, facilitação da socialização, influência do grupo, isolamento social.

Na quinta hipótese, o individualismo, o isolamento, a falta de sentido para vida, a fuga da realidade são caminhos que direcionam não só ao uso do crack, mas também de outras drogas tanto lícitas quanto ilícitas.

Na última hipótese, os adolescentes questionam e buscam a liberdade. É uma fase da vida que implica em imposição da personalidade. Essa busca, quando não orientada envolve o jovem em situações que implicam em prejuízos para a vida.

Apoiada nas teorias e no trabalho de campo desenvolvido com o grupo-pesquisador percebi que as relações familiares também são responsáveis pelos adolescentes no mundo do crack, isso porque a adolescência é um fase vulnerável os conflitos e o afastamento da família também podem contribuir para essa questão.

Dessa forma, o meio ambiente, na visão do GP, favorece o uso do crack. A baixa autoestima, a falta de apoio de família, a sensação de fracasso, as amizades podem estar associadas ao uso dessa substância, isso porque o adolescente vai buscar em outros grupos e se esses grupos estiverem envolvidos com drogas ele também se envolverá.

Outra questão importante, observada pelo grupo pesquisador está relacionada às comunidades afastadas do centro urbano. O distanciamento e a exclusão favorecem a entrada do tráfico nesses locais, isso porque não existe infraestrutura, os espaços não possuem áreas de lazer, a escola é o único ambiente de socialização, por isso, de acordo com o GP, ela pode encontrar estratégias de prevenção.

Um trabalho educativo desenvolvido de jovens para outros jovens com o apoio da família da comunidade e de diversos órgãos, pode ser usado como ferramenta de prevenção ao combate ao uso do crack. Diante desta questão, percebe-se que a solução para os problemas suscitados estão na família, na escola e na sociedade.

Sabendo que a “Educação Ambiental tem por princípio a transformação social para que se possa pensar, viver e sustentar um mundo melhor” (GALIAZZI, FREITAS, 2005, p. 7), o processo de intervenção permite elaborar estratégias para

que as comunidades reconheçam seus problemas e possam assim tentar resolvê-los, eles mesmos.

Semana passada, me encontrei com o grupo de pesquisa, fiquei muito feliz em saber que quatro alunos estavam se preparando para o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), com o objetivo de conseguir uma vaga na universidade. O encontro não foi na escola, porque a maioria trabalha e outros não puderam comparecer, porque tinham prova. Telefonei para as famílias, pedi autorização aos pais, e à noite nos encontramos no shopping da cidade. Alguns levaram amigos e esses estavam curiosos para assistir ao vídeo. Encontramos um espaço, onde todos ficaram a vontade e assistimos o primeiro e o segundo vídeo.

Eles riram falaram dos projetos de vida, dos estudos e da família. Percebi que estavam felizes, comentaram sobre o vídeo, comentaram as dificuldades em gravar as cenas várias vezes. Foi um encontro agradável, queria convidá-los para assistir a defesa do trabalho, pois essa pesquisa só se tornou possível através do grupo pesquisador.

Uma das alunas tinha ganhado bebê, por isso, fui visitá-la em casa, devido ao parto recente, perguntei a ela qual a importância em desenvolver um vídeo que alertava a outros jovens quanto aos riscos do uso do crack na adolescência, então, ela assim respondeu:

Todos nós temos objetivos a seguir, a conquistar, meu objetivo sempre foi estudar, trabalhar e jamais entrar em qualquer tipo de droga, seja, cigarro, álcool ou outras drogas que temos no mundo. Hoje, vendo esse trabalho que fizemos sobre drogas e prostituição, percebi que temos que pensar, refletir muito sobre nossas atitudes e escolhas na vida, pois podemos acabar com nosso futuro ou melhor nossa vida e de nossos familiares, porque é a nossa família que sofre porque aos poucos acabamos com a nossa vida. Sei que fiz a escolha certa em não me envolver com essas coisas.

No que diz respeito a essa questão, faço minhas as palavras de Guattari (1998, p. 33), a ecologia social engloba todas as relações humanas ampliando o domínio no conjunto da vida social, infiltrando-se no inconsciente.

Dessa forma, quando se trata da questão do crack, não se pode observá-lo como algo isolado da sociedade, o crack e suas consequências tiveram sua origem no desequilíbrio da humanidade. “A violência e a negatividade resultam

sempre de Agenciamentos de subjetivos complexos: elas não estão intrinsecamente inscritas na espécie humana” (GUATTARI, 1998, p. 43).

Ao iniciar a pesquisa, buscava compreender de que forma as mudanças ocorridas na pós-modernidade são fatores contundentes no processo de desestabilização dos sujeitos, na perda de referências e, conseqüentemente, na autodestruição.

No decorrer desse trabalho encontrei respostas aos meus questionamentos, mas também preocupação em relação a tudo que vivenciei. Todavia, o grupo pesquisador me mostrou que as mudanças existem, e que elas só serão possíveis dentro de um projeto de vida humano, responsável em todos em todos os sentidos pela manutenção da vida na terra.

Relacionando os três modelos ecosófico propostos por Guattari (1988), observo que caminhei no sentido de fazer mudanças, de alimentar possibilidades, de desenvolver capacidades. Amanhã os verei nos bancos acadêmicos, quem sabe praticando uma intervenção, quem sabe rompendo com as estruturas do mercado capitalista.

Sonho sim, com um mundo melhor para se viver, com jovens e crianças frequentando a escola, preparados para encarar a introjeção do poder repressivo introduzido pela mídia, tendo seus direitos respeitados e vivendo em plena harmonia com a natureza.

A escola, no que diz respeito ao uso de drogas, exerce papel preponderante, tendo em vista que ela pode trabalhar com projetos de intervenção mobilizando toda comunidade escolar e não escolar. Porém, o trabalho nesse sentido deve ser permeado pelo respeito à pessoa humana. Por ser um assunto, ainda muito delicado, o jovem usuário que frequenta a escola e está em fase de recuperação precisa ser tratado com atenção e não com discriminação.

Ao término dessa pesquisa, considero que a investigação aqui proposta, traz contribuições para outros pesquisadores que se interessem por essa temática e queiram dar continuidade no assunto. Assim, não pretendo finalizar, mas contribuir para que surjam novos questionamentos.

Os valores precisam ser revistos, repensados, pois é longo o caminho a ser percorrido, para que as nossas relações sociais nos direcionem a pensar o homem numa relação mais próxima com a natureza.

REFERÊNCIAS

A CIDADE vivente: subjetividade, sociedade e meio ambiente na cidade contemporânea. Belo Horizonte, 18 a 21 de abril de 1997. **Anais...** Belo Horizonte: Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituto Félix Guattari, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A política do Ministério da Saúde para Atenção integral aos usuários de álcool e outras drogas.** Brasília, 2003 Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pns_alcool_drogas.pdf >. Acesso em: 13 jul. 2011.

ALVEDE, Iracema Almeida, LEAL, Ana Claudia da Silveira, SHAN, Lou Shen P.(Org.) **Estatuto da Criança e do adolescente:** Lei n. 8. 069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

AQUECIMENTO global: os sinais da ciência. São Paulo: DCL: Artetexto Publicações: Envolverde, 2008. 1 DVD.

BAETA, Ana Maria Bianchini et al (orgs.). **Educação Ambiental:** repensando o espaço da cidadania. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes:** teoria e prática. 5.ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. Disponível em: < <http://bases.bireme.br> >. Acesso em: 20 maio 2009.

BRASIL. **Lei Nº 11. 343**, de 23 de agosto de 2006. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Legislacao/327012.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

BUCHER, Richard. **Drogas e drogadição no Brasil.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE. **Droga e toxicodependência:** o desafio de uma intervenção global. Tradução: Adérito Lourenço Louro. São Paulo: Loyola, 2006.

CUNHA, Paulo J. et al. Alterações neuropsicológicas em dependentes de cocaína/crack internados: dados preliminares. **Revista Brasileira de Psiquiatria.** v. 26, n. 2, São Paulo, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.sielo.br> >. Acesso em: 03 set. 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS)

FAVARO, Thomaz. A solução "menos pior". **Veja**. Ed. 2104, 18 mar. 2009. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/180309/p_100.shtml>. Acesso em: 18 ago. 2011.

FAGUNDES, Giane. Menores mais distantes das estatísticas. **Diário Popular**. Rio Grande, 09 de julho de 2011.

FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA. Disponível em: <<http://www2.forumseguranca.org.br>>. Acesso em: 14 ago. 2010.

FREITAS, Luiz Alerto Pinheiro. **Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão de limites**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação**. Explicitação das Normas da ABNT. 14.ed. Porto Alegre: [s.n.], 2005.

GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente. **Metodologias Emergentes de pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Unijuí, 2005.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Traduzido por Maria Cristina Bittencourt. 7.ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

GUATTARI, Félix. **El devenir de la subjetividad**. Tradución del francés: Cristóbal Santa Cruz. Caracas. Santiago de Chile: Dolmen Ediciones, 1998.

GUIMARÃES, Cristian Fabiano et al. Perfil do usuário de *crack* e fatores relacionados à criminalidade em unidade de internação para desintoxicação no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre (RS). **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, v. 30, n. 2, maio/agosto 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v30n2/v30n2a05.pdf> >. Acesso em: 03 set. 2009.

JUNGMANN, Mariana, SOALHEIRO, Marco Antonio. Dependentes de crack enfrentam indefinição de tratamento e problemas no sistema de saúde. **Ecodebate**. 16 de março de 2009. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br>>. Acesso em: 14 ago. 2010.

KESSLER, Felix, PECHANISKY, Flavio. **Uma visão psiquiátrica sobre o fenômeno do crack na atualidade**. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. 30, n. 2, maio/agosto 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v30n2/v30n2a03.pdf> >. Acesso em: 03 set. 2009.

LEITE, Marcos da Costa, ANDRADE, Arthur Guerra de. **Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44461999000100016&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 maio 2009.

LOUREIRO, Frederco Bernardo; LAYRARGUES, Pilippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de (orgs.). **Educação Ambiental**: repensando o espaço da cidadania. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, MCS. **O Desafio do Conhecimento/Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 9. ed. revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra Pátria**. 5.ed. Traduzido por Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOURA, Isabel Cristina; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel. **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

PERSPECTIVAS da Educação Ambiental na região Ibero-americana: conferências. CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 5. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Projeto Roda Viva, 2007.

POLL, Anete. Agora Bairros: Cidade de Águeda, um bairro que luta e supera dificuldades. **Jornal Agora**. Rio Grande, 09 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=15725>>. Acesso em: 08 ago. 2011.

PULCHERIO, Gilda; BICCA, Carla; SILVA, Fernando Amarante. **Álcool outras drogas informação**: o que cada profissional precisa saber. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

RIVIÈRE, Enrique Pichon. **O processo grupal**. 2.ed. Tradução Marco Aurélio Fernandez Velloso: revisão Mônica S. M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1986. ROBAINA, José Vicente Lima. **Drogas**: o papel do educador na prevenção ao uso. Porto Alegre: Medição, 2010.

SANCHEZ, Zila van der Meer, NAPPO, Solange Aparecida. Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, São Paulo, ago. 2002. Disponível em: < <http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v36n4/11760.pdf> >. Acesso em: 03 set. 2009.

SANTOS, Iraci; GAUTHIER, Jaques, (orgs.). **Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais**: abordagem sociopoética. São Paulo: Atheneu, 2005.

SILVA, Fernando Amarante; SILVA, Eli Sinnott; MEDINA, Joaquim. **Uso de drogas**: teorias métodos para multiplicador prevencionista. Rio Grande: CEMPRES, 2005.

SILVA, Rodrigo Sinnott. **Projeto de pronto atendimento ao usuário de crack e seus familiares**. Disponível em: < <http://www.cenpre.furg.br/crack0.htm> >. Acesso em: 10 jul. 2009.

SUDBRACK, Maria Fátima Olivier. **Desconstruindo estereótipos e reconhecendo demandas.** Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/mundojovem/conteudo/index.php?id_conteudo=11235&rastr=Drogas%2C+viol%C3%A2ncia+e+juventude>. Acesso em: 03 mar. 2011.

TAGLIEBER, José Erno; GUERRA, Antonio Fernando Silveira. **Pesquisa em Educação Ambiental:** pensamentos e reflexões de pesquisadores em Educação Ambiental. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2004.

ZAMPIER, Débora. **STF não inclui discussão sobre liberação de drogas no julgamento da Marcha.** Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/.../politica/...politica.../stf-n>. Acesso em: 15 jun. 2011.

APÊNDICES

MAKING-OF

FOTOS DO VÍDEO “SONHOS DEFEITOS, ADOLESCÊNCIA INTERROMPIDA”



AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu, _____, abaixo assinado, concedo para livre utilização, direitos sobre a minha imagem e som da minha voz à (Universidade Federal do Rio Grande - FURG), para a gravação de vídeo, autorizando conseqüentemente e universalmente, sua utilização em toda e qualquer veiculação, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e qualquer processo ou meio de comunicação.

Assinatura

Assinatura
Responsável

Data: ____/____/____

Nome completo: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

CI ou CPF: _____

CI ou CPF (Responsável): _____

QUESTÕES DIRECIONADAS AOS EDUCADORES QUE APRESENTARAM O VÍDEO “SONHOS DEFEITOS, ADOLESCÊNCIA INTERROMPIDA”, NAS ESCOLAS

Vídeo produzido pelos alunos da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

Vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”

Questões sobre o vídeo:

- 1) Quantas pessoas assistiram ao vídeo?
- 2) Qual o público alvo?
- 3) Quantas vezes foram passadas a cenas do vídeo?
- 4) Qual a avaliação foi feita desse filme?
- 5) Qual o efeito?

RESPOSTAS

1)

2)

3)

4)

5)

ANEXOS

TEXTO READAPTADO PARA O VÍDEO

Versão final do texto “sonhos desfeitos, adolescência interrompida”

Autor(es): Alunos da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

Personagens

Júlia de Souza Amorim (mãe) → 39 anos - Juliane

Fernando Amorim (pai) → 40 anos - Francisco

Renato de Souza Amorim (filho) → 22 anos - Natanael

Gabriely (profissional do sexo – amiga) → 19 anos - Crislaine

Mariana de Souza Amorim (filha) → 16 anos – Dienifer

1ª Cena – Casa da Família Amorim

A mãe lava a louça na pia da cozinha, enquanto o pai toma café e aproxima-se do filho que está concentrado em seus estudos, na mesa da cozinha.

Pai – Renato, tô vendo um celular novo pra ti dar de presente de formatura.

A Mãe que parecia perdida em pensamentos, num movimento repentino, vira-se para trás e interfere na conversa.

Mãe - Que tais loco Fernando, na basta o que a gente tá gastando com a formatura do teu filhinho quéis fazer eu gastar mais ainda?

Filho – Não, não precisa pai, tá bom assim ...

Mariana provoca o irmão que está concentrado em seus estudos.

Filho – Não estás vendo que eu estou estudando?

Mariana – Pode estudar, to te atrapalhado?

Mariana – Qué pão?

Filho – Não! Muito obrigado.

O telefone toca.

Mariana – Oi!

Gabriely – Tais pronta?

Mariana – Tá, tô te esperando!

Desliga o telefone.

Batem à porta, Gabriely chega.

Júlia – Tavas sumida, por onde andavas?

Gabriely – Tava...

Mariana chega e leva Gabriely até o quarto.

Júlia Fernando e Renato continuam na cozinha.

Fernando – Essa amiga da Mariana não tem jeito.

Renato – Esses dias ouvi uma conversa por aí pai, mas deixa pra lá.

Fernando – O que meu filho, que conversa? Tenho certeza que é fofoca, essa gente é invejosa, fala demais.

Renato – É... pode ser pai, não sei.

Mariana e Gabriely saem do quarto para dar uma volta.

Mariana – Tô saindo...

Mariana bate à porta e sai com Gabriely sem dizer, aonde vai.

Júlia – Quê Fernando tens que dar um jeito nessa guria, ela faz o que quer, não estuda, não trabalha.

Fernando – Tá...ta...ta...

Júlia – Ah! Não...

Fernando – Tchau... tô indo pro trabalho...

2ª Cena – O encontro de Gabriely com o traficante

Gabriely bate no vidro do carro, ele a manda entrar.

Traficante – Entra aí!

Gabriely – Posso trazer uma amiga minha aqui?

Traficante – Não é encrenca né Gaby?

Gabriely – Não, não é!

Traficante – Quando ela vem?

Gabriely – Hoje mesmo.

Traficante – Beleza!

Gabriely – Separa uma ai pra mim...

Ele entrega a droga.

3ª Cena – Gabriely chega a casa de Mariana e bate na porta.

Gabriely – Mariaanna...

Mariana – Tô indo...

Mariana abre a porta.

Mariana – Vai entrando, vai limpando as patinhas...

Gabriely – Trouxe uma “coisinha” pra nós, vamos pra um lugar que eu conheço, lá ninguém vai nos encher o saco!

Mariana – Pra onde???

Gabriely – Há! Uma casa abandonada perto daqui.

Mariana – Pra que? Os coroa não tão ai.

Gabriely – Ah! Então tá!

Gabriely senta-se a mesa e pede a Mariana que desmonte a caneta

Mariana – Quê que é isso?

Mariana – Pra quê?

Gabriely – A gente vai precisar dela...

Mariana – Que tu vai fazê com ela?

Gabriely – Agora eu te mostro...

A cocaína é esparramada sobre a mesa e dividida em três partes.

Mariana – Que... que é isso?

Gabriely – Isso aqui é a nossa coisinha...

Mariana indaga.

Mariana – Tu não acha muito isso ai?

Gabriely – Isso aqui? Vai rápido... até demais...

Mariana – Mas, tu acostumada com isso ai, eu não to...

Gabriely – Não, não faz mal...

Gabriely usa a droga primeiro, depois passa para Mariana.

Gabriely – Tá! Agora é a tua vez...

Mariana – Mas não vô toda...

Mariana cheira um pouco e para.

Gabriely – Ah! Para, que só isso?

Marina – Vai tomá banho meu!

4ª Cena - Mariana e Gabriely conversam, no sofá da sala, depois de usarem a droga.

Marina – Ah, não tô me sentindo muito bem!

Gabriely – Isso é normal! Passa.

Marina – Ah! Quero vê quando.

Gabriely – Passa sim!

Marina coloca as mãos sobre a cabeça.

Marina – Parece que vai estorá sabe!

Mariana – Parece que tem uma coisa trancada aqui dentro.... assim ó...

Gabriely – Normal... normal!

Marina – Parece que eu posso aperta até o meu nariz

Marina – Tá mas e daí conta como é que foi teu lance lá?

Gabriely – Quê lance?

Mariana – Os lance com os cara.

Gabriely – Ah! Foi muito bom, muito bom. O melhor que eu já peguei até agora, me virou do avesso, não tem noção.

Marina – Porque que tipo de homem que tu pega?

Gabriely – Ah, é que esse assim... ele me tratou como mulher mesmo... Assim... aqueles velho mesmo, vê uma guriuzinha nova ah... um filé, velho vê um mulhé e tipo vô vá...

Marina rindo.

Mariana – Os velho babão... imagina é mole...

Gabriely – Fazê o que né, é assim.. tem que usa.

Mariana – Tá hi gurizinho novo é difícil?

Gabriely – Muito difícil, mais é os velho mesmo com o dinheiro que as mulhé não querem né, então, eles vão lá e pagam...

Mariana – Tá e é o mesmo preço pra tudo!

Gabriely – Não, os velho tá bem mais caro!

Mariana – Tipo o quê? Só no arroz e feijão?

Mariana – É aquela coisa mais barata...

Gabriely – É...

Mariana – Ó sinceramente eu não sei como tu guenta, como é que tu consegue transá com gente que tu nunca viu, sei lá tu vai te um tesão... um prazer com isso...

Gabriely – Tá vendo, então, porque que eu uso!

5ª Cena – Encontro da Mariana com o traficante

Gabriely – Oi! Essa aqui é minha amiga que te fale.

Traficante – Essa daí que queria uma “coisinha” mais forte.

Marina – Sou eu mesmo!

6ª Cena - Imagens da prostituição

Cliente – E ai chega ai, tens um tempinho prum programa agora?

Gabriely – Depende querido: eu cobro caro! Tens como pagar?

7ª Cena - Júlia, Fernando e Renato chegam em casa

Júlia – Que Fernando não , assim não dá... Essa formatura do tu teu filho tá saindo muito cara! Olha o meu vestido, olha o terno de vocês...

Fernando – Ele mereceu, ele estudou...

Júlia – Não, não to falando que ele não mereceu, ele é um rapaz estudioso, mais o teu sapato, mais o sapato dela, mais terno... tudo bem! Tudo bem, mas tá saindo muito caro, assim não dá!

8ª Cena - Renato e Marina conversam no quarto.

Renato fica ao lado da cama acariciando a irmã, os dois conversam.

Renato – O que tá havendo mana?

Mariana – Nada! Acho que eu comi alguma coisa estragada, acho que me fez mal...

Renato – Aposto que isso é coisa da Gabrely?

Mariana – Quê!

Renato – Nada mana, deixa pra lá, deixa pra lá... tá escuta pode confiar em mim, pode falar... Não tem problema, que que tá havendo ainal?

Mariana – Não tá acontecendo nada! Eu só quero que tu continue assim, tu é o meu orgulho, toda a tua vida eu queria pra mim. Só que a minha vida é uma merda, eu não gosto da minha vida

Renato sai do quarto e deixa Mariana descansar.

Júlia e Fernando ainda discutem quando Renato entra na sala.

Júlia pergunta.

Júlia – O que é que vocês conversaram Renato?

Renato – Nada! É coisa de irmão.

Julia – Não! Mas vocês nunca se suportaram!

Fernando – Desde quando vocês conversam tanto?

Renato – É bom conversar às vezes, sabia?

Júlia – É Fernando eu acho que é bom eu lá ver a Mariana.

9ª Cena – O desaparecimento da Jaqueta do Renato

Renato – Mãe tu viu a minha jaqueta? Eu não posso chegar atrasado, faz uma semana que tô trabalhando.

Júlia – Filho, eu coloque ontem à noite no teu tá no guarda-roupa.

Renato – Não tá mãe, eu já revirei toda casa.

Júlia – Eu tenho certeza Renato, eu coloque lá ontem à noite.

Júlia – Mariana tu viu a jaqueta do teu irmão?

Júlia _ Fernando, nossa filha nunca foi assim...

Renato – Eu já disse que tudo é culpa daquela Gabriely.

Fernando – Cala a boca Renato, tu não sabe nada da vida!

Renato – á e o senhor acha que essa amizade da Gabriely tá fazendo bem para a mana? Olha o estado dela!

Fernando – Isso são fases da adolescência,vai passá!

10ª O encontro da Mariana com Gabriely na casa abandonada.

Gabriely - Pomba! Demorasse... Passasse lá em casa e pegasse? Aonde tu tava?

Mariana - A mãe me implicando sempre né! Mas eu trouxe...

11º Cena – O desaparecimento de Mariana

Júlia – E ai Fernando que que tá acontecendo com a nossa filha, ela saiu ontem pela manhã, olha a hora, duas horas da manhã.

Fernando – Não sei a filha é tua!

Mariana chega em casa.

Júlia – E ai Mariana, onde tu andava? Eu posso saber, são duas horas da manhã?

Marina – Não te interessa... Não te mete na minha vida que eu não me meto na tua.

Júlia – E ai Fernando?

Fernando levanta de ímpeto para bater em Marina e Júlia impede.

Fernando – Cala a tua boca!

Júlia – Não! Fernando..

Mariana – Bate! Bate!

12ª Cena Gabriely procura por Mariana na casa abandonada

Gabriely

– Mariana.... Mariana...

13ª Cena - Nova discussão na casa da família Amorim

Júlia e Fernando estão aflitos com a ausência da filha.

Júlia – Meus Deus Fernando o que tá que acontecendo com a nossa filha?

Fernando – Quem tem que cuidar da nossa filha é você.

Renato – Vocês só sabem discutir nessa casa..

Júlia – Há! Agora a culpa da tua irmã sumi uma semana é nossa?

Renato – A Mariana não se alimenta, passa maior parte do tempo na rua e vocês não sabem o que tá acontecendo com a ela.

Fernando – A Mariana não quer saber de mais nada com nada...

Renato – Pai, quantas oisas sumiram aui em casa, agora entei no quarto a Marina parece que tá escondendo alguma coisa, na hora não dei muita importância, mas depois fui ligando os fatos, cheguei a uma conclusão:a Marina tá usando drogas!

Júlia – Há! meu Deus como isso foi acontecer?

Fernando – Viu tu só qué fica na frente da TV não qué cuida da nossa filha.

Júlia – A responsabilidade toda é minha!

Renato – Vocês só sabem discuti, vamo procurar por ela ela precisa da nossa ajuda.

Júlia – Liga pra ela Renato... liga...

Renato – Ela não tem mais celular, ee liguei pra ela esses dias e um cara atendeu dizendo que Mariana tinha vendido o telefone pra ele.

Fernando – Então, liga para aquela tal de Gabriely amiga dela. Onde foi parar o meu celular?

Júlia – Ó meu Deus...

Renato liga para Gabriely

Renato – Gabriely, eu to procurando a mana sabe onde ela tá? Tá bom vou fica aguardando.

14ª Cena Gabriely encontra Marina desacordada e comunica a família.

Gabriely – Marina, acorda Mariana.... acorda..

A mãe chega desesperada

Júlia – Mariaaanaa... acorda minha filha, acorda... Minha filha... vamo... por favor... vamo minha filha... vamo... Acorda por favor..

A mãe chora a perda da filha.... FIM

ROTEIRO ADAPTADO PARA O TEATRO

Autor(es): Alunos da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

Personagens

Júlia de Souza Amorim (mãe) → 39 anos - Juliane

Fernando Amorim (pai) → 40 anos - Francisco

Renato de Souza Amorim (filho) → 22 anos - Natanael

Gabriely (profissional do sexo – amiga) → 19 anos - Crislaine

Mariana de Souza Amorim (filha) → 17 anos – Dienifer

Sonhos desfeitos, adolescência interrompida.

1ª Cena – Casa da Família Amorim

A mãe lava a louça na pia da cozinha, enquanto o pai descasca uma laranja e aproxima-se do filho que está concentrado em seus estudos, na mesa da cozinha.

Pai – Filho, tô vendo um celular pra ti dar de presente de formatura.

A Mãe que parecia perdida em pensamentos, num movimento repentino, vira-se para trás e interfere na conversa.

Mãe - Não vais dar nada... vais tirar da comida para fazer a vontade do teu filhinho?

Filho – Não, não precisa pai, tá bom assim ...

O telefone toca.

Mariana – Oi!

Gabriely – Tais pronta?

Mariana – Tô quase, espera só um pouquinho.

Desliga o telefone.

Batem à porta, Gabriely chega.

Júlia – Tavas sumida, por onde andavas?

Gabriely – Tava...

Mariana chega e leva Gabriely até o quarto, as duas conversam.

Fernando – Essa amiga da Mariana tem dinheiro.

Renato – Não sei não pai, esses dias ouvi uma conversa por aí, mas deixa pra lá.

Fernando – Que conversa filho? Tenho certeza que é fofoca, essa gente é invejosa, fala demais.

Renato – É... pode ser pai, não sei.

Mariana e Gabriely saem do quarto para dar uma volta.

Mariana – Tô saindo...

Mariana bate à porta e sai com Gabriely sem dizer, aonde vai.

Júlia – Fernando tens que dar um jeito nessa guria, ela não trabalha, abandonou os estudos, agora só quer saber de andar para cima e pra baixo.

Fernando – Ah tá! Vou dar um jeito.

2ª Cena – Praça

Mariana – Gaby, tô a fim de um carinha, mas não tenho coragem de chegar nele. O que eu faço?

Gabriely – Vem cá, quero te mostrar uma “coisinha” que vai te fazer criar coragem para chegar nesse carinha.

Mariana – O quê???

Gabriely – Tem essa, a maconha que vai te deixar com a sensação de sossego.

Mariana – Isso não prejudica em nada?

Gabriely – No máximo vais ter fome, mas se tu quiseres tenho outra que vai te deixar com mais coragem, a cocaína, vais ficar mais feliz, sem timidez, é isso que eu costumo usar para “encarar” a vida, não é fácil ser profissional do sexo.

Mariana – Mas pelo menos tens liberdade, não precisa dar satisfação da tua vida a ninguém. Além disso, tens carro, dinheiro, roupas bonitas enquanto eu

Gabriely – Essa vida não é fácil Mariana, tenho que suportar as mais terríveis humilhações. Às vezes, o cliente não paga e se reclamo, ainda apanho.

Mariana Lá em casa tá difícil, não aguento mais as “cobranças”, o pai e a mãe sempre brigando, eles querem que eu trabalhe para ajudar em casa ou volte a estudar, sabe como é eu não tenho mais paciência pra aturar a escola.

Gabriely – Eu desisti de estudar a muito tempo, tinha que trabalhar pra sustentar a casa, uma mãe doente e um irmão pequeno que dependiam de mim, o salário naquele escritório era pouco, mal dava pra chegar até o final do mês, mas o patrão oferecia cinco vezes mais do que eu ganhava por um trabalho extra. Assim, decidi ganhar a vida desse jeito, compro o que quero e não me falta dinheiro.

Mariana – Não te entendo se tens tudo o que queres, o que te leva a usar drogas?

Gabriely – Às vezes tento esquecer a vida que levo e utilizo as drogas pra não pensar, sou uma pessoa muito só, és a única amiga que tenho . Bem! Deixa isso pra lá, tô indo, se decidires me liga.

Mariana – Tá bem, daqui a pouco te ligo.

3ª Cena –

Mariana volta para casa e começa a refletir sobre as palavras da amiga e logo em seguida

faz uma ligação para Gabriely..

Mariana – Gaby, ainda tens àquilo que me ofereceste? Quero experimentar.

Gabriely – Beleza! Tá “mão”. Vou te buscar.

Mariana – Tô esperando...

Júlia, Renato e Fernando estão de saída para o centro da cidade.

Fernando – Rápido Júlia, nós vamos perder o ônibus. Mariana tu vais com a gente?

Mariana – Não tô a fim, vou sair.

Júlia – Aonde vais minha filha?

Mariana – Vou dar uma volta com Gabriely.

Júlia – De novo com essa guria.

Fernando – Tá Júlia vamos, já estamos atrasados.

Mariana - Tá mãe, vai... vai embora de uma vez

Renato – Mariana respeita a mãe.

Fernando sai furioso e bate a porta.

Fernando – Tô indo se vocês quiserem ficar...

4ª Cena

Gabriely chega a casa de Mariana e bate na porta.

Gabriely – Mariaanna...

Mariana – Já tô saindo Gaby...

Gabriely – Vamos, trouxe uma “coisinha” pra nós, vamos pra um lugar que eu conheço, lá ninguém vai nos importunar.

Mariana – Onde???

Gabriely - Uma casa antiga é perto daqui.

Ao chegarem à casa abandonada Gabriely oferece cocaína a amiga. O pó é colocado em dois filetes sobre uma tábua e as duas fazem uso da substância.

Gabriely – Então qual é a sensação?

Mariana – Não sei, mas acho que não estou me sentindo bem...

Gabriely – É assim mesmo, é a primeira vez, depois tu acostuma. Vou te levar para casa.

5ª Cena

Júlia, Fernando e Renato chegam em casa e encontram Gabriely saindo. Renato vê que a irmã não está passando bem e chama os pais.

Renato – Mãe, pai, a Mariana não está bem.

Júlia – Fernando vamos lá ver o que aconteceu...

Fernando conversa com a filha

Fernando – O que aconteceu minha filha?

Marina – Nada pai, comi alguma coisa que não me fez bem.

Renato – É culpa da Gabriely.

Fernando – Não fale assim da amiga da tua irmã.

Renato – A Gabriely só está estragando a vida da mana.

Júlia e Fernando começam a discutir e Renato interfere.

Renato – Vão discutir em outro lugar, deixa que eu vou cuidar da mana.

6ª Cena - Renato e Marina conversam no quarto.

Renato fica ao lado da cama acariciando a irmã, os dois conversam.

Renato – O que está acontecendo mana? Pode confiar em mim.

Mariana – Eu só quero que tu continues assim, sendo o orgulho da família, tudo o que tu és hoje eu sempre sonhei em ser, mas não tenho jeito, não gosto da minha vida.

Renato – Mas, por que isso agora?

Mariana - Porque eu te amo, quero o teu bem, tenho muito orgulho de ti.

Renato – Mana descansa.

Renato sai do quarto e deixa Mariana descansar.

Júlia e Fernando ainda discutem quando Renato entra na cozinha.

Júlia pergunta.

Júlia – O que tu tanto conversa com a tua irmã?

Renato – Nada! É coisa de irmão.

Fernando – Desde quando vocês conversam tanto?

Renato – Às vezes é bom.

Júlia – Vou ver tua irmã?

Renato – Mãe, deixa ela um pouco sozinha, Mariana precisa descansar.

6ª Cena- Mariana vai tomar banho.

Júlia vai ao quarto da filha para saber como ela está.

Júlia – O que táis fazendo minha filha?

Mariana – Tô tomando banho.

Júlia – Mas banho gelado???

Mariana – Tá mãe deu me deixa.

Mariana sai do banho e liga para Gabriely.

Mariana – Gostei daquilo que tu me deu, preciso de algo mais forte.

Gabriely – Assim que eu gosto, vou falar com um amigo meu e te ligo depois.

Gabriely vai falar com o amigo do tráfico.

Gabriely – Posso trazer uma amiga aqui?

(Traficante) – Tá ! Não é encrenca, né Gaby?

Gabriely – Não, ela recém tá conhecendo nosso mundo, separa duas ai pra mim.

(Traficante) – Quando ela vem?

Gabriely – Daqui a meia-hora.

(Traficante) - Beleza!

Gabriely liga para Mariana.

Gabriely – Tô indo te buscar.

Mariana – Tô saindo, mas não demora se não a mãe vai ficar “lavando”.

7ª Cena- Gabriely leva Mariana para conhecer seu amigo.

Gabriely – Aqui tá ela.

(Traficante) – É essa que quer uma “coisinha” mais forte.

Marina – Sou eu mesmo!

Gabriely e Mariana pegam a pedra de crack e vão para uma casa abandonada.

Gabriely ensina Mariana como usar a droga e vai embora deixando-a sozinha.

Mariana fuma a primeira pedra e quando passa o efeito sente necessidade de fazer uso da outra. Sem conseguir levantar-se adormece dentro da casa abandonada.

8ª Cena - Casa da Mariana

Júlia e Fernando estão aflitos com a ausência da filha.

Júlia – Fernando o que será que aconteceu com a nossa filha?

Fernando – Eu que sei, tu tinhas que saber da tua filha.

Passam a noite em claro e Mariana não chega.

Ao amanhecer aparece em casa suja e descabelada.

Júlia – O que aconteceu minha Mariana?

Mariana – Nada mãe, não enche, eu vou pro meu quarto.

9º Cena - Começa uma nova discussão na casa da família Amorim

Júlia – Fernando a nossa filha nunca foi assim...

Renato – Eu já disse que tudo é culpa daquela Gabriely.

Fernando – Cala a boca Renato, tu não sabe nada da vida.

Renato – Tá e o senhor acha que essa amizade da Gabriely tá fazendo bem pra mana? Olha o estado dela.

Fernando – Isso são fases da adolescência, vai passar.

10ª Cena – O segundo encontro com o fornecedor

Mariana sai de casa, vai até o traficante, pega uma grande quantidade de drogas deixando o celular como garantia e segue para a casa abandonada.

A família preocupada com o desaparecimento da filha liga para todos os conhecidos, mas nem mesmo Gabriely sabe onde Mariana está.

Em seguida (traficante) liga para Gabriely com o telefone de Mariana porque quer o seu dinheiro.

Gabriely vai até o (traficante) para saber o que ele quer falar com ela.

Ao chegar no local Gabriely percebe que o traficante está furioso porque Mariana pegou uma grande quantidade de drogas e ficou devendo mil reais e já se passou uma semana e ela não voltou.

Gabriely paga, mas diz que é a última vez, pois não vai continuar pagando as dívidas com drogas da amiga. Depois, vai até a casa abandonada encontra Mariana e a leva para casa.

11ª Cena – Gabriely deixa Mariana na porta de casa e afasta-se para não ouvir as discussões.

Fernando – Mariana, onde estavas? Estamos te procurando faz uma semana, tentamos falar com a Gabriely, mas nem mesmo ela sabia onde estavas.

Mariana – Me deixa pai, vou para o meu quarto.

Fernando e Júlia seguem Mariana até o quarto.

Fernando – O que você tem, onde andavas? Tu não tens idade para passar a noite na rua.

Júlia – A culpa é tua, eu já disse pra tu dar um jeito nessa guria, ela não faz nada, só incomoda, enquanto o irmão dela estuda e arrumou até um trabalho pra ajudar em casa.

Mariana – Me deixem em paz, eu odeio vocês, saiammm daquiiii.....

Fernando e Júlia deixam o quarto de Mariana culpando um ao outro pelo comportamento da filha.

12ª Cena

Renato – Mãe tu viu a minha jaqueta? Eu não posso chegar atrasado, faz uma semana que tô trabalhando.

Júlia – Filho, tá no guarda-roupa, eu coloquei aí ontem à noite.

Renato – Não tá mãe, eu já revirei todo guarda-roupa.

Júlia – Mas eu coloquei aí, eu tenho certeza.

Fernando – Estranho, eu também não achei a minha furadeira, achei que tinha deixado no serviço, mas ontem procurei e não encontrei.

Júlia – Mariana tu viu a jaqueta do teu irmão?

Renato – Mãe, a Mariana não tá no quarto, acho que ela saiu cedo.

Júlia – Mas aonde foi essa guria a essa hora da manhã.

Renato – Não sei mãe, tenho que ir trabalhar, vou com o meu blusão.

Fernando - Mas o que está acontecendo nesta casa? As coisas não desaparecem assim, tem que haver alguma explicação pra isso.

Júlia – Tú sabe que eu não confio nessa amiga da Mariana, vem aqui ostentando luxo, mas não sei o que ela faz na vida pra conseguir dinheiro.

Fernando – A Mariana disse que a família dela tem posses, mas eu tenho cá minhas dúvidas.

Júlia – Quando a Mariana chegar, eu vou falá pra ela não trazer mais essa guria aqui em casa.

13ª Cena – Mariana se encontra com o traficante

Traficante - E aí guria, que é que tu qué? Já vô avisano eu não vô vende fiado, a tua amiga diz que não pagá mais as tuas divida.

Mariana – Eu não quero fiado, eu tenho essa jaqueta novinha e essa furadeira, vale muito, me dá umas pedra, a gente faz uma troca.

Traficante – Vô lá hem, eu não quero encrenca com a polícia. Onde tu conseguiu isso?

Mariana – Tá limpo, eu peguei lá em casa, mas por favor me dá as pedra de uma vez.

Traficante – Jaqueta novinha, essa furadeira eu já tenho comprador pra ela. Vai toma aí, mas já sabe, sem dinheiro não.

Mariana leva as pedras de crack até a casa abandonada e faz uso de todas que conseguiu e perde a noção do tempo, seu estado é crítico, não consegue levantar-se, não sabe quantos dias está naquele lugar, sente-se fraca e debilitada.

14ª Cena

A família Amorim está desesperada com o sumiço de Mariana.

Renato – Vocês só sabem discutir, mas não conseguem perceber o que está se passando nesta casa.

Júlia – Não estou te entendendo filho, a tua irmã some faiz dois dias e a culpa é nossa.

Renato – A Mariana tá magra, não se alimenta, passa maior parte do tempo na rua e vocês não percebem o que tá acontecendo com a ela.

Fernando – A tua irmã não quer saber de nada com nada...

Renato – Pai, tu não percebe, nunca sumiu nada aqui em casa, outro dia eu entrei no quarto da mana e ela parecia estar escondendo alguma coisa, na hora pensei ser algo sem importância, mas depois comecei a ligar os fatos quando ela começou a chegar em casa naquele estado, passando mal, parecia estar embriagada, mas não cheirava a álcool, a Mariana está usando drogas.

Júlia – Não é possível, meu Deus como isso foi acontecer?

Fernando – Tu devias cuidar melhor da tua filha, em vez de ficar na frente da televisão.

Júlia – Eu te falei, mais tu só te importa com a tua vida nem olha pra tua filha, pra ti só o Renato é teu filho

Renato – Deixem de discussão, vamos procurar por ela, deve estar precisando de ajuda.

Júlia – Telefona pra ela filho...

Renato – Mãe, ela não tem mais celular, esses dias liguei e um cara atendeu dizendo que Mariana tinha vendido o telefone pra ele.

Fernando – Então, liga para aquela amiga dela, a Gabriely. Onde foi parar o meu celular?

Renato – Deixa pai, eu vou num orelhão, tenho um cartão.

Júlia chora desesperada preocupada com a filha, enquanto Renato vai a um telefone público fazer uma ligação.

Renato – Alô! Quem fala?

Gabriely – A doce Gabriely, fala querido...

Renato – É Renato Gabriely, nós estamos muito preocupados, a mana sumiu faz três dias, por acaso ela tá na sua casa?

Gabriely- Renato, desculpa pensei que fosse outra pessoa, mas a Mariana não tá aqui em casa.

Renato – Gabriely, tu tens idéia de onde ela tá, a mãe só chora e nós estamos muito preocupados.

Gabriely – Calma! Renato, eu sei de um lugar onde ela pode tá, vou trazer ela de volta.

Gabriely se desloca de carro até a casa abandonada e encontra a amiga sem forças. Desesperada vai até a casa dos pais de Mariana e avisa que a encontrou, mas seu estado não é nada bom. Então, todos vão para a casa abandonada e encontram Mariana no chão, descabelada, pálida, quase sem respirar.

Júlia pega a filha e a coloca em seu colo, ela murmura algumas palavras e morre nos braços da mãe que chora muito.

Mariana – Perdão mãe, pai e mano. Eu amo vocês.

Após uma semana do falecimento da filha, chega a tão esperada formatura de Renato. Porém, com o pouco tempo do óbito da filha, eles não iriam à formatura. Mas Renato lembrou-se das palavras da irmã.

Renato – Pai e mãe, vocês se lembram daquela conversa que eu tive com a mana? Ela me falou que continuasse a ser o orgulho da família porque eu era tudo que ela sempre sonhou. Então, dedico essa formatura a minha irmã querida e juro que através de minha formação como educador vou desenvolver projetos de intervenção que evitem uso dessas substâncias por jovens e crianças.

Fim

Queridos alunos, ao fim dessa proposta educativa envio o texto para que seja lido, estudado e discutido. Fiz algumas alterações, pois percebi a falta de coerência em alguns diálogos, mas isso não tira a autenticidade dos autores **(vocês)**.

Sei que alguns desses diálogos serão improvisados, pois considero impossível que vocês consigam decorar o texto na íntegra, mas acredito que já tenham incorporado o personagem, a final, debatemos sobre o texto por um longo período de tempo.

Tenho orgulho de vocês, partilhamos de conhecimentos construídos na sala de aula e daqui a mais ou menos duas semanas vocês irão produzir um vídeo que já foi requisitado para ser apresentado em uma escola particular de Rio Grande, mesmo antes de ser concluído.

O trabalho realizado por vocês é de fundamental importância e pode contribuir, consideravelmente, para orientação de jovens e crianças nas escolas. Espero com isso que se sintam orgulhosos da capacidade que têm para realizar mudanças e através de pequenos gestos tornarem esse mundo um lugar melhor para se viver.

Um beijo no coração.

Professora Stela

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS AUTORES DO VÍDEO “SONHOS DESFEITOS, ADOLESCÊNCIA INTERROMPIDA”.

Estas entrevistas foram gravadas por essa pesquisadora na Biblioteca da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil. O espaço foi escolhido pelos alunos. A gravação foi anterior a apresentação do vídeo. Os questionamentos abordados estavam relacionados à questão da droga nos bairros e aos estigmas criados em torno desses.

- Eu moro no Bairro Castelo Branco. É um bairro, não é uma periferia, mas quando sai alguma notícia no jornal, ou assim, prenderam mais um, prenderam mais um na periferia Ali, para o jornal é periferia. Boca de fumo todo lugar tem, não é só na Castelo Branco. Eles põem muito a Castelo como a periferia, o lugar do marginal. Agora, não põe que tem um projeto, tem uma festinha para crianças carentes, para arrecadar fundos, sempre tem uma coisinha dessas e eles não põem. Porque o preconceito contra a Castelo? Tem tanta gente honesta na Castelo, como em qualquer lugar, não tem só vagabundo como vocês põem. Muitas pessoas acham que todo drogado é vagabundo, nem todo drogado é vagabundo. Claro! Muitos não têm como sustentar o vício e acabam roubando para manter. Agora! Tem gente que trabalha, tem o vício, mas sustenta, e nem todo mundo está nesta vida porque quer. Porque não tem uma mão para ajudar a tirar, porque muita gente só sabe dizer assim... Na hora de te oferecer eles te oferecem, sustentam teu vício até um tempo, agora, quando tu está precisando da droga eles te dizem: te vira. O que tu vai fazer? Tu vais sair atrás de alguma coisa para usar a droga. Agora, o momento que não tem... para dizer assim: queres uma força? Vamos lá eu te ajudo, tu vais sair dessa. Não! Esse ai não tem jeito. Todo mundo tem jeito.

- Ali, têm muitos viciados, mas a gente fica triste por ver eles daquela maneira. Estão vendo que estão perdendo a juventude, estão se matando de uma certa forma, estão indo a caminho da morte e não se ligam. Por causa de certas influências.

- Acham que só porque é uma vila pobre todos são usuários de drogas, no final vão entrar as drogas, mas não, a gente é um exemplo disso.

- Conversar com os pais a respeito de tudo é muito importante, ter sempre um diálogo com os pais, conversar com eles. A escola também é base de tudo, tu estudas, te forma para ter um futuro melhor, isto é o que eu quero para mim.

AUTORIZAÇÃO PARA O USO DAS IMAGENS E DEPOIMENTO**AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTO**

Eu, ISMAR VERGILIO BRIESE FLORES, abaixo assinado, responsável pelo menor CRISLAINE DE OLIVEIRA FLORES, concedo para livre utilização, direitos sobre a sua imagem e som da sua voz à (Universidade Federal do Rio Grande - FURG), para a gravação de vídeo, autorizando consequentemente e universalmente, sua utilização em toda e qualquer veiculação, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e qualquer processo ou meio de comunicação.

Crislaine de O. Flores

Assinatura do menor

[Assinatura]

Assinatura
Responsável

Data: 10/10/2009

Nome completo: CRISLAINE DE OLIVEIRA FLORES

Endereço: RUA 9 Nº 2028 - DAIRO CIDADE DE AQUEDA

Telefone: 32312642 - 91427844

CI ou CPF: 025423370-80

CI ou CPF (Responsável): 349 205 360/20

AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu, REGIS ROQUELO PADILHA, abaixo assinado, concedo para livre utilização, direitos sobre a minha imagem e som da minha voz à (Universidade Federal do Rio Grande - FURG), para a gravação de vídeo, autorizando consequentemente e universalmente, sua utilização em toda e qualquer veiculação, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e qualquer processo ou meio de comunicação.

Regis Rogelino Padilha

Assinatura

SIMONE CRISTINA ROQUELO

Assinatura
Responsável

Data: 03/08/2011

Nome completo: REGIS ROQUELO PADILHA

Endereço: Rua 16 nº 1129 Parque Geremebano - Cassino

Telefone: 9951 6732

CI ou CPF: CPF 851 537 610 53

CI ou CPF (Responsável): CPF 550 212 330 53

AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu, Jainara Abreu, abaixo assinado, concedo para livre utilização, direitos sobre a minha imagem e som da minha voz à (Universidade Federal do Rio Grande - FURG), para a gravação de vídeo, autorizando consequentemente e universalmente, sua utilização em toda e qualquer veiculação, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e qualquer processo ou meio de comunicação.



Assinatura

Assinatura
ResponsávelData: 3/8/2017Nome completo: Jainara H. AbreuEndereço: Juan B. Parq, 789 casa 149 Qd 2Telefone: 91118341CI ou CPF: 029.637.800-36CI ou CPF (Responsável): 456494230-34

AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu, NICOLAS DA SILVA MOREIRA, abaixo assinado, concedo para livre utilização, direitos sobre a minha imagem e som da minha voz à (Universidade Federal do Rio Grande - FURG), para a gravação de vídeo, autorizando consequentemente e universalmente, sua utilização em toda e qualquer veiculação, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e qualquer processo ou meio de comunicação.

Nicolas da Silva Moreira

Assinatura

Da Maria S Moreira

Assinatura
Responsável

Data: ___ / ___ / ___

Nome completo: NICOLAS DA SILVA MOREIRA

Endereço: CASTELO BRANCO | RUA "E" CASA 67

Telefone: 32352478 / 91155017

CI ou CPF: 032.690.380-11

CI ou CPF (Responsável): 670 800900-59

AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu, Rauliano de Souza Guimarães, abaixo assinado, responsável pelo menor Yuliane de Souza Guimarães, concedo para livre utilização, direitos sobre a sua imagem e som da sua voz à (Universidade Federal do Rio Grande - FURG), para a gravação de vídeo, autorizando consequentemente e universalmente, sua utilização em toda e qualquer veiculação, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e qualquer processo ou meio de comunicação.

Yuliane de Souza Guimarães

Assinatura do menor

Rauliano de Souza Guimarães

Assinatura
Responsável

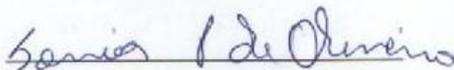
Data: 10/10/2009
 Nome completo: Rauliano de Souza Guimarães
 Endereço: Rua 1ª Casa - 01 Castelo Branco I
 Telefone: 32300320 ou 91125043
 CI ou CPF: 248 167440-53
 CI ou CPF (Responsável): 1030 1090 51

AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu, Sônia P. P. de Oliveira, abaixo assinado, responsável pelo menor Francisco Airy da C. R. M. M. concedo para livre utilização, direitos sobre a sua imagem e som da sua voz à (Universidade Federal do Rio Grande - FURG), para a gravação de vídeo, autorizando conseqüentemente e universalmente, sua utilização em toda e qualquer veiculação, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e qualquer processo ou meio de comunicação.



Assinatura do menor



Assinatura
Responsável

Data: 10/10/09

Nome completo: Francisco Airy da C. R. M. M. Junior

Endereço: Rua 6, N° 613

Telefone: 84071926

CI ou CPF: 6093045259

CI ou CPF (Responsável): 1044477436

AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu, Tania Arimacilda de Oliveira, abaixo assinado, responsável pelo menor Arthur Lackmann, concedo para livre utilização, direitos sobre a sua imagem e som da sua voz à (Universidade Federal do Rio Grande - FURG), para a gravação de vídeo, autorizando conseqüentemente e universalmente, sua utilização em toda e qualquer veiculação, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e qualquer processo ou meio de comunicação.

Arthur Lackmann

Assinatura do menor

Tania Arimacilda de Oliveira

Assinatura
Responsável

Data: 10/10/09

Nome completo: ARTHUR DE OLIVEIRA LACKMANN

Endereço: Rua 6, nº 613

Telefone: 61073926

CI ou CPF: 609300693

CI ou CPF (Responsável): 1044477436

AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu, Jussara Tereza de C. Ferrreira, abaixo assinado, responsável pelo menor Diego Ferreira Gomes, concedo para livre utilização, direitos sobre a sua imagem e som da sua voz à (Universidade Federal do Rio Grande - FURG), para a gravação de vídeo, autorizando consequentemente e universalmente, sua utilização em toda e qualquer veiculação, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e qualquer processo ou meio de comunicação.

Diego F. Gomes

Assinatura do menor

Jussara T. de C. Ferrreira

Assinatura
Responsável

Data: 10/10/09

Nome completo: Diego Ferreira Gomes

Endereço: R: C Castelo Branco II Casa: 91

Telefone: 91290527

CI ou CPF: 027.288.530-95

CI ou CPF (Responsável): _____

FICHA DE INSCRIÇÃO DO VÍDEO “SONHOS DESFEITOS, ADOLESCÊNCIA INTERROMPIDA”, NA 5ª MOSTRA DE VÍDEO, CINEMA E ANIMAÇÃO, NO CINE ARTEESTAÇÃO CASSINO CINE VÍDEO.



REGULAMENTO

1. APRESENTAÇÃO

Nessa 5ª **MOSTRA** de vídeo, cinema e animação, organizada pelo **Ponto de Cultura ArtEstação Nos Trilhos da Cultura** pretendemos divulgar trabalhos produzidos por **produtores locais, regionais e internacionais, Pontos e Pontões de Cultura do Brasil** e promover oficinas, palestras, mesas-redondas e cineclubismo, propondo intercâmbio e ampliando a rede entre as diferentes instituições, grupos e produtores independentes, bem como a comunidade que fará parte do evento.

Nosso objetivo é – através do audiovisual como meio de expressão – valorizar a produção audiovisual brasileira, principalmente a local, estimular a formação de público, propiciar espaços de aprendizado na linguagem audiovisual, promover discussões e reflexões acerca da arte e cultura audiovisual e debater questões ambientais.

Patrocínio:

Prêmio de Apoio a Pequenos Eventos Culturais - Programa Cultura Viva e Mais Cultura, da Secretaria de Cidadania Cultural, do Ministério da Cultura/Governo Federal. O Prêmio é uma iniciativa inovadora de fomento e celebração da diversidade cultural brasileira e fortalecimento das comunidades, seus saberes e das redes sociais que a compõe.

Apoio:

FURG TV, Geribanda Pontão de Cultura/FURG

2. LOCAL E DATA

A Mostra acontecerá no mês de **outubro de 2010**, na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. Locais: **Sede do Ponto de Cultura ArtEstação** (Avenida Rio Grande, 500, Balneário Cassino).

3. CATEGORIA DA MOSTRA

Livre.

4. INSCRIÇÃO

Os vídeos deverão ser realizados em qualquer formato, mas com cópias para exibição em DVD, tendo sido produzidos por alunos, ex-alunos de projetos de formação e participantes de Pontos de Cultura que utilizam o audiovisual como meio de expressão, produtores independentes e vídeos de instituições que desenvolvem atividades na área.

- 4.1 Não há taxa de inscrição.
- 4.2 É permitido a inscrição de mais de um vídeo por realizador.
- 4.3 Os candidatos devem enviar a ficha de inscrição totalmente preenchida com um DVD do trabalho, acompanhados de sinopse, no mínimo 2 (duas) fotos JPG ou TIFF (300 dpi) dos bastidores da produção, para divulgação.
- 4.4 Essas fotografias poderão, ou não, serem utilizadas pelo Ponto de Cultura ArtEstação na exposição de abertura do evento e em quaisquer outro evento proposto pelo Ponto;
- 4.5 Ao realizar a inscrição os responsáveis pelos vídeos estarão consentindo na divulgação das fotografias apresentadas, bem como no uso destas para atividades culturais e artísticas promovidas pelo ArtEstação.
- 4.6 Todos os custos com transporte de DVDs e outros materiais são da responsabilidade do candidato.
- 4.7 Data limite para inscrição: todas as fichas de inscrição, cópias em DVD e demais materiais deverão ser realizadas nos pontos de inscrição (apresentados ao final do regulamento) ou enviadas para o Ponto de Cultura ArtEstação com data de postagem, **no máximo, 11 de setembro de 2010 (data de postagem) para o endereço que consta no final da ficha de inscrição.**
- 4.8 **Aviso de postagem:** os candidatos devem informar por e-mail endereçado à produção da Mostra, artestacao.ccv@gmail.com, a data de postagem dos materiais e meio de envio utilizado, incluindo número de registro do envio, assim como o contato do responsável pelo envio.
- 4.9 Serão aceitos vídeos de até trinta minutos de duração incluindo créditos.

5. SELEÇÃO

- 5.1 Caso o número de trabalhos enviados ultrapasse o tempo previsto para a Mostra, que acontecerão nas sextas-feiras e sábados do mês de outubro, haverá uma seleção e posteriormente, o Ponto de Cultura ArtEstação realizará outros eventos com a finalidade de divulgar todos os trabalhos recebidos, sem fins comerciais;
- 5.2 A lista dos trabalhos selecionados será divulgada até **22 de setembro de 2009.**
- 5.3 Os candidatos deverão comunicar a equipe de produção da Mostra, por telefone ou e-mail, os dados sobre o envio das cópias – data de envio, forma de transporte, números de registro etc.

Todo trabalho enviado integrará o acervo da Videoteca Flávio Guimarães do PC ArtEstação e serão utilizados somente para questões culturais (sem fins comerciais) com o consentimento dos autores.
Os autores dos trabalhos receberão certificado de participação.

PONTOS DE INSCRIÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NA MOSTRA

Sede do Ponto de Cultura ArtEstação:

Avenida Rio Grande, 500 - Cassino - Rio Grande/RS

Geribanda Pontão de Cultura da FURG – Centro de Convivência/Campus Carreiros/FURG - Rio Grande – RS

Equipe

Coordenadores: Arita Benelli, Célia Maria Pereira, Lucila Pereira Isoldi e Sandro Martins Costa Mendes

Apoio: Celso Santos, Miguel Isoldi, Law Tissot, Maria Suzana Santos

APOIO CULTURAL:
 Geribanda Pontão de Cultura da FURG
 FURG TV

FICHA DE INSCRIÇÃO

Data limite para inscrição: **10 de setembro de 2010.**

Por favor, preencha este formulário por completo antes de enviá-lo on-line. Não se esqueça de imprimi-lo e enviá-lo junto com a cópia para seleção.

1. Informações sobre a Instituição / Grupo produtor / produtor independente (Resuma o histórico da instituição onde se desenvolve o projeto ligado ao audiovisual ou memorial descrevendo a trajetória do produtor independente).

A Escola de Orientação Profissional Assis Brasil foi fundada em 27 de julho de 1948, e tinha por finalidade abrigar menores carentes, função esta exercida por muitos anos. Depois de um longo período de dificuldades financeiras o seu atendimento tornou-se impróprio impossibilitando o atendimento que se fazia necessário na região. A Instituição só retomou os trabalhos a partir de 1990, com o apoio da iniciativa privada, para que fosse reestruturada e pudesse oferecer assistência básica. A E.O.P. Assis Brasil se caracteriza por ser um espaço voltado para a socialização de crianças e a profissionalização de jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Localizada na região periférica da cidade do Rio Grande, perdeu o cenário de zona rural, com o desaparecimento das atividades agropastoris e cedeu espaço para o surgimento de várias residências em situação precária. Assim, surgiram as vilas Santa Rosa, Castelo Branco I e II, Cidade de Águeda, Cohab IV e Profilurb I e II. Estes conjuntos habitacionais terminaram por circundar uma área de 24,65 ha onde se encontram as instalações físicas da escola. Dessa forma, a Escola Assis Brasil tem consolidada a missão de oportunizar as crianças e adolescentes, residentes no entorno da instituição, bem como as suas famílias, de participarem em projetos que lhes propiciem atendimento as necessidades básicas, orientação profissional, geração de renda, atendimento sócio-psico-educativo evitando que estes fiquem sujeitos a situações de vulnerabilidade pessoal e/ou sociais. Assim, a instituição cumpre sua finalidade estatutária de dar assistência à infância e à adolescência carentes, bem como as suas famílias, ministrando aos seus assistidos a educação, a reeducação, formação de hábitos higiênicos e alimentares, comportamento em grupo, recreação, apoio extraclasse e orientação profissional.

A proliferação do uso de drogas na região periférica a Cidade do Rio Grande é um fator preocupante para pais e educadores. Como educadora verifiquei nesses jovens a necessidade de saber mais sobre sua realidade e tentar transformá-la. A maioria dos adolescentes que frequênta a escola já teve ou tem alguém na família envolvido com substâncias psicoativas. . Diante disso, observei a necessidade de fazer com que os jovens que freqüentam a escola adquirissem

conhecimentos que lhes permitisse saber acerca de sua vida e do ambiente, onde vivem. Dessa forma, surgiram sugestões para que fosse realizado um trabalho de prevenção ao uso de drogas, a partir de uma conversa com os estudantes decidimos gravar um vídeo para que eles discutissem entre si o efeito social do uso do crack na adolescência. Diante dessa reflexão, surgiu outra proposta, na qual eles deveriam produzir uma peça e representar a degradação de um adolescente viciado em crack. A sugestão foi aceita e após isso foram realizadas, na escola, palestras com ex-usuários e temáticas que abordavam os fatores de risco de substâncias psicoativas na adolescência. Concordamos que depois de concluído o trabalho, uma cópia do vídeo será destinada às escolas, onde eles estudam. Os planos foram desenvolvidos na expectativa de que todos os elementos que complementaram as atividades possam contribuir de alguma forma para estimular programas de prevenção nas escolas.

2. Resuma o projeto de realização do vídeo.

Fez-se o convite à professora de teatro para que pudesse auxiliar os estudantes a encenar os personagens. Os ensaios foram realizados na escola, durante os sábados. No período de um mês, eles receberam aulas de técnicas de representação teatral, além de realizarem algumas reformulações no texto, por eles escrito. Após essa etapa do trabalho, direcionamos a outra parte para as aulas de vídeo, onde os alunos receberam orientação sobre técnicas para que pudessem manusear a câmera. A última etapa do trabalho foram as filmagens, a escolha do cenário e o lugar, onde deveriam ser realizadas as imagens. Algumas cenas foram gravadas na escola, as demais em uma casa na praia. Num total de três meses concluímos o trabalho.

A colaboração de outros profissionais da área da educação foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho. As aulas de representação teatral eram ministradas pela professora Ludmila Marizykowsky e as de vídeo pelo professor Cláudio Tarouco de Azevedo. Esses profissionais, durante três meses, dedicaram-se incansavelmente para que pudessemos realizar as atividades.

Nos meses que se seguiram, os alunos apresentaram um roteiro, cuja temática tratava de um conflito familiar vivenciado por uma adolescente viciada em crack. Na escrita do texto, discutiam e relacionavam com fatos do cotidiano. Essa possibilidade ampliou a compreensão sobre os problemas relacionados ao crack vivenciados pela comunidade, e conduziu-os a buscar alternativas produtivas de transformação da realidade. Como protagonistas da própria realidade, eles organizaram-se e desenvolveram coletivamente a produção do vídeo. Os educadores colaboraram no sentido de proporcionar o conhecimento, mas não de forma hierárquica, desde a tomada da decisão ao processo de construção do trabalho, organização e produção do vídeo, estudantes e professores exerceram função grupal no desenvolvimento das atividades.

A exposição dos jovens à violência indica que muitos serão vítimas de homicídios devido ao uso de drogas. Embora o fator violência apareça como parte de seu cotidiano, existe a necessidade de ações de integração social e cidadania que torne possível o enfrentamento da violência ocasionada, na maioria das vezes, por dívidas adquiridas com traficantes. A exposição de programas de prevenção; organizações de seminários de discussão com gestores de políticas de atenção aos jovens, nas comunidades e nas escolas, poderão alertar aos adolescentes e seus familiares sobre os “riscos” em relação ao uso de drogas.

3. OBRA

Título original: Sonhos defeitos, adolescência interrompida

Duração: 15 min.27 seg.

Local de produção: Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

Ano de produção: 2009

Diretor: Cláudio Tarouco de Azevedo

Tel/fax (53) 8417-3425 E-mail: <claudiohifi@yahoo.com.br>

Instituição ou grupo produtor: Universidade Federal do Rio Grande

Responsável: Stela Maris Furtado Ieck

Endereço: Rua Profº Odenath Pereira Ferreira, 103 - Parque Univeritário

Tel/fax 3230.3372/cel:99721336 E-mail: stelafurtadoieck@yahoo.com.br

CRÉDITOS

Diretor: Cláudio Tarouco de Azevedo

Roteiro: Crislaine de Oliveira Flores; Dienifer de Oliveira Caseres; Francisco Aires Lackmann; Juliane de Souza Guimarães; Natanael Soares Rodrigues; Stela Maris Furtado Ieck.

Produção: Crislaine de Oliveira Flores; Dienifer de Oliveira Caseres; Francisco Aires Lackmann; Juliane de Souza Guimarães; Natanael Soares Rodrigues; Stela Maris Furtado Ieck.

Elenco: Crislaine de Oliveira Flores; Dienifer de Oliveira Caseres; Francisco Aires Lackmann; Juliane de Souza Guimarães; Natanael Soares Rodrigues; Artur Aires Lackmann; Tiago dos Santos Silveira

Direção de fotografia: Cláudio Tarouco de Azevedo; Francisco Aires Lackmann; Natanael Soares Rodrigues;

Direção de atores: Ludmila Marizykowski

Concepção sonora: Artur Aires Lackmann; Francisco Aires Lackmann; Natanael Soares Rodrigues;

Montagem/edição: Claudio Tarouco de Azevedo

INFORMAÇÕES TÉCNICAS (marque a opção apropriada)

Ficção (X) Documentário () Animação () Experimental ()
outros ()

Especificar: _____

Formato de captação: VHS() Mini Dv (X) Dv CAM () HDTV() Betacam()
Celular()

outros ():

Duração 15min.27seg.

SINOPSE DA OBRA

O vídeo conta a história de uma adolescente que em meio a conflitos familiares se envolve com drogas. Protagonizado e encenado por jovens da periferia da cidade do Rio Grande, a obra ficcional relata as consequências do uso de drogas na adolescência.

4. Se a obra já foi exibida anteriormente, cite os locais.

Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

Universidade Federal do Rio Grande

5. Participação em outras mostras, festivais e/ou prêmios recebidos.

6. INFORMAÇÕES PARA DIVULGAÇÃO E CONTATO.

Nome:

Instituição/grupo produtor: Universidade Federal do Rio Grande/ Programa de pós-graduação em Educação Ambiental (PPGEA)

Endereço: Av. Itália Km 08-Campus Carreiros

Tel: 053-3233-6615

Email: <ccpedamb@furg.br>

Website: <http://www.educacaoambiental.furg.br/>

7. OUTRAS INFORMAÇÕES

Eu autorizo a exibição de parte do vídeo para promover o evento no site, blog da Mostra e em vídeos para divulgação na mídia em geral.

Disponibilizo minha obra para integrar o acervo da Videoteca do Ponto de Cultura ArtEstação e consequentemente sua exibição em outros eventos de responsabilidade da entidade organizadora.

Eu li e aceito o regulamento do 5º **ArtEstação Cassino Cine Vídeo - 2010**

Nome: Sela Maris Furtado Ieck

Função: Professora

Assinatura:

Data e local: Rio Gande, 08 de setembro de 2010.

ENDEREÇO PARA ENVIO DA CÓPIA EM DVD E FICHA DE INSCRIÇÃO

Lucila Pereira Isoldi

Rua 1, nº10, Km 4, Vila Olinda, Senandes

Cep: 96217 110

Tel: (53) 3236-9028 / 9956-0767

REALIZAÇÃO



**Areté
Eventos
em Rede**



APOIO CULTURAL: Geribanda Pontão de Cultura da FURG TV

FOTO LOCAL DE ABRANGÊNCIA DA PESQUISA
Escola de Orientação Profissional Assis Brasil.



FOTOS DA SAÍDA DE CAMPO (GRUPO 2) – UMA ANÁLISE CRÍTICA DA REALIDADE





JORNAL ELABORADO PELO GRUPO 2, ATRAVÉS DAS IMAGENS PRODUZIDAS NA SAÍDA DE CAMPO

JORNAL E. O. P. ASSIS BRASIL - XX/XX/2011
Redação: Alunos da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE



MEIO AMBIENTE PAG. 02



DESENVOLVIMENTO URBANO PAG. 02



DESRESPEITO A NATUREZA PAG. 02



TRABALHO INFANTIL PAG. 02

NICOLAS DA S. MOREIRA
FOTOGRAFIA
TAINARA ALVES
JULIANE DIAS
LISLENE M. LISBOA
NICOLAS DA S. MOREIRA
KARINA SILVEIRA,
RÉGIS PADILHA
REDATORES





No bairro Santa Rosa estão sendo construídas casas para pessoas de baixa renda. A previsão para entrega está prevista para final de janeiro de 2012. Serão priorizadas famílias de baixa renda.



Ao fazermos uma visita pelos bairros, encontramos um adolescente juntando lixo, perguntamos a ele se podíamos tirar uma foto e o mesmo concordou, questionamos se ele estudava e este respondeu que não. A vida difícil das crianças que se utilizam do lixo como forma de sobrevivência



O lixo na nossa cidade, ainda é um problema muito sério. Como você pode ver nessa foto, em frente das casas construídas, os empregados deixam o lixo espalhado, próximo a rua. No entanto, existe um depósito em frente as residências feito justamente para isso.

O acúmulo de lixo pode ocasionar a proliferação de ratos e outros animais que conseqüentemente podem causar danos a saúde.



O meio ambiente, onde vivo não é muito bom, pois tem muito lixo nas ruas, e isso é ruim porque prejudica a saúde de todos nós.

Para mudar essa situação é muito importante que comecemos pela educação. Formar cidadãos mais conscientes com a noção de que tudo que fazemos terá conseqüências.

Todos nós queremos qualidade de vida, mas para termos, devemos dar valor para a qualidade que temos hoje.

OFICINA DE VÍDEO PARA ALÉM DAS MÁSCARAS – GRUPO 2

Mascarás e depoimentos

A – Então... como eu disse, certo Faz um ano... tudo começou de uma forma curiosa... com meus amigos ... eu achei que cigarro de maconha não era droga. Era que nem ele falava... experimentei... gostei... continuei usando... Depois, eu conheci um namorado ficante meu, ele tinha na base de dezoito anos... ele me influenciou a usar drogas muito fortes... cocaína e tal... e eu comecei a andar com ele cheirava e tudo ... e tal ... e um dia, ele me apresentou o crack, comecei a usar e ai eu queria passar pra outras pessoas... que o crack é um beco sem saída eu espero que... que ninguém use... não sei por onde sair... tô vendo... fui pra casa ... procurando ajuda e dois conselhos eu posso dar... um para os pais e para o governo que um governo... sei lá ... que segure... e que os pais tenham um pouco mais de diálogo com os filhos as vezes vai usar a droga sem saber o que tá usando não tem diálogo com os pais e o governo que ele... sei lá... inventar programas que ao invés das crianças estarem nas ruas usando crack... usando drogas que essas crianças estejam... fazendo atividades... enfim. Quando eu comecei a pegar “carinha” junto com um colega... eu não... não digo amigo, porque amigo eu acho que não é aquele que te incentiva a usar a droga eu acho que é aquele que te incentiva a não usar a droga. Acho que tem outra coisa... que as pessoas... que se o marido te der não aceite... se eu tiver que enganar ele não fica sabendo... agora... vou procurar me curar... tô tentando sair... vou fazer o máximo pra sair dessa vida que eu entrei... e quero sair realmente... porque essa vida é uma droga.

B- Meu nome é Duda, eu sou usuário de drogas... comecei a usar drogas com treze anos por influência dos amigos qualquer lance por drogas... tudo nestes esquema da droga, tudo pra... falavam que eu era o patinho feio da turma, poi eu não usava drogas porque eu comecei a usar e não consigo parar... né e quando a gente fica drogado quando a gente só vai se ligar ai já é tarde né... aí é o caso que me levou o desespero, mas ... ia pra...minha vó, fazia bagunça, sacaneava ela, ela ficava braba comigo, começava chorar mas eu ficava fora de mim, meus familiares tentavam me ajudar, mas eu não queria ser ajudado, usava e usava drogas, diz isso um monte de vez , teve um tempo que eu tava sujo assim... entendesse... saia fora de casa... vivia na rua... sei lá maconha... fazia qualquer lance por droga... tudo nestes esquema da droga, tudo pra... nestes esquema... ai depois pega... se dois e tu tá bem tá comigo vai pro roubo eu quero parar... minha família vai apoiar mas eu vou conseguir, sei de umas clínica que é paga aí... to tentando mas é brabo, então, tudo é de novo, fazer tudo de novo, acho que se todo mundo tentasse me apoiar, ia ficar liberado eu conheço varias pessoas que fazem isso... eu de minha parte, eu conheço minha mãe minha vó que me dão baita força, eu queria voltar as coisas... como antes.

C- Eu sou drogado, eu confesso que ainda tenho recaídas... mas ... é assim... eu vou falar sobre drogas... Primeiro eu comecei pela maconha e ... ela dava uma sensação assim... que o cara tava leve... uma sensação boa, só que depois ela trazia consequências... e eu queria mais... então, o crack é mais... durava menos era melhor... então... eu comecei a entrar pra dentro de casa comecei a beber... bater... quase todo dia não tinha condições de comprar a droga me acorrentava na cama...

não conseguia vive ali preso... não conseguia e queria me soltar... passava as vezes o dia inteiro drogado era uma pedrinha a cada 15 minutos, mas hoje, eu... procurei... eu... tentei, eu to tentando to conseguindo... chegava assim caído... mas eu tô conseguindo melhorar eu to avançando e é isso ai... eu to vencendo o crack... vou agora vou estudar, vou recuperar o tempo que eu perdi, eu vou melhorar... e se tudo ser certo, eu vou conseguir o emprego... vou começar minha vida de novo é isso aí... o tempo é que vai dizer. Obrigado!

Máscaras... Patrão...

- Tá ficando de patrão...
- O que é patrão?
- É legal sôra! É legal...
- Patrão é quem tem dinheiro?
- É, e legal também!
- Tá não, mas não no significado de patrão!
- Tá, mas qual é o significado de patrão?
- Não sei nem o que é o significado de patrão!
- Patrão da droga!
- O cara que é... que tem dinheiro...
- Que tem dinheiro!
- Não, mas não é só isso!
- É sim!
- É o cara superior...
- Essas criança com cabeça fraca, elas vêem uma coisa há! Que legal ficam assim, há! Patrão
- É gente, mas não foi esse o patrão que ele se referiu.
- eu me referi o legal.

TEXTO ELABORADO APÓS A APRESENTAÇÃO DO VÍDEO "OS SINAIS DA

Katiana Silveira

ATIVIDADE

Elabore um texto dissertativo posicionando-se criticamente em relação ao documentário assistido, fazendo relação com as mudanças climáticas ocorridas no planeta. Não esqueçam de relacionar as causas e consequências dos danos causados ao meio ambiente devido a intervenção do homem na natureza.

O texto deve ter no mínimo 20 linhas e no máximo 28 linhas.

Título: A critério do aluno

Introdução: Falar sobre o que será desenvolvido no decorrer do trabalho.

Desenvolvimento: dois ou três parágrafos, onde será desenvolvido o assunto.

Conclusão: o posicionamento crítico do aluno e a solução para o problema.

Meio Ambiente

Com o passar de tempo vimos que ocorre muitas mudanças climáticas no planeta, também estas mudanças está as furacões em muitas partes de mundo destruindo tudo por onde passa. Cada vez umois o homem está destruindo com o planeta, as geleiras estão se destruindo - se com o passar dos tempos. As nuvens estão engradando as coisas, em algumas partes de mundo chove de umois e isto acaba destruindo casas, colgando ruas e matando pessoas, e disse que as pessoas jogam no ambiente para os lixos e as coisas quando chove transmitido tudo causando danos que podem morrer.

Tem lugares que está fazendo muita coisa umois de que é normal e com isto acabou as queimadas que prejudica de umois e gera o aquecimento global.

As pessoas já não estão umois se importando com o planeta.

Toda destruição dos umois não é respeitar o nosso meio ambiente por que se não cuidarmos do meio ambiente teremos várias consequências no futuro.

AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A APRESENTAÇÃO DO VÍDEO NAS ESCOLAS

Vídeo produzido pelos alunos da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

Vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”

Questões sobre o vídeo

- 1) Quantas pessoas assistiram ao vídeo?
- 2) Qual o público alvo?
- 3) Quantas vezes foram passadas a cenas do vídeo?
- 4) Qual a avaliação foi feita desse filme?
- 5) Qual o efeito?

RESPOSTAS

- 1) Aproximadamente 30 – exibição ArtEstação
- 2) Comunidade do Balneário Cassino e universitários – exibição ArtEstação
- 3) Uma vez no ArtEstação... uma vez na Escola de Orientação Profissional Assis Brasil, uma vez da disciplina “As três ecologias de Félix Guattari” – PPGEA/FURG. não esquece de dizer que está disponível no link “Vídeo ambientais” na página do PPGEA.
- 4) essa é uma avaliação que, acredito, tens que fazer a partir das conversas que ocorreram durante as sessões.
- 5) o efeito em quem? Acho interessante pensares sobre como avaliar esse efeito, questionários, registros em vídeo...

Vídeo produzido pelos alunos da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

Vídeo “Sonhos defeitos, adolescência interrompida”

Questões sobre o vídeo

oi Stela so hoje vi teus emails pois nao tenho lido diariamente

- 1) Quantas pessoas assistiram ao vídeo? Não tenho esse dado. Quem sabes tens a resposta com a Anelise .. faz muito tempo eram alunos do curso de auxiliar administrativo creio q deveria, ter uns 20 a 25 alunos
- 2) Foi projetado também para os adolescentes do projeto de prevenção ao uso de crack e outras drogas Hip Hop: ser em movimento : 12 adolescentes
- 3) Qual o público alvo? alunos do curso de auxiliar administrativo e participantes do projeto de prevenção ao uso de crack e outras drogas Hip Hop: ser em movimento :
- 4) Quantas vezes foram passadas a cenas do vídeo? 1 vez para cada turma
- 5) Qual a avaliação foi feita disse filme? Todos gostaram muito do vídeo Elogiaram o trabalho realizado
- 6) Qual o efeito? As pessoas ficaram sensibilizadas sobre o tema e desenvolveram uma discussão bem interessante sobre o tema. As cenas mostram bem os efeitos das drogas na vida de um jovem

-----*Mensagem original*-----

De: [stela maris furtado ieck](#)

Data: 29/6/2011 14:29:47

Para: [Catia Tubino da Rocha](#)

Assunto: Vídeo "Sonhos defeitos, adolescência inteompida"

Vídeo produzido pelos alunos da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

Vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”

Questões sobre o vídeo

- 1) Quantas pessoas assistiram ao vídeo?
- 2) Qual o público alvo?
- 3) Quantas vezes foram passadas a cenas do vídeo?
- 4) Qual a avaliação foi feita desse filme?
- 5) Qual o efeito?

RESPOSTAS

- 1) O filme foi assistido por 160 alunos e a professora.
- 2) O público alvo era constituído por alunos das séries finais do Ensino Fundamental (5ª série – 6ª série/6º ao 9º ano) e alunos do Ensino Médio com o intuito de provocar reflexão nos mesmos.
- 3) Uma vez por turma.
- 4) O filme pode ser avaliado como positivo pelo aspecto em que proporcionou um testemunho sobre um problema social atual e negativo pelo conteúdo trágico que exemplifica e transforma em realidade.
- 5) O efeito foi um choque em alguns alunos, revolta em outros e ainda silêncio em alguns.

Obs: A educadora optou por não revelar o nome da escola

Vídeo produzido pelos alunos da Escola de Orientação Profissional Assis Brasil

Vídeo “Sonhos desfeitos, adolescência interrompida”

Questões sobre o vídeo

- 1) Quantas pessoas assistiram ao vídeo?
- 2) Qual o público alvo?
- 3) Quantas vezes foram passadas a cenas do vídeo?
- 4) Qual a avaliação foi feita desse filme?
- 5) Qual o efeito?

RESPOSTAS

1) 165 alunos

2) Assistiram o vídeo as turmas 102, 103, 104, 105, 205 e 206 do ensino médio do CAVG – Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça – Pelotas/RS.

3) O vídeo foi passado uma única vez em todas as turmas.

4) De um modo geral os alunos gostaram muito.

5) O vídeo motivou os alunos a fazerem seus próprios vídeos, que foram chamados de “vídeo de intervenção”, com forma de avaliação da disciplina Sociologia no 2º semestre de 2009.

DEPOIMENTO DA ADOLESCENTE SOBRE O VÍDEO "SONHOS DEFEITOS, ADOLESCÊNCIA INTERROMPIDA"

Todos ^{na} vida temos ditivos a seguir a conquistar, meu ditivo sempre foi estudar, trabalhar e jamais entrar em qualquer tipo de droga seja cigarro, álcool ou ~~ou~~ outras drogas que temos no mundo. Hoje ~~estou~~ sendo o trabalho que fizemos sobre drogas e prostituição ~~estudo~~ ~~estudo~~ percebi que temos que pensar, refletir muito sobre nossas atitudes e valores na vida pois podemos acabar com nossa futuro se melhor nossa vida e de nossas familiares porque é a nossa família que sofre por nós, pois acabamos com nossa vida. Sei que fiz a escolha certa em não me envolver com essas coisas. Hoje sou mãe e não fazer o possível para que minha filha siga o melhor caminho possível na vida.

ARTIGO SOBRE O TRABALHO INFANTIL NA CIDADE DO RIO GRANDE.

DIÁRIO POPULAR
QUINTA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 2011 | CIDADES 3

Menores mais distantes das estatísticas

Recebem atendimento na cidade hoje 45 crianças encontradas em situação de trabalho infantil

Gisene Fagundes

Rio Grande. Retiradas das estatísticas de trabalho infantil em Rio Grande, 45 crianças hoje atendidas pelo Núcleo Municipal Comunitário Doutora Lúcia Nader ganham a chance de mudar de realidade. São 25 a menos do que a capacidade máxima que o local possui dentro dos recursos disponíveis. Nos últimos anos o número de casos identificados é visto como estável e não tão alarmante pelos órgãos que fazem a linha de frente no combate ao problema, se comparados proporcionalmente à população da cidade, mas nem por isso revelam métodos totalmente capazes de chegar à erradicação.

Esta semana a cidade deve integrar a agenda do Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil, celebrado no próximo domingo. Ações internas dentro dos núcleos do Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil (Peti), ligado à Secretaria de Cidadania e Assistên-



Coleta de material reciclável por meninos e meninas está entre as atividades mais comuns identificadas em Rio Grande



Orientação das autoridades é para que as pessoas não deem esmolas

cia Social, lembrarão a data construindo mais um capítulo na tentativa de fortalecer vínculos familiares, escolares e da própria sociedade com crianças que aprenderam cedo a pensar e agir como adultos em busca de sustento.

A principal dificuldade apontada pelo Conselho Tutelar, que realiza o primeiro contato com crianças nessa situação, está na mudança cultural. O conselheiro Marcelo Santos explica que muitos pais repetem com os filhos a realidade vivida na infância deles. A disparidade dos diferentes sentidos de realidade entre essas famílias e órgãos como o Conselho dificulta o entendimento. "Lidar com isso é complicado. Hoje te-

mos que cuidar porque em uma das principais sinalizas da cidade, por exemplo, onde ficam menores vendendo balas, muitas vezes chegamos para ajudar e eles saem correndo."

De acordo com Santos, cada vez que o Conselho Tutelar identifica um caso de trabalho infantil o primeiro passo é ir em busca da família, que deve ser encaminhada a programas assistenciais. Muitos casos, no entanto, acabam parando no Ministério Público porque as crianças são encontradas novamente na mesma situação. Problema ainda não resolvido porque em alguns casos os responsáveis não respeitam a solicitação de comparecimento para

prestar informações.

A assistente social e coordenadora do Núcleo Doutora Lúcia Nader, Eliomar Azambuja, destaca que muitos jovens são atraídos a priorizar o trabalho aos estudos, também motivados pela oportunidade de comprar bens que a família não tem condições de oferecer. "São dois lados: daqueles incentivados pela família a trabalhar tão cedo e outro de questões culturais, que podem envolver a aquisição de objeto que o jovem deseja."

As contribuições da sociedade

Pensando em ajudar, a aposentada Eva Moreira, 64, conta que costuma voltar para casa sempre com algo comprado no sinal. "Sei que essas crianças não deveriam estar ali vendendo, mas é dever dos governantes proporcionarem dignidade a esses menores", ressalta. Por outro lado, o Conselho Tutelar alerta ao fato de que essas ações podem não contribuir para a erradicação do trabalho infantil. Segundo Santos, as doações de dinheiro diretamente aos menores incentivam a permanência dos jovens nas ruas, afastando as chances de eficácia dos programas que incentivam atividades educativas.

Além da venda de produtos, as situações mais comuns de trabalho infantil em Rio Grande envolvem atividades como a lavagem de veículos em postos de gasolina e a coleta de lixo. Pela legislação brasileira é considerado trabalho infantil toda forma de trabalho exercido por crianças e adolescentes até 14 anos. A partir dessa idade eles podem ingressar no mercado como aprendizes enquanto estiverem estudando. Atividades domésticas na própria residência que contribuam com a educação do menor não se enquadram como trabalho infantil.

Empreendimento

Empresa entra em operação este ano

Rio Grande. O prefeito Fábio Branco (PMDB), acompanhado do secretário para Assuntos Extraordinários, Gilberto Pinho, recebeu ontem a visita de executivos da Martini Meat Armazém Geral. Uma unidade da empresa, a qual atua na área de armazenagem, movimentação de cargas gerais, contêineres e cargas frigoríficas, deve iniciar sua operação no município em novembro, em uma área do Distrito Industrial, na Barrá.

Pela empresa participaram do

encontro o presidente do grupo Martini Meat/Ouro Verde, Celso Antônio Frare, o diretor-superintendente Bláscio José München e o coordenador de engenharia Luiz Alberto Alves. Branco recebeu informações sobre o andamento do projeto de implantação da unidade e conheceu detalhes do empreendimento, que deve gerar cem empregos diretos e pelo menos outros 350 indiretos.

A Martini Meat, com sede em Paranaguá (PR), adquiriu junto à

Secretaria de Desenvolvimento e dos Assuntos Internacionais do Estado (Sedai), em outubro de 2009, uma área de terras com 125,2 mil metros quadrados, onde está sendo erguido o complexo. No município a empresa vai atuar nas atividades de armazenagem em geral de cargas frigoríficas (menos 20°C), incluindo produtos congelados e resfriados (menos 2°C), carga geral não frigoríficas a granel, utilizada ou desinutilizada, armazenagem de contêineres Reefer's.

A cidade passada a limpo com uma análise diferente.

"OPINIÃO LOCAL"

De segunda a sexta às 11h45min

Direção: Jonas Cardoso
reprise às 19h



Ramão Freitas



Deivid Pereira



Charles Saralva



assine
DIÁRIO POPULAR



ligue
3284-7080

ARTIGO “A SOLUÇÃO “MENOS PIOR”, PUBLICADO NA REVISTA VEJA.com.

Passa o tempo, enlece o Foo Rock in Rio e curta essa viagem.

Abril.com Mais sites Abril
Grupo Abril Abril Mídia Distribuição Gráfica A



BUSCA

• Busca avançada

FALE CONOSCO

- Escreva para VEJA
- Para anunciar
- Abril SAC

Publicidade

ACESSO LIVRE

- Conheça as opções e áreas de VEJA.com com acesso liberado

PÁGINA INICIAL

REVISTAS

- VEJA
- Zapping Digital
- Edições especiais
- Edições extras
- Edições anuais
- Expediente
- Loja São Paulo
- Loja Rio
- O Melhor da Cidade

BUSCAS

- Pesquisa em VEJA
- Pesquisa Digital 1998-2009
- Arquivo 1987-2009
- Capas 1998-2009
- O Melhor da Cidade
- Guia internet

NOTÍCIAS

- Brasil
- Economia
- Internacional
- Ciência e tecnologia
- Saúde
- Educação
- Esportes
- Cinema e teatro
- Celebrações
- Os livros mais vendidos
- RSE

COLUMNISTAS

- Antonio Ribeiro, sa Paris
- Augusto Nunes, cultura
- Betty Milan, sexualidade
- Denis Roussé, sustentabilidade
- Diego Nascimelli, política
- Geraldo Medeiros, sociedade/cultura
- Isabela Boscov, cinema
- Laura Jardim, Radar on-line
- Lucía Mandel, dermatologia
- Mariana Zatz, genética
- Renato Azevedo, blog
- Renato Dutra, revolução física
- Roberto Gerosa, cinema
- Tony Bellato, música

VIDEOS E FOTOS

- Vídeos
- Galeria de fotos e slideshows
- Infográficos

SABER

- Conheça o país
- Cronologia
- Em dia
- De profundidade
- VEJA, sua história
- Perguntas e respostas
- Quem e quem
- Testes

SERVIÇOS

- Newsletter VEJA
- Para anunciar
- Abril SAC
- Ajuste um erro

CELULAR

REVISTAS

VEJA

Edição 2104

18 de março de 2009

• ver capa

NESTA EDIÇÃO

- Índice
- Brasil
- Geral
- Internacional
- Economia
- Ocio
- Artes e Espectáculos

SEÇÕES

- Carta ao Leitor
- Entrevista
- Claudio de Moura Castro
- Leitor
- MIBR
- Blogosfera

PANORAMA

- Imagem da Semana
- Horizonte
- Sob o Ceu
- Conversa
- Números
- Ocio
- Radar
- Veja Essa

Internacional

A solução "menos pior"

O fracasso da guerra centenária contra as drogas e a corrupção decorrente dela fortalecem na ONU a ideia de tentar uma saída radical: a legalização

Thomas Favaro



Michael Phelps/AFP

TURISMO DA DROGA Jovem australiano visita café em Amsterdã, na Holanda, onde o consumo de maconha é tolerado

Há um século, a comunidade internacional reuniu-se em Xangai para dar um basta à primeira crise de saúde pública provocada pelo consumo de drogas: a epidemia de ópio na China. O país produzia 35 000 toneladas anuais, quatro vezes a produção mundial atual, para atender os viciados – 25% da população. Desde então, o ópio perdeu popularidade – embora ainda seja consumido em grande quantidade na Ásia. Nas décadas seguintes, outras drogas, como maconha, cocaína e ecstasy, foram adicionadas à lista das substâncias proibidas. Em comum, elas têm o poder de causar dependência e efeitos devastadores para o organismo humano. Na semana passada, uma reunião da Comissão de Entorpecentes da ONU em Viena, na Áustria, definiu os princípios da política antidrogas internacional para os próximos dez anos. O impressionante não é o plano para o futuro, mas o balanço da última década. A tentativa de criar "um mundo livre de drogas", proposta na reunião da ONU de 1998, foi um fracasso.

Estima-se que 210 milhões de pessoas, ou cinco em cada 100 adultos, usaram algum tipo de droga ilícita nos últimos doze meses. A proporção mantém-se inalterada desde a década passada. Apenas um em cada oito usuários é dependente, como foi o argentino Maradona – os demais são consumidores ocasionais, à exemplo do nadador americano Michael Phelps. Mesmo diante de inegável derrota da meta anterior, o encontro de Viena decidiu-se por mais uma década de "guerra às drogas" – desta vez, articulada com programas assistenciais, como a distribuição de seringas para viciados em heroína. A novidade, ironicamente, ficou por conta de uma proposta antiga – que o falecido Nobel de Economia Milton Friedman já defendia na década de 70 –, mas que nunca antes tivera tantas adesões: a legalização das drogas.



Paulo Anselmi/ATF

A FAVORITA Protesto em defesa da liberação de maconha em Basel, no Paro

26/9/2011

- SMS - Últimas notícias
- Guia VEJA
- Versão iPhone
- Guia de cinema

que houve foram vozes isoladas, mas num coro crescente, que sugeriram que essa opção fosse incluída no debate. Os defensores, entre os quais está o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, argumentam que as drogas devem ser tratadas como uma questão de saúde pública. Seus usuários são doentes, e não criminosos, e devem ser atendidos por serviços assistenciais com o intuito de reduzir os riscos a que estão expostos, como overdose e outras doenças. Os governos poderiam taxar e regulamentar o comércio de drogas, tirando-o das mãos dos traficantes e diminuindo a violência associada à disputa por mercados consumidores. Com esse dinheiro, financiariam programas de tratamento de dependentes e educariam seus cidadãos sobre os malefícios dos entorpecentes.

Apesar de ter defensores de peso, a liberação das drogas ainda encontra muitas objeções. "O medo é que uma política de legalização das drogas hoje consideradas ilícitas implique uma banalização do consumo, como aconteceu com o álcool e o cigarro", diz a advogada Jansina Conceição Paschoal, ex-presidente do Conselho Estadual de Entorpecentes de São Paulo. Embora não se saiba com exatidão o que aconteceria se o mundo inteiro resolvesse liberá-las, a maior disponibilidade de drogas certamente aumentaria o número de usuários. "Isso já acontece quando pessoas que nunca experimentaram drogas viajam para locais onde o consumo é tolerado", diz o psicoterapeuta Paulo Campos Dias, especialista em dependência química. "Quando veem que o assunto é tratado com naturalidade na região, a curiosidade fala mais alto."

As experiências de relaxamento da repressão às drogas têm efeitos ambíguos. Na Holanda, que liberou a compra de até 5 gramas de maconha em lojas especializadas, apenas 5% dos habitantes fazem uso da substância, menos da metade da média verificada na Suíça, na Itália e na Espanha. Em compensação, a capital, Amsterdã, vive às turras com "turistas da droga", que transformaram o bairro da Luz Vermelha num centro do narcotráfico europeu. Iniciativa similar em Zurique, na Suíça, foi abandonada devido à degradação urbana provocada pela tolerância excessiva.

Lair Remington/AP



OS NARCOTERRORISTAS O Exército colombiano fecha laboratório de cocaína, a droga que financia as Farc

Eis o principal paradoxo da questão das drogas: a liberação aumentaria o consumo, mas leis mais severas não inibem os consumidores. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, a forte repressão policial não impede que haja altos índices de usuários. O governo americano gasta 40 bilhões de dólares por ano e colocou 500 000 pessoas na cadeia na tentativa de livrar os Estados Unidos das drogas, mas o país não perde o posto de o maior consumidor mundial de substâncias ilícitas. "Há um consenso cada vez maior sobre os limites inerentes a uma política antidrogas meramente repressiva", disse a VEJA o economista americano Peter Reuter, da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. "É preciso complementá-la com estratégias que façam diminuir as consequências malélicas do consumo."

Embora polêmicos, alguns programas baseados na política de redução de danos já foram implementados com sucesso, sobretudo na Europa. O governo suíço fornece heroína para os usuários que não largaram o vício pelos tratamentos tradicionais. Com a aplicação controlada, feita em último caso, os resultados impressionam: entre 1991 e 2007, os índices de overdose e de transmissão de aids por seringas contaminadas caíram pela metade. O mercado mundial de drogas movimentou 320 bilhões de dólares por ano, o equivalente ao PIB da Dinamarca, e tem margens de lucro exorbitantes. Um quilo de cocaína produzido na Colômbia sai do país custando 1 500 dólares. Quando chega ao consumidor final nos Estados Unidos, é vendido por 150 000 dólares. Os ganhos bilionários dos traficantes compensam as cargas apreendidas pela polícia e os gastos com suborno de autoridades. Joaquín "El Chapo" Guzmán, o líder do Cartel de Sinaloa e um dos bandidos mais procurados do México, é um dos homens mais ricos do mundo, segundo a última lista de bilionários da revista Forbes. Endinheirados, poderosos e armados, os traficantes são capazes de pôr países inteiros em xeque. Na Colômbia, o tráfico de cocaína financia os terroristas das Farc, que há quatro décadas tentam solapar a democracia do país. No Afeganistão, o primeiro provedor mundial de ópio, morfina e heroína, a maior parte do lucro fica com as milícias talibãs, que lutam contra as tropas da Otan. Se tentar combatê-las à força provou-se uma tática infrutífera, nada indica que a legalização das drogas varreria essas organizações clandestinas do mapa — elas poderiam continuar vendendo um produto mais barato do

mercado negro. É isso que acontece com o cigarro hoje em dia. Definitivamente, não existem soluções fáceis para problemas difíceis.

DE ONDE VÊM AS DROGAS

HEROÍNA

Mais de **80%** de todo o ópio, a matéria-prima da heroína, é produzido no Afeganistão. O restante vem de plantações menores no Sudeste Asiático, no México e na Colômbia.

COCAÍNA

Praticamente toda a droga é produzida na América do Sul. A Colômbia responde por **55%** das plantações de coca, seguida do Peru (**30%**) e da Bolívia (**15%**).

MACONHA

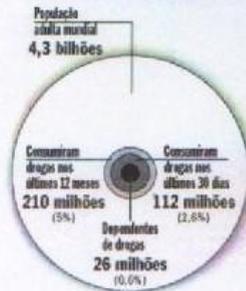
Geralmente é plantada nas proximidades das regiões de consumo. Os maiores produtores são México (**38%**), Paraguai (**14%**) e Estados Unidos (**13%**). O hash, feito a partir da resina da planta, é produzido principalmente no Marrocos, no Afeganistão e na Índia.

ESTIMULANTES

Drogas como anfetaminas e ecstasy são produzidas principalmente nos países ricos, como os Estados Unidos.

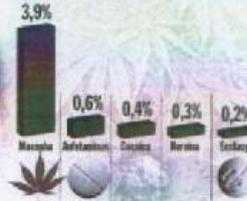
O TAMANHO DO PROBLEMA

A ONU estima que 5% da população adulta mundial tenha usado drogas ilícitas nos últimos doze meses. Essa porcentagem mantém-se estável desde o fim da década de 90.



A MAIS BARATA E MAIS POPULAR

Consumida por **166 milhões de pessoas**, a maconha é a droga preferida (em porcentagem de usuários na população adulta mundial).



OS DEZ MAIS DO PÓ

Os maiores consumidores de cocaína

(em porcentagem da população adulta)

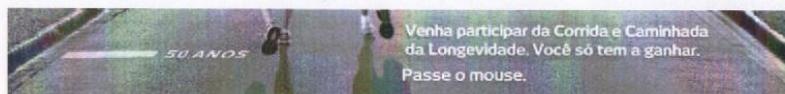
Estados Unidos	3%
Espanha	3%
Inglaterra e País de Gales	2,6%
Argentina	2,6%
Canadá	2,3%
Peru	2,2%
Itália	2,1%
Austrália	2%
Irlanda do Norte	1,9%
Bélgica	1,9%
BRAZIL	0,7%

Publicidade



ARTIGO SOBRE A MARCHA PELA LIBERAÇÃO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS, PUBLICAÇÃO AGÊNCIA BRASIL.

Page 1 of 2



Agência Brasil

Publicação: 15/06/2011 17:31 Atualização:

O Supremo Tribunal Federal (STF) descartou incluir a discussão sobre a liberação do uso de substâncias psicoativas no julgamento sobre a legalidade das passeatas pró-maconha, que está sendo realizado hoje (15). Na ação, ajuizada em 2009, o Ministério Público Federal pede apenas a liberação das passeatas pela legalização de drogas leves, por considerar que os eventos não fazem apologia ao crime.

O pedido para que o julgamento fosse ampliado para incluir a liberação do consumo de drogas leves e o uso das substâncias em cerimônias religiosas foi feito pela Associação Brasileira de Estudos Sociais do Uso de Psicoativos (Abesup). Entretanto, os ministros entenderam que, apesar de importante, o assunto não poderia ser debatido neste momento, por extrapolar o pedido do MPF.

Saiba mais...

MP cita FHC em julgamento sobre marchas pela liberação das drogas

STF libera realização de marchas da maconha

Maioria dos ministros votam a favor dos atos pró-liberação das drogas

Luiz Fux defende que crianças e adolescentes não participem das marchas

Relator vota a favor da liberação das passeatas pró-legalização das drogas

estatais".

Em parecer, a Advocacia-Geral da União (AGU) não reconheceu a legitimidade da ação e disse que, se o tribunal decidisse julgá-la mesmo assim, opinava pelo não acatamento pela Corte. O relator Celso de Mello discordou da AGU, afirmando que a dúvida sobre a aplicação da lei penal está gerando episódios "lamentáveis", como o que ocorreu em São Paulo, no último dia 21 de maio, quando a Marcha da Maconha foi reprimida com violência policial.

O argumento usado por muitos juizes para cancelar as passeatas é que os manifestantes fazem apologia ao uso de drogas, o que é proibido pelo Código Penal. Celso de Mello afirmou que interpretações diferentes desta lei podem gerar "lesivas projeções sobre o exercício de direitos fundamentais, cuja incolumidade seria atingida com atos repressivos dos agentes

A sessão foi interrompida para o intervalo assim que os ministros decidiram a questão preliminar. Após a

26/9/2011

ARTIGO “USUÁRIOS CONSUMEM CRACK A CÉU ABERTO EM PORTO ALEGRE”, PUBLICADO EM NOTÍCIAS.

Ventilador Especial Justiça Brasil Todos Classificados Insignia Busca E-mail: Tudo o clic

Crack, nem pensar

Notícias

Crack nem pensar | 28/05/2009 03h46min

Usuários consomem crack a céu aberto em Porto Alegre

Dependentes se acomodam à margem da Avenida Castelo Branco para satisfazer vício

José Luís Costa | joseluca.costa@zerohora.com.br

Quem deixa o centro de Porto Alegre pela Avenida Castelo Branco depara com a agonia do crack a céu aberto. A qualquer hora do dia, dependentes consomem a droga, comem o risco de serem atropelados e ainda podem causar um acidente com os veículos que passam pela via de mais alta velocidade da Capital.

A Castelo Branco virou paradeiro de viciados que acorrem ao Loteamento Santa Teresinha (ex-Vila dos Pejeleiros), um conhecido ponto de tráfico distante três quadras da Secretaria de Segurança Pública.

Sozinhos ou em grupos, usuários se acomodam à margem da via para queimar as pedras compradas na vila. Outros, desafortunados, perambulam de um lado a outro da Castelo Branco, elevando o perigo.

Estatísticas da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) indicam que, em 2009, pelo menos uma pessoa, suspeita de estar sob efeito de droga, morreu atropelada naquela região, que é um dos maiores pontos de distribuição de crack do município. Em março, o 9º Batalhão de Polícia Militar (9º BPM) instalou uma base em um furgão no interior da vila, onde, em média, seis PMs se revezam 24 horas, realizando ações de repressão às drogas.

De acordo com o comandante do 9º BPM, tenente-coronel Leonel da Rocha Andrade, uma viatura passa de hora em hora pela Castelo Branco e aborda os usuários de drogas. A BM recolhe pedras de crack de 15 drogados a cada dia, em média. Na 17ª Delegacia de Polícia Civil, o delegado Antônio Vicente Vargas Nunes garante que seus agentes apreendem a droga com quatro usuários diariamente. Vicente lembra que os drogados respondem a um termo circunstanciado (espécie de inquérito policial para crimes menos graves), mas isso em nada resolve o problema.

ZERO HORA

Comentários

Sergio Luiz

Denuncie este comentário 29/05/2009 06:29

"os drogados respondem a um termo circunstanciado (espécie de inquérito policial para crimes menos graves), mas isso em nada resolve o problema." Estão tentando apagar incêndio com mangueira de jardim. Se não houver investimento pesado, nada mudará. Mas, quem morre são pobres e quem é assaltado, é a classe trabalhadora que fica a mercê dos drogados. Ninguém importante para que os donos do capital se incomodem com isso. Nem essa janela de recados está funcionando direito.

26/9/2011

ARTIGO “JOVEM ACORRENTADO PELA MÃE NO RS É INTERNADO”, PUBLICADO NA /brasil/drogas.

/brasil/drogas

celular rss

Page 1 of 2

11/08/07 - 07h37 - Atualizado em 11/08/07 - 07h37

Jovem acorrentado pela mãe no RS é internado

Mãe diz que prendeu filho à cama para tentar livrá-lo das drogas. Adolescente de 16 anos é usuário de crack, segundo a mãe.

Luciana Rossetto
Do G1, em São Paulo



Jovem de 16 anos foi acorrentado à cama pela mãe. (Foto: Neru de Almeida/Ponteriva/Ag. RRS)

O adolescente de 16 anos que foi acorrentado à cama pela mãe em Caxias do Sul (RS) está internado desde sexta-feira (10) em uma clínica de desintoxicação em Porto Alegre. A mãe diz que o prendeu para tentar protegê-lo, porque ele é usuário de crack. O rapaz permanecerá na clínica por 15 dias, depois passará por nova avaliação médica, de acordo com a mãe do jovem.

Em entrevista ao G1, a mulher de 36 anos contou que prendeu o filho para evitar que ele usasse crack. "Não é fácil chegar ao ponto de acorrentar o próprio filho, mas foi o único meio que encontrei para segurá-lo em casa. Eu só estava preocupada em mantê-lo longe da droga", afirma. "Meu filho sabe que foi para o bem dele e aceitou, não ficou revoltado."

Auxiliar de produção em uma metalúrgica, a mãe do adolescente explicou que o jovem quer ajuda para largar o vício. "Ele está motivado desta vez, mas sozinho não consegue. Eu sofro, mas tenho pena dele quando me olha e fala 'mãe, me ajuda, porque o crack é mais forte que eu', diz. O jovem já havia sido internado antes, mas fugiu da clínica.

O adolescente começou a usar maconha aos 12 anos, por influência de amigos, e hoje é usuário de crack, segundo a mãe. Para sustentar o vício, ele acabou vendendo eletrodomésticos e objetos da casa, além de roupas e sapatos. "Ele vendeu tudo o que eu tinha, até chinelos de dedo usado", afirma a mãe, que já teve de buscar o filho na delegacia à noite porque ele foi preso por andar só de cuecas na rua.

26/9/2011

Para ela, o momento mais difícil foi quando chegou em casa um dia e não encontrou nada. "Eu tive aquele choque, pensei que a casa tivesse sido assaltada. Sumiu a TV, o DVD, o microondas, eletrodomésticos, minhas roupas e até brinquedos da minha outra filha, que tem 6 anos", diz. "Pensei que tivessem levado meu filho e foi um alívio quando ele voltou, apesar de ter sido ele mesmo que vendeu tudo que tínhamos."

A mãe do jovem diz que gasta quase todo o salário de R\$ 600,00 para pagar despesas do filho e dívidas acumuladas por causa do uso de drogas. "Ele já foi internado antes e tive de arcar com parte dos custos. Não tinha dinheiro para a comida, então tinha de jantar com minha filha na casa do meu sogro", diz a mulher, que é separada, mas afirmou receber ajuda financeira e apoio emocional do pai do adolescente.

ARTIGO “DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS E RECONHECENDO DEMANDAS”.

Destaques do governo

-> Drogas, violência e juventude

Drogas, violência e juventude



Desconstruindo estereótipos e reconhecendo demandas

Precisamos repensar, com todo cuidado, a relação entre drogas, violência e juventude considerando a complexidade que se coloca nesta questão. Apenas drogas e violência já é um tema carregado de representações sociais que necessitam ser desconstruídas. Vocês sabiam que as pesquisas em psicologia social apontam que o estereótipo do antigo binômio pobreza = violência foi substituído no imaginário social pelo estereótipo drogas = violência?

Ainda temos um terceiro desafio que é a automática associação entre drogas e juventude e também entre violência e juventude. Com este discurso e por esta lógica simplista acabamos colocando uma marca negativa na juventude brasileira: basta ser jovem para ser ou drogado, ou violento ou ambos drogado e violento.

Identificamos como especialmente tendenciosa e falsa a pergunta: – os jovens estão tão violentos porque se drogam? Ou (pior ainda) – se drogam porque querem ser violentos?

Neste momento histórico em que o Governo Federal dirige-se aos jovens, através da SENAD neste Mundo Jovem, a primeira palavra que dirigimos aos jovens brasileiros leitores desta página é de que acreditamos em sua força transformadora, em sua luta por um mundo melhor e pela construção de um Brasil cada vez mais brasileiro. Saibam que enquanto nos países do primeiro mundo a juventude é uma categoria dentre as minorias, no ano de 2007, no Brasil, a população de jovens será a mais numerosa e isto representa uma imensa força: a força jovem que representa o nosso grande capital e que, portanto, deve constituir o grande investimento de nossas políticas públicas. E é neste espírito que me dirijo em primeiro lugar aos jovens, mas também aos profissionais e, em especial, aos gestores das políticas públicas com este convite e apelo: vamos mudar esta mentalidade que associa juventude a drogas e violência e reconheçamos nos jovens o que este País tem de melhor!

Neste contexto, sim, pensemos, e muito seriamente: Como ajudá-los a enfrentar todos os apelos e mesmo a imensa pressão existente na nossa sociedade para o consumo de drogas? Esta é a verdadeira questão: Como diminuir os apelos da cultura aditiva e da cultura de violência que caracterizam a sociedade atual? Refiro-me, aqui, às tantas violências as quais os jovens estão expostos no seu percurso cotidiano: a violência da mídia que transmite informações enganosas e trazidas pelos seus próprios ídolos; a violência da falta de controle na compra das drogas lícitas; a violência do mercado de distribuição das drogas ilícitas que os recruta sutil e irremediavelmente para o mundo do tráfico – onde desnecessário dizer – a violência é a lógica e a cultura vigente.



Penso que a primeira violência a ser combatida é a do discurso da juventude violenta e drogada que gera distanciamento dos jovens, impedindo que os conheçamos em sua natureza sonhadora e que os compreendamos em suas expressões por mudanças.

Em minha experiência como terapeuta de adolescentes e como pesquisadora na área, estou convencida que o jovem ao buscar as drogas tem uma demanda e esta não é de destruição nem de si mesmo e nem do outro ou da sociedade. Não acredito que a drogadição, mesmo em seu grau mais comprometido, seja um comportamento destrutivo. Reconheço no ato de drogar-se o valor de um ato que tem um sentido o qual precisa ser reconhecido e conhecido: em primeiro lugar pelo próprio usuário (seja ele jovem ou adulto), mas também por aqueles que o cercam. Quando nos debruçamos sob este prisma da compreensão e do valor deste sintoma como comunicação – geralmente bloqueada por outras vias – já fizemos a mudança necessária e passamos a estar de outra forma com o jovem: como um sujeito que nos demanda, que nos pede que nos fala de si e de nossa relação com ele.

Compreender e atuar nesta área nos exige, antes de tudo, um crédito nos potenciais da juventude e um compromisso com eles na busca dos seus sonhos. Mas quais são os sonhos da juventude brasileira?

Pensemos: será que esta anestesia com as drogas, em vez de uma busca pela violência ou de uma alienação face às dificuldades que enfrentam, não seria um grito de alerta para que os adultos reparem melhor nas suas necessidades e anseios? Pensemos diferente: consumir drogas não é uma doença; é, antes, um sintoma. Um sintoma é um sinal; é uma

26/9/2011

comunicação; seria como a febre que nos indica que algo não está bem. Neste sentido não é uma doença. Não é um problema mas é uma equivocada busca de solução. Neste sentido, buscar drogas seria uma espécie de febre da alma ou do coração ou da emoção.

Se pensamos de forma diferente, percebemos diferente e podemos, então, agir de forma diferente: visualizamos, assim, uma postura mais clínica e compreensiva e a pergunta já é outra: – Do que sofrem os jovens que buscam as drogas? O que reivindicam? Quais denúncias expressam através deste ato? Por quais mudanças estão lutando? Para desafiar os próprios jovens leitores do Mundo Jovem, lanço a minha hipótese: os jovens denunciam a violência vivida em seu dia que pode ser em diferentes níveis e de naturezas diversas. Finalizo desafiando os leitores a prosseguirem nesta reflexão levantando suas próprias hipóteses sobre quais seriam as violências vividas que justificam a demandas dos jovens pelas drogas e sua relação com as tantas violências das quais são alvo; mas não são apenas vítimas pois que estão reagindo.

Maria Fátima Olivier Sudbrack

Doutora em Psicologia (Université de ParisXIII) e Pós-doutora em Psicossociologia (Université de Paris VII)
Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica/Instituto de Psicologia /Universidade de Brasília
Pesquisadora do CNPq
Coordenadora do PRODEQUI- Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas/PCL/IP/UnB
Psicóloga clínica, terapeuta de famílias e de adolescentes

[..Página Principal..](#)